



**Universidade Federal do Pará
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de História
Mestrado em História Social da Amazônia**

ELANE CRISTINA RODRIGUES GOMES

**VIDA MATERIAL:
ENTRE CASAS E OBJETOS, BELÉM 1920-1945**

Belém
2009

ELANE CRISTINA RODRIGUES GOMES

**VIDA MATERIAL:
ENTRE CASAS E OBJETOS, BELÉM 1920-1945**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós graduação em História Social da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em História. Orientador: Professor Doutor Antonio Otaviano Vieira Junior. (DEHIS/UFPA).

Belém
2009

ELANE CRISTINA RODRIGUES GOMES

**VIDA MATERIAL:
ENTRE CASAS E OBJETOS, BELÉM 1920-1945**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós graduação em História Social da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em História. Orientador: Professor Doutor Antonio Otaviano Vieira Junior. (DEHIS/UFPA).

Data de Aprovação: ____/____/2009

Banca Examinadora:

Professor Doutor Antonio Otaviano Vieira Junior – (DEHIS- UFPA)

Professora Doutora Cristina Donza Cancela – (Departamento de Antrop.-UFPA)

Professora Doutora Maria de Nazaré Sarges – (DEHIS- UFPA)

Professor Doutor Rafael Chambouleyron – (DEHIS- UFPA) (Suplente)

Aos eternos amores de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente ao Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia pela oportunidade de poder cursar o mestrado e amadurecer academicamente nesta longa trajetória marcada pelas conquistas e atropelos do cotidiano. O contato com os professores do programa foi um aprendizado que contribuiu para a elaboração deste trabalho e para a troca entre os professores e alunos a cada aula e orientação, a todos os professores meus agradecimentos.

Meus agradecimentos ao professor e orientador Dr. Antonio Otaviano Vieira, pelas orientações e leituras dos meus textos e pelos apontamentos e sugestões durante a construção da dissertação. O amadurecimento na escrita e nas discussões historiográficas não aconteceria sem a leitura minuciosa que os orientadores buscam a cada novo texto que compartilhamos, ao professor Otaviano, agradeço.

Agradeço as professoras Cristina Donza Cancela e Franciane Gama Lacerda que estiveram na banca de qualificação, por terem argumentado com presteza as fragilidades e a necessidade de rever conceitos e continuar avançando na pesquisa. Meu obrigada, pela atenção minuciosa que vocês deram a este trabalho.

Agradecimentos pela dedicação dos funcionários das instituições que pesquisei: Centur, Arquivo Público do Estado do Pará, Centro de Memória da Amazônia, Seurb, Codem. A todos os profissionais que trabalham diretamente no acesso a pesquisa, agradeço por terem contribuído, uma vez que este é um espaço ainda pouco valorizado pelo poder Público.

Aos colegas da turma de 2007, Ivo, Robert, Sinei, Sidiana, Benedito, Junior, Rosana, agradeço pela troca de experiência e por compartilharem das angústias que norteiam todos que se dispõem a continuar enveredando pela continuidade da pesquisa e tem em alguns momentos dificuldades e limitações. Foi uma satisfação acompanhá-los nesta trajetória.

Ao Caio, meu filho, agradeço pelo estímulo a cada dia pela busca de ser uma pessoa melhor. Entre minhas ausências, a sua presença foi fundamental para eu continuar acreditando em percorrer em busca de um amadurecimento profissional. Ao meu companheiro, Edvan, meus mais cúmplices agradecimentos, com ele divido minha vida e sentimentos, em todos os momentos. A vocês Caio e Edvan, meus eternos agradecimentos por serem os amores de minha vida.

Á minha mãe, meu amor eterno, ela foi e continua sendo um personagem fundamental na minha história pela busca do conhecimento, sem ela as dificuldades teriam sido bem maiores, a ela agradeço por tudo que sou. A minha família obrigada!

As gratas amigas, meus agradecimentos a Andrea, amiga indispensável que contribuiu tanto academicamente com sua experiência na pesquisa quanto na cumplicidade do dia-a-dia com suas conversas, agradeço pela sua sinceridade e a ternura de sua amizade. A Alessandra, também reforço meu carinho pela sua amizade, pela sua companhia e estímulo para continuar estudando. Aos amigos Tedy, Nélio, Marli, Simeia, Conceição, Tatsuo, meus agradecimentos por terem sido um espaço de conforto e de troca ao longo dos dias.

Meu obrigada ao amigo Alex por sua contribuição no levantamento das fontes, sua dedicação e competência ao pesquisar lado a lado durante a elaboração dessa dissertação. Ao Jonathas agradeço pela leitura minuciosa deste trabalho, e pelo seu permanente bom humor, que revisou passo a passo as linhas desta dissertação.

Agradeço a todos que contribuíram para a realização dessa dissertação e para o meu amadurecimento profissional. Este trabalho é uma construção ao mesmo tempo coletiva e individual, sozinha eu não teria conseguido, por isso todos indiretamente e de forma peculiar contribuíram para a sua elaboração.

Obrigada a todos!

“A casa é também o palco permanente das atividades condicionadas à cultura de seus usuários”

(Carlos Lemos)

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE ICONOGRAFIAS

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I: ORDEM E PROGRESSO: A CIDADE A CAMINHO DA “CIVILIZAÇÃO” MATERIAL.....	35
1.1 O DISCURSO REPUBLICANO: A MODERNIZAÇÃO DAS CASAS.	35
1.2 ILUSTRES MORADORES: URBANIZAÇÃO E HIERARQUIA.....	55
CAPÍTULO II: O COMÉRCIO DOS OBJETOS DOMÉSTICOS.....	73
CAPÍTULO II: O COMÉRCIO DOS OBJETOS DOMÉSTICOS.....	74
2.1 LOCAIS DE VENDA.....	74
2.2 A ORIGEM DOS OBJETOS DOMÉSTICOS.....	87
2.3 DIVULGAÇÃO E CONSUMO.	99
CAPÍTULO III: CONHECENDO OS CÔMODOS E OBJETOS DA CASA.....	114
3.1 OS COMPARTIMENTOS DA CASA	114
3.2 ENTRANDO NA SALA DE VISITA	118
3.3 A SALA DE JANTAR.....	138
3.4 ENTRANDO NA ALCOVA	142
3.5 A VARANDA: CONVERSANDO.... COMENDO.... TRABALHANDO	147
3.6 A COZINHA	149
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	157
FONTES	162
ANEXOS	176

RESUMO

A vida material na cidade de Belém é o palco da análise deste trabalho ao buscar compreender as relações sociais, econômicas e culturais através do universo das casas e objetos das famílias abastadas entre 1920-1945. As mudanças e permanências na forma de morar se fazia presente no discurso do poder público que paulatinamente com o discurso pautado na higiene buscou inserir práticas no cotidiano que interferiram nos interiores das residências e nas ações dos seus moradores. Pretendemos acompanhar os moradores no interior de suas residências, observando a chegada de objetos e hábitos que estavam pautados no conceito de civilização divulgada pelo Estado republicano. Assim nos propomos a observar as notícias da economia paraense e seu crescimento no setor da produção de móveis e os sujeitos que estavam atrelados ao consumo destes objetos, conhecendo os lugares de venda e compra de utensílios domésticos e suas formas de divulgação. Tentamos analisar a uso social dos objetos nos cômodos das residências e as transformações que estes provocaram entre seus usuários ao apresentarem vínculos entre vida material e práticas culturais.

Palavras-chave: vida material; famílias abastadas; utensílios domésticos.

ABSTRACT

The material life in the city of Belém is the stage of the analysis of this work, that seek to understand the social, economic and cultural relations through the universe of the homes and the objects of wealthy families between 1920-1945. Changes and permanences in the manners of living was present on the public power discourse, that gradually with a speech based on the hygiene sought to enter in the daily practices of its residents, which interfered in their actions and in the interiors of homes. We intend to accompany the residents within their homes, noting the arrival of objects and habits that were lined on the concept of civilization disclosed by the Republican State. So we intend to observe the news of the economy of Pará and its growth in the furnishings production section and the subjects which were coupled with the consumption of these objects, knowing the place of sale and purchase of household utensils and their disclosure forms. We try to analyze the social use of objects in the rooms of homes and the transformations among its users to submit links between material life and cultural practices.

Key-words: material life; wealthy families; domestic utensils.

LISTA DE ICONOGRAFIAS

Figura 1: Palacete Bolona.....	60
Figura 2- Fogão á gás disponível através de aluguel.....	92
Figura 3- Propaganda de fogões a gás.....	93
Figura 4- Geladeira Philco.....	94
Figura 5- Geladeira Electrolux.....	100
Figura 6- Refrigerador General Eletric 1945.....	108
Figura 7- Equipamentos domésticos.....	111
Figura 8- Rádio RCA Victor.....	126
Figura 9- Praça Siqueira Campos.....	131
Figura 10- Congoleum.....	134
Figura 11- Aparelhos Elétricos.....	153

INTRODUÇÃO

“A casa é também o palco permanente das atividades condicionadas à cultura de seus usuários” (Carlos Lemos)¹

O intuito de conhecer os inúmeros significados da casa para as famílias abastadas em Belém nos estimulou a percorrer pela cidade, observando suas residências, os hábitos de seus moradores e as transformações e permanências que a cidade sentiu paulatinamente ao longo de sua trajetória. A casa, seus objetos e moradores, parafraseando Lemos, é o palco deste trabalho, na medida em que o percurso pelas ruas nos leva a entrar no cotidiano das relações sociais e econômicas de uma cidade que recepcionava transformações e convivía com as permanências de um recente passado.

A circulação dos objetos da casa e as mudanças nas construções das residências no início do século XX são aspectos relevantes para analisar as alterações econômicas, sociais e culturais que acompanharam o processo de urbanização na cidade de Belém. Um constante aprimoramento do espaço doméstico e a obtenção de objetos que indicavam sentido de riqueza e conforto permitem indagarmos sobre valores tais como sinais de privacidade, ostentação e conforto nos espaços domésticos das residências das famílias abastadas entre o período de 1920-1945².

Para uma melhor compreensão ao leitor, a introdução encontra-se dividida em cinco intervalos: Temporalidade, Historiografia, Conceitos, Fontes e divisão dos capítulos.

TEMPORALIDADE

O intervalo de tempo que motivou este trabalho deve-se a uma intensa circulação de produtos domésticos na década de 20 em Belém, em função da propaganda e das facilidades para a entrada de produtos importados e nacionais. Não queremos afirmar que antes deste período não houvesse a presença de objetos domésticos nas residências paraenses,

¹ LEMOS, A. Carlos. **A República Ensina a Morar (melhor)**. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 25.

² Para o autor Luiz Valente o investimento no mobiliário doméstico não representava uma das principais formas de realização financeiras das famílias na primeira metade do século XIX, pois os espaços da casa eram preenchidos com poucos e toscos trastes domésticos o que muitas vezes não permitia a diferença entre a casa de uma família abastada para a de uma com menos posses. In: Guimarães, Luiz Antônio Valente. **As Casas & as Coisas: Um estudo sobre Vida Material e Domesticidade nas moradias de Belém-1800-1850**. Dissertação de mestrado: Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia. Belém, 2006, p. 139.

mas que a política de incentivos do Estado estimulou a vinda de estrangeiros e outros para investirem no comércio doméstico em Belém.

Segundo Weinstein a borracha bruta teria chegado a menos de um dólar e vinte centavos em 1910, iniciando um longo período de baixa na economia da borracha. A indústria local neste sentido teria crescido principalmente no ano de 1920. Os empreendimentos industriais do Pará, embora lentos em suas dimensões, mostraram-se lucrativos, pois o levantamento de 1918 constava dez fábricas produzindo mercadorias no valor de quinhentos contos de réis ou mais por ano, sendo que oito destas fábricas antecederam a crise da borracha.³

A crise da economia da borracha na década de 10 e sua extensão por mais dez anos é relevante nesta análise na medida em que a redução da produção da borracha ocasionou várias tentativas de parceria entre o Estado e o Governo Federal para amortecer a crise gomífera, o que de certa maneira favoreceu as indústrias locais na década de 20, aumentando a produção e circulação de móveis

A tentativa de perceber a cidade em meio às transformações no campo tímido, mas presente, da industrialização estimulou a tratar este período como fundamental para observar as adaptações de uma economia que foi dinamizada durante certo tempo pela produção da borracha. As alternativas e a extensão das atividades econômicas após a tão famosa Belle Époque, estão inseridas no âmbito das atividades que ganharam destaque na economia paraense e intensificou a circulação de objetos domésticos em Belém.

O crescimento das atividades atreladas à produção de móveis e utensílios domésticos como marcenarias, fábricas de vidro, lojas de ferragens, armazéns e lojas foi importante nas três primeiras décadas do século XX para dinamizar a economia local e estreitar os laços comerciais principalmente com São Paulo e Rio de Janeiro. Bem como através deste estreitamento criar estratégias de abastecimento durante o intervalo da Segunda Guerra Mundial, em que as empresas estrangeiras estavam voltadas para o esforço de guerra.

Não buscamos relegar a década de 1920 como o centro do comércio e da industrialização, mas destacar que há uma preocupação do Estado em viabilizar estruturas locais que atendam ao mercado interno com as leis de isenção de impostos intensificadas principalmente na década de 20.

³ WEINSTEIN, Barbara. **A Borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. São Paulo: Hucitec (Estudos Históricos), 1993. p. 270.

Dentre as tentativas do esforço de guerra, que a cidade acompanhou entre 1939-1945, houve um planejamento do Estado para alavancar a economia da borracha, o rompimento do Brasil com os países do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial permitiu a participação da Amazônia no conflito, e tal participação se deu através dos chamados soldados da borracha que constituíram a mão-de-obra no esforço de guerra nos seringais.⁴

No contexto da guerra, os Estados Unidos comprometeu-se a investir capitais na produção da borracha nativa, em troca da fixação de um preço base para a venda da borracha, o que garantiu o fornecimento desta para os países Aliados, com preço tabelado. Tal acordo assinado em 1942 foi denominado Acordos de Washington que envolveu o governo brasileiro e a agência governamental Rubber Development Corporation, visando estimular o soerguimento da economia gomífera.

Os bancos, firmas e comércios ligados à borracha ganharam um novo espaço neste período e permitiram uma maior circulação de produtos e pessoas que chegavam para trabalhar nos seringais ou mesmo nos espaços urbanos. Bechimol diz que a Amazônia viveu um intenso crescimento urbano, que abrigou imigrantes que buscaram sobrevivência nos seringais, e longe dos seringais, por não se adaptarem ao ambiente e condições, alguns passaram a habitar as periferias da cidade de Belém, o que por falta de infraestrutura gerou moradias precárias, despertando a atenção do Estado para a situação de precariedade nestas áreas.⁵

A cidade recebeu entre 1942-1945 a entrada de um grupo de imigrantes que vieram atraídos pela propaganda do Estado, que envolvia e atraía os imigrantes a defenderem a pátria do nazifascismo. Esse momento para Belém simbolizou investimentos, circulação de capital e enriquecimento para aqueles que desfrutaram dos lucros do esforço de guerra.

O bloqueio marítimo que os alemães fizeram na costa brasileira também é importante à medida que provocou uma crise de abastecimento que dificultou o acesso de suprimentos em Belém e Manaus, e com isso a escassez de alimentos e demais gêneros criou filas extensas nos Armazéns da cidade. A população mais pobre foi muito prejudicada, as quais receberam cartões de racionamento para comprar comida.⁶

⁴ NETO, José Maia Bezerra. **A Economia da Borracha e o Esforço de Guerra**: Os soldados da Borracha na Amazônia. In: Pontos de História da Amazônia, volume II.

⁵ BENCHIMOL, Samuel. **Romanceiro da Batalha da Borracha**. Manaus, Imprensa Oficial, 1992. p.228.

⁶ FONTES, Edilza. Baratismo e Nacionalismo: a Batalha da Borracha (1940-1945). In: **Contando a História do Pará, V.II: os conflitos e os grandes projetos na Amazônia contemporânea (século XX)**. /Maria de Nazaré dos Santos Sarges...[et al.]; coord. Edilza Joana Oliveira Fontes.-Belém: Emotion, 2002. p.64.

Apesar da crise de abastecimento durante a Segunda Guerra notamos que neste período o comércio de utensílios domésticos ganhou um amplo espaço nas residências, os leilões que saíam diariamente nos jornais dão indícios da procura dos objetos que eram arrematados. Bem como do fortalecimento de um mercado interno para superar a crise de abastecimento vivenciada por Belém.

A extensão da pesquisa até 1945 representou uma estratégia de notar como a massificação da propaganda contribuiu para “vulgarizar” a imagem dos objetos ofertados por empresas locais, regionais e internacionais. Além disso, ajuda a visualizar a construção de uma sociedade que caminhava em direção ao consumo de objetos que vendiam uma casa considerada confortável de acordo com os padrões da sociedade capitalista.

Entre as décadas de 20 30 e 40 a entrada do rádio, da vitrola, dos aparelhos elétricos nas residências de famílias abastadas constituiu uma perspectiva de moradia pautada na idéia de progresso e desenvolvimento, pois a casa deveria acompanhar as recentes descobertas de uma nascente engenharia doméstica. O rádio, com seus programas, passou a ser um meio divulgador das novidades do lar, um instrumento estratégico para invocar a clientela a comprar para sua casa formas de morar.

O intervalo entre 1920-1945 contribuiu também para visualizar permanências de práticas culturais que se fizeram atuantes nas residências, uma vez que apesar da intensa divulgação de uma vida doméstica moderna, persistiram ainda na cidade objetos ou práticas domésticas do final do século XIX ou de séculos anteriores. Isso permite indagar a continuidade de um passado que envolvia invenção e aceitação, ou seja, a demonstração de que nem todos estavam preparados ou tinham condições econômicas para aceitar os mais inovadores utensílios domésticos da engenharia.

HISTORIOGRAFIA

A urbanização no final do século XIX e início do XX, e as alterações na sociedade seja no espaço material como no comportamento, se fizeram atuantes na historiografia local através do trabalho de Maria de Nazaré Sarges. A energia elétrica, o bonde, as casas davam ares da modernidade, o que acabou ampliando possibilidades de pesquisa no que tange aos conceitos de civilidade e modernização e urbanização.⁷

⁷ SARGES, Maria de Nazaré. **Riquezas Produzindo a Belle Époque**. Belém: Pakatatu, 2002.

As estruturas materiais que a cidade recebeu no final do século XIX e XX são apresentadas por Sarges como uma necessidade de construir ou impor uma civilidade aos moldes europeus, refletindo na ação dos habitantes e paralelamente no significado de moradia, levado para os interiores das residências. Tal análise foi importante à medida que possibilitou analisar as mudanças e permanências que estava presente nos espaços urbanos, bem como as contradições sociais vigentes

O trabalho de Luiz Guimarães é indispensável a esta pesquisa por ter inaugurado no campo da vida material em Belém uma análise mais ampla para conhecer como os moradores entre 1800-1850 produziam suas condições de vida, demonstrando a tímida presença dos objetos nas casas. Permite também acompanhar as alterações nos espaços domésticos, produzindo relações sociais direcionadas ao uso e consumo.⁸ A cidade passou assim valorizar os domicílios, traçando um olhar mais detalhado para sua constituição material e sua forma, construindo elementos culturais compartilhados pelos sujeitos que buscavam inserir-se no processo de civilidade.

O trabalho de dissertação *As Casas & as Coisas*, de Luis Guimarães, apresenta-se como delimitador para esta pesquisa ao permitir perceber as alterações peculiares do século XIX no que diz respeito ao papel social dos objetos e seu significado para certas famílias, bem como observar a ausência dos objetos que se farão tão presentes ao longo do século XX.

As moradias são apresentadas por Guimarães no seu trabalho como um ambiente vasto para entender a dinâmica das atitudes dos moradores diante do hábito de morar, palpáveis em sentimentos como privacidade, intimidade e conforto. Dessa forma, não era preponderante uma divisão nítida dos cômodos da casa e dos móveis que ocupavam esses espaços, abrigando as tensões entre o público e o privado. Assim, acreditamos que as notícias da vida material fornecidas pelo autor contribuíram para analisar dentro do campo historiográfico as perspectivas metodológicas e de compreensão dos objetos no cotidiano dos moradores de Belém.⁹

O trabalho de Karol Gillet deve ser mencionado no âmbito da moradia em Belém, ao buscar compreender, numa linha tênue entre a arquitetura e a história, a diversidade habitacional em Belém no período de 1870-1910, destacando as construções modernas da Bellé Époque através de uma arquitetura européia, de forma que a moradia passou a ser signo

⁸ GUIMARÃES, Luiz Antônio Valente. **As Casas & as Coisas: Um estudo sobre Vida Material e Domesticidade nas moradias de Belém-1800-1850**. Dissertação de mestrado: Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia. Belém, 2006.

⁹ Idem, Ibidem, p. 45

da modernidade. Por outro lado, é importante lembrar, também, que esse projeto modernizador excluiu aqueles que não tinham uma moradia condizente com os ícones de riqueza da época.¹⁰

Dentro de uma análise da arquitetura das casas, Gillet associou a estrutura material com as transformações sócio-econômicas de um período econômico de favorecimento urbano que estimulou construções de formas burguesas de morar, materializadas em palacetes e sobrados, assim como visualizou formas de moradia popular em rocinhas, porões e chácaras.

As informações prestadas pelo trabalho de Barbara Weinstein proporcionaram o contato com as notícias da sociedade paraense entre 1870-1920, uma vez que retratou o apogeu e decadência da economia da borracha na região. Logo, os dados estatísticos estiveram presentes para estabelecermos um equilíbrio entre crise e decadência no período estudado, assim como serviram para respaldar a nossa análise sobre a expansão das atividades industriais por volta de 1920 em Belém, em um momento de readaptação com a redução da exportação da economia gomífera.¹¹

O momento econômico da produção econômica em Belém também foi abordado por Roberto Santos, que através de dados estatísticos analisou os setores de produção na Amazônia, porém sua análise reforça uma profunda crise na cidade durante a crise da borracha. Essa publicação da década de 70 trouxe uma visão centralizada em dados numéricos, tabelas, com a intenção de compreender o desenvolvimento da Amazônia, porém limitou-se a uma relação de causa e efeito entre a economia e a sociedade.¹²

Dessa forma, por ter se tornado uma referência para os pesquisadores que se debruçam sobre o período de 1800-1920, a obra de Roberto Santos, foi mencionada neste trabalho por fornecer dados sobre o crescimento da construção civil e dos serviços nos espaços urbanos da cidade de Belém, apesar de sua análise ter como foco os dados econômicos para explicar a sociedade.

Um olhar diante das memórias do período da guerra na cidade de Belém foi possível com a leitura do trabalho de Edilza Fontes, que através de pesquisa em documentos e da história oral procurou traçar os indícios deixados pelo passado da guerra e suas

¹⁰ SOARES, Karol Gillet. **As formas de morar na Belém da Belle-Époque (1870-1910)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2008.

¹¹ WEINSTEIN, op. cit., 270.

¹² SANTOS, Roberto. **História Econômica da Amazônia (1800-1920)**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980. p.273.

repercussões entre a população. Sua pesquisa permitiu compreender as alterações e ações do Estado no chamado esforço de guerra entre 1942-1945.¹³

Ao longo da década de 30 houve no Brasil bem poucos estudos no campo da vida material, estudos esses que buscassem perceber os elementos da vida material através dos objetos da casa, dos bens deixados por aqueles que morriam e seu significado para a sociedade da época.

A obra *Vida e Morte do Bandeirante* de Alcântara Machado na década de 30 destacou o significado e a influência dos bens materiais entre grupos sociais. O objeto doméstico ganhou, desta forma, um papel fundamental nas relações sociais. Os traços culturais desta cultura material mostram-se como uma forma de reconstituir o modo de vida dos bandeirantes, as transformações e os valores dos objetos, que passaram a serem analisadas como instrumento demarcador dos valores de riqueza ou prestígio social, explorando nos inventários e testamentos as minúcias da vida privada do bandeirante, observando estes nos seus atos, partindo-se do princípio de que freqüentando a intimidade destes sujeitos era possível entender suas atitudes.¹⁴

Os escritos da década de 30 mostraram-se como uma necessidade de inovar a pesquisa historiográfica, introduzindo temáticas que se distanciavam dos atos do governo ou da influência externa na história do país, e principalmente de relatos cronológicos, ampliando um espaço pouco conhecido anteriormente na história ou na sociologia. O cotidiano é visto como um elemento aparentemente oculto na busca da construção de uma identidade brasileira, que não teria sido desvendada na possibilidade de inquirir através do indivíduo as redes de relações e práticas culturais que cercavam os bandeirantes. O mobiliário, e os serviços da mesa, inseriram-se na história com a intenção de perceber a distribuição e acumulação de bens materiais, a dimensão da higiene e o padrão de riqueza dos sujeitos.

A carência de objetos, e entre estes de talheres, pratos, móveis, na casa brasileira, denotava uma escassez que podia ser comprovada nos inventários de fidalgos, ouvidores, entre outros cargos de reconhecimento público. Com os esparsos objetos, com meia dúzia de adereços, o luxo se relativizava quando o tema era mobiliário, uma vez que independente da riqueza dos moradores não apresentavam ostentação ou sinais de riqueza.¹⁵

¹³ FONTES, op. cit., p.64.

¹⁴ MACHADO, Alcântara. **Vida e Morte do Bandeirante**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo, 1980. p. 77.

¹⁵ Idem ibidem, p. 75

A inserção dos inventários na historiografia sob uma perspectiva da vida material contribuiu para notar e refletir sobre o padrão de vida dos bandeirantes; e ao longo dos anos com a descoberta intensa do ouro, o conteúdo dos inventários passa a trazer em seus arrolamentos o crescimento de bens tais como baixelas, prédios de “dois lanços” nas cidades, passando a importar produtos da Inglaterra, como vestimentas. Tal estudo demonstra como o padrão de riqueza pode influenciar o consumo dos sujeitos e na estrutura econômica da sociedade, esmiuçando a fortuna colonial e acompanhando como a partir do século XVII a situação econômica destes homens melhorava gradual e paralelamente com a posse de objetos de uso diário como sinal de fortuna e não de status.¹⁶

As notícias do período colonial através dos inventários e testamentos aproximou Alcântara Machado do cotidiano das pessoas, de suas últimas vontades, da casa e do seu interior ao arrolarem os bens do inventariado, identificando as relações sociais, a organização familiar, os descendentes, o valor dos bens arrolados e o significado dos mesmos para os seus proprietários.

A vida material ganhou ênfase na historiografia brasileira também a partir de estudos sobre o Brasil colonial tais como *Casa Grande e Senzala* e *Sobrados e Mucambos* de Gilberto Freyre (o primeiro publicado em 1933, e o segundo em 1936), ao apresentar o espaço do cotidiano acompanhado de uma leitura da cidade, inserindo aspectos tais como: a alimentação, a vestimenta e a moradia, permitindo uma detalhada descrição dos sobrados e mucambos. Os sobrados são apontados como espaços que expressavam requinte no material que era usado na sua edificação e nos móveis que ocupavam os compartimentos. Geralmente possuíam de um a três andares constituídos de sala de visitas, varanda, cozinha, estábulo, alcovas.¹⁷

A obra de Freyre permite observar como a organização da estrutura doméstica fornece elementos que dão indícios das alterações no padrão de riqueza, na posição social e econômica das famílias, assim como a organização doméstica e material, evidenciando a diversidade regional. Os tijolos, as vidraças, o granito, e a substituição da palha pela telha, buscavam acompanhar um conforto à européia, que significava no período sinal de nobreza da casa, uma vez que a telha era cara na época colonial. O sobrado era o modelo mais característico do espaço urbano. Tinha caráter patriarcal e atendia as funções comerciais e de residência na primeira metade do século XIX, onde as atividades da família patriarcal e já

¹⁶ Idem ibidem, p. 18-19.

¹⁷ FREYRE, Gilberto. In: **Sobrados e Mucambos**. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 192.

burguesa começavam a ganhar um significado com o mesmo luxo e largueza das casas-grandes.¹⁸

As produções mais recentes no Brasil sobre a vida material estão inseridas principalmente no período colonial, como *Vida Doméstica* de Leila Algranti, que através dos inventários realizou uma vasta pesquisa ao tentar recuperar os espaços de intimidade e suas atividades no interior das moradias, bem como analisar por meio dos objetos a tênue linha entre o mundo privado e público no Brasil colonial¹⁹. Assim como também Nelson Schapochnik que fez um incansável trabalho tendo como fonte cartões postais, álbuns de família durante a república, para identificar ícones da intimidade tais como os espaços da casa e seus objetos.²⁰

Ambos os trabalhos, de Algranti e Schapochnik, almejavam analisar a função social da vida material, construindo as relações sociais a partir de fotografias, da tecnologia, dos compartimentos da residência. Os autores apresentam assim uma íntima relação entre objetos e novas formas de convivialidade, porém em períodos históricos diferentes e com focos de análise peculiares a sua pesquisa.

Carlos Lemos, através de suas análises sobre a casa brasileira, permitiu um amadurecimento no acúmulo de dados acerca do significado da casa e seus compartimentos, a partir da criação de um planejamento para o uso das residências baseado na legislação. Lemos também apontou as novas perspectivas de moradia apresentadas pela república em São Paulo, o que provocou a racionalização dos compartimentos da casa e apresentou problemas da vida doméstica que precisavam ser alterados, como a higiene.²¹

A prática de morar na visão de Lemos é algo tão rotineiro que às vezes perde-se a dimensão das relações da habitação por aqueles que a cercam, não atentando para a sua forma de construção, recursos, materiais e distribuição do espaço. Logo, sua análise foi importante para perceber a casa como centro das atividades condicionadas á cultura de seus moradores para atender expectativas de ordem cultural.²²

¹⁸ Idem ibidem, p. 193.

¹⁹ ALGRANTI, Leila Mezan. "Famílias e Vida doméstica". In: SOUZA, Laura de Mello (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. S.P: Cia. Letras, 1997.

²⁰ SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: **História da Vida Privada no Brasil** v.3/coordenador-geral da coleção Fernando A. Novais; organizador do volume Nicolau Sevcenko. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

²¹ LEMOS, Carlos A. C. **A República Ensina a Morar(melhor)**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 19.

²² Idem, Ibidem, p.87.

O sistema doméstico na perspectiva da vida material foi analisado por Vânia Carneiro no contexto da cidade paulista entre 1870-1920. A autora centraliza a casa como peça chave para compreender as manifestações das relações de gênero no que diz respeito a construção de uma identidade feminina acompanhada de um ideal de domesticidade. Destaca também a transição de um novo modo de vida que disciplinava a organização interna dos domicílios, alocando diferenças para homens e mulheres.²³

Em seu trabalho *Gênero e Artefato*, Vânia Carneiro se apropriou de uma vasta documentação entre revistas, jornais, manuais de etiqueta, culinária, álbuns, fotografias, objetos, para observar como as relações de gênero são construídas nos interiores domésticos da casa e seus espaços. Seus testemunhos buscaram demonstrar como o gênero instituiu papéis a serem desempenhados pelos artefatos, como também é instituído ou se reproduz tendo o artefato como agente.²⁴

A análise de Vânia Carneiro foi pertinente para compreender a função social dos objetos na casa, bem como sua disposição e significado para os moradores. Pois a trajetória destes objetos é capaz de revelar aspectos de valores culturais e morais no grupo familiar.

Luiz Máximo em seu livro *A Cozinha Modelo* destaca a relação entre vida material e os interesses capitalistas das empresas fornecedoras de gás e eletricidade na casa paulistana entre 1870-1930. O autor não se ateu a uma análise da vida material e seus artefatos, pois buscou compreender o impacto que a entrada do gás e da eletricidade provocou no espaço da cozinha, modificando não apenas as relações espaciais internas da casa de habitação, mas também as formas de inserção no espaço urbano.²⁵

Os fogões e outros aparelhos de cozinha são mencionados por Máximo, mas sua análise estende-se a questões política, social, sanitária, econômica e ideológica, destacando o monopólio no fornecimento de gás e eletricidade pelas empresas fornecedoras, que através da publicidade procurou construir um modelo de cozinha que requeria que a população consumisse os fogões higiênicos a gás ou eletricidade. Sua reflexão foi importante à medida que abordou a cozinha e suas alterações e permanências, baseada no discurso do avanço e do progresso através do uso dos fogões a gás e eletricidade.

²³ CARVALHO, Vânia. *Gênero e Artefato* (Tese de Doutorado, FFLCH – USP, História Social, 2001. É importante dizer que a tese de Carneiro foi publicada e pode ser encontrada através da referência: CARVALHO, Vânia. *Gênero e Artefato: O sistema doméstico na perspectiva da cultura material-São Paulo 1870-1920*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2008.

²⁴ *Ibidem*, p. 13.

²⁵ SILVA, João Luiz Máximo. *Cozinha Modelo: O Impacto do Gás e da Eletricidade na casa Paulistana (1870-1930)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p. 43.

Para Fernand Braudel a vida material está inserida no cotidiano repetitivo, nos fatos miúdos, na rotina, porém a relação intrínseca entre cultura e materialidade invade a sociedade em todos os seus níveis, caracterizando maneiras de ser, de agir, de vestir, de comer, de morar, nunca sendo indiferente para os indivíduos que estão inseridos nas relações sociais. Assim, imagens do cotidiano solidificam-se no âmbito das casas, seus objetos e moradores.²⁶

O cotidiano dentro das estruturas materiais aponta cada vez mais para as necessidades dos sujeitos que circulam entre os espaços. Nessa perspectiva, a casa mostra-se como o ambiente anunciador das práticas e necessidades do dia-a-dia, e a vida material assume assim uma importância fundamental na concretização das ações, expressando como cada período histórico possuía as suas especificidades na constituição dos lares e na organização dos interiores domésticos da casa, delimitando a lógica da expansão da cultura material e seu tempo lento ou gradual.²⁷

Partimos da perspectiva historiográfica de Marie Pesez que entende a vida material como um conjunto de objetos que caracterizam uma sociedade, onde a casa e suas dimensões evocam a organização do trabalho, da construção, e detalha a distribuição da moradia de uma cidade. De forma que a história da vida material não é apenas um testemunho, mas sim uma forma de compreender as práticas culturais e sua articulação com as mudanças sócio-econômicas.

Segundo Marcelo Rede a relação de interação do objeto com a sociedade absorve os avanços e recuos da economia, dando novas dimensões ao seu uso e representações na sociedade, pois os valores simbólicos destes objetos podem ser mutáveis em uma mesma sociedade. A partir disso, atribui-se ao objeto o lugar de intermediador e parte integrante das práticas culturais de um grupo.²⁸

Na visão de Marcelo Rede, a França desde a década de noventa vem tentando realizar estudos de cultura material, porém nada até então era consistente para firmar uma sólida estrutura neste campo de pesquisa. Rede destaca nessa área os trabalhos como de

²⁶ BRAUDEL, Fernand. In: **Civilização material, economia e capitalismo séculos XV-XVIII**. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 17.

²⁷ Para Braudel os móveis e a casa nunca se modificam depressa, estes testemunham a lentidão de culturas que tentam conservar, manter, repetir. BRAUDEL, Fernand. In: **Civilização material, economia e capitalismo séculos XV-XVIII**. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 238-272.

²⁸ Marcelo Rede alerta para as generalizações do uso social dos objetos, a partir da percepção de que um mesmo objeto pode ter significados distintos no aspecto das individualidades atreladas a dinâmica do contexto que ele se encontra, aproximando cada vez prática social e representação.

Baudrillard, com o livro *O Sistema dos Objetos*, e de Braudel, sendo que o primeiro propôs uma análise a partir da semiologia para perceber a vida material na sociedade de consumo, porém com conceitos lingüísticos. O consumo também estimulou Fernand Braudel a percorrer as pesquisas de cultura material, mas, segundo Rede, não assegurou conceitos teóricos que afinassem aprofundados estudos da vida material.²⁹

Daniel Roche com a *História das coisas banais* buscou estudar a vida material através do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX, analisando como os objetos não estabelecem com os humanos apenas uma relação de materialidade ou de simples distinção social, eles representam contextos sociais que emitem informações e comunicações peculiares a uma temporalidade, ao permitir uma releitura da história econômica e social.³⁰

Os trabalhos direcionados para a vida material abriram um vasto espaço em termos de fontes de pesquisa tais como: inventário, testamento, notícias de jornais, fotografias, objetos, relatórios técnicos, legislação, revistas, entre outros, ampliando as possibilidades de pesquisa e debates historiográficos no âmbito da história da vida material.

CONCEITOS

Alguns conceitos precisam ser esclarecidos ao leitor para compreender a perspectiva adotada neste trabalho, ao mencionarmos conceitos como: famílias abastadas, espaço público e privado e conforto.

Propusemos-nos a analisar neste trabalho a vida material das famílias abastadas em Belém. Logo acreditamos que os proprietários dos móveis e casas aqui mencionados talvez tenham ocupado um espaço privilegiado no que tange ao aspecto econômico, o que não significa que todos desfrutavam de poder, compreendido aqui de acordo com Burke, como vantagens asseguradas por exercerem cargos que representem destaque social.³¹

Segundo Burke nem sempre poder, status e riqueza estão imbricados. Em certos casos aqui mencionados talvez *riqueza* e *poder* estejam relacionados, mas não devem ser analisados de maneira generalizada, uma vez que não intencionamos criar uma base homogênea entre os grupos, mas sim uma representação social que dentro de um conjunto de

²⁹ BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 23.

³⁰ ROCHE, Roche. **História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p.13.

³¹ BURKE, Peter. **Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do século XVII**. Brasiliense, São Paulo, 1991, p.27.

atitudes (o ato de morar, de fazer suas casas, de mobiliar suas casas) apresentavam traços de identidade cultural, capaz de definir a sua condição social.³²

Os sujeitos aqui mencionados podem ser compreendidos por suas ações no que tange o consumo dos objetos da casa e as características dos imóveis que possuíam. Logo, acreditamos que estes sujeitos compreendem um grupo de indivíduos que compartilham através de redes sociais valores culturais que podem ser observados em suas aquisições materiais e pelo significado social que tais objetos representavam para a sociedade paraense.³³

Talvez tenham sido sujeitos que interagiam economicamente e possuíam um estilo de vida semelhante, à medida que compartilhavam de propriedades de alto valor e móveis que simbolizavam o seu pertencimento a um grupo social. Um grupo que não pode ser formalmente definido, mas que estava principalmente nos centros urbanos e dialogava com as diferentes formas de inserir-se no processo de modernização da cidade.

Desta forma pretende-se observar o funcionamento do grupo doméstico a partir do viés material dos objetos em Belém, delineando seus proprietários e seus significados para a sociedade paraense, ao destacar suas especificidades.

Analisar os objetos, sua recepção nas casas mediante um crescimento no consumo dos mesmos e sua significação para os moradores nas residências, denota um dos objetivos deste trabalho, realizando-se assim uma representação dos objetos e das casas em seu caráter simbólico e social para compreendermos a configuração das relações sociais e sua interação com a vida material na construção de novos valores que anunciavam alterações de caráter econômico e social no interior das famílias abastadas paraenses.

O estudo da vida material em Belém apresenta-se como um caminho para visualizarmos padrões de moradias, que vão estabelecer-se na cidade na década de 1920, de forma que a leitura dos objetos constitua um caminho para observarmos as relações sociais e a ânsia dos moradores pela posse de uma casa com traços sofisticados e marcados por estilos mobiliários com características estrangeiras.

Tal estudo permite também analisar a imposição do poder público em determinar padrões de moradias que demonstrassem sinais de higiene, em contraposição as moradias que abrigavam uma grande quantidade de pessoas, insalubres, tornando-se abrigo de moléstias. As casas ocupadas pelas classes pobres não tinham janelas de vidro, eram escuras; os odores da

³² Idem ibidem, p.31

³³ HEINZ, Flávio. In: **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 10.

água suja e a fumaça dos fogões eram aspectos que precisavam ser repensados na busca pela higienização das casas e nos hábitos de seus moradores.³⁴

A preocupação com o uso de pianos, móveis, louças e talheres, dentro da história da vida cotidiana, contribuiu para associar a história da vida material no contexto da vida social, destacando-se um interesse por entender os objetos inseridos em relações sociais e não apenas em seu caráter descritivo.

Realizar um estudo tendo a vida material como ponto de partida requer buscar os objetos e as casas que estiveram presentes no cotidiano, assim, os inventários consistem em uma vasta fonte, uma vez que o arrolamento dos bens possibilita ao pesquisador conhecer em parte as minúcias das famílias que se preocupavam em inserir objetos domésticos nos inventários ou testamentos. Porém, durante a pesquisa o levantamento restringiu-se apenas aos imóveis, móveis e jóias que constavam nessa documentação, identificando valores e o estado de uso destes.

Conceitos como público e privado adquiriram maior notoriedade com a ampliação das cidades e a intervenção do poder público nos espaços privados, já que todo poder público é movido pelo privado, ou seja, pelos indivíduos que constituem a sociedade. O deslocamento das pessoas contribuiu para fundir vivências, experiências e tensões nos espaços. A dinâmica das capitais trouxe em seu contexto a desordem e o tumulto, mesclando a casa e a rua.

Izilda Matos compreende a relação entre público e privado como elementos sociais, culturais e historicamente redefinidos, uma vez que não existe uma polaridade entre eles. Essas categorias por serem historicamente construídas não são universais e possuem, dependendo da época, uma linha tênue que as separa; logo, a distinção entre o doméstico e o público foi firmada anteriormente na segmentação público-privado e se baseia na separação entre a vida privada da família diante do resto da sociedade.³⁵

A análise de Izilda Matos torna-se relevante para essa pesquisa pois nos faz perceber que a separação entre o público e o privado é algo histórico, não inevitável ou natural, mas que surgiu de uma forma de organização social que esteve relacionada aos valores de cada sociedade em seu tempo.

³⁴ BELTRÃO, Jane Felipe. **Cólera, o flagelo da Belém do Grão Pará**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Universidade Federal do Pará, 2004, p.219-220.

³⁵ MATOS, Maria Izilda Santos. **A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adorinan Barbosa**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2007. p.27-8.

Na colônia portuguesa, tais conceitos por volta do século XVI apresentavam significados muito tênues, pois a casa era um espaço dinâmico de trabalho e negociações. A arquitetura das casas coloniais cercadas por muros baixos aproximava os olhares vizinhos do interior das casas, fragmentando a intimidade dos domicílios. Porém é importante ressaltar que apesar de não existir uma distinção entre o público/privado na colônia em relação aos conceitos atuais, esta sociedade não é desprovida de privacidade, pois ela estava, ainda que fragmentada, presente na alcova.³⁶

Para Leila Algranti, os cuidados na arquitetura dos domicílios como as treliças não podem ser generalizados como preservação do contato íntimo com a rua, pois não eram suficientes para resguardar possíveis contatos com a rua e com os vizinhos, tão presentes nesse período. A própria divisão interna não propiciava a intimidade, o que talvez simbolize que a mesma não fosse relevante no cotidiano destes colonos.³⁷

Em meados do século XVIII e início do XIX notamos alterações sociais, econômicas e políticas que irão intervir na dinâmica da organização principalmente das famílias abastadas, já que se difunde um perfil de comportamento pautado nos valores burgueses e de lar como espaço de conforto e recolhimento familiar. O crescimento das cidades e da urbanização plasmou relações sociais e espaços, constituindo uma massa de cidadãos pobres e tidos como perigosos que foram perseguidos tanto na rua como em suas habitações.

No século XIX a diluição dos espaços estimulou a privacidade, a necessidade de reservar os pudores do domicílio e da família, aliada à idéia de propriedade privada, que era concretizada com a presença dos jardins, muros altos e os gradis de ferros, presentes nos palacetes, afastando a intimidade dos moradores do movimento das ruas. O conceito de privacidade foge ao limite da casa e amplia-se à vizinhança, construindo um padrão de privacidade controlada e estável.³⁸

Para Paulo Marins as casas e os espaços domésticos aos poucos foram submetidos à nova ordem do capitalismo industrial. O privado passa a ser controlado tanto pelos indivíduos que habitam as moradias como pela ordem imposta pelo Estado, e esse modelo de relações urbanas esteve atuante na especialização espacial e na segregação social

³⁶ ALGRANTI, Leila Mezani. Famílias e Vida Doméstica. In: **História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.84-154.

³⁷ Idem ibidem, p. 151.

³⁸ MARINS, Paulo Garcez. Habitação e Vizinhança: Limites da Privacidade no surgimento das Metrôpoles Brasileiras. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil: república da belle époque á era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 133.

implementada nas capitais brasileiras com a proclamação da República. O conceito de privacidade, a partir da República não se confundia mais com domesticidade, ou seja, com os limites da casa, mas abrangia também o convívio com os vizinhos, onde todos deviam seguir as mesmas regras, uniformizando o comportamento.³⁹

As observações de Marins são importantes para percebermos a relação entre o Estado e a população na medida em que as intervenções públicas estão diretamente relacionadas às formas de morar e viver, o que criava entre essas tensões sociais uma linha tênue entre a casa e o poder público.

A sociedade burguesa buscou separar o domicílio de suas atividades de trabalho, construindo o lar como espaço privado, onde em seu interior possuíam espaços: públicos, semi-públicos e privados. O adestramento do “corpo burguês” normatizou funções, atribuições e limites ao corpo feminino e masculino. Além de inserir valores que destacavam a necessidade de ostentar e transformar através da paisagem ou aparência de suas casas a riqueza, tornando mais freqüente a presença dos móveis e das festas.

O espaço privado passou a ser controlado não só pelos indivíduos, mas pela ordem imposta pelo Estado, que criou políticas de disciplinarização destinada às ruas e casas. Porém as contradições estavam presentes na paisagem urbana através da convivência entre classes privilegiadas e pobres no centro das cidades, denunciando que nem sempre a tentativa de civilizar o cotidiano e discipliná-lo por meio das habitações trazia resultados eficientes ao se tentar homogeneizar a vizinhança ou excluir as moradias populares das proximidades das classes abastadas.

Para esclarecer o conceito de conforto, Rybczynski afirma que essa noção desenvolveu-se historicamente, e adquiriu novos significados, ao longo das épocas. No século XIX o conforto foi auxiliado pela mecânica (luz, calor e ventilação), e a partir do XX as engenharias domésticas destacaram a eficiência e a conveniência. Logo, tal conceito está relacionado às estruturas econômicas, sociais e tecnológicas, porém as alterações ao longo do tempo sobre a noção de conforto não deve ser confundidas com a evolução tecnológica, pois nem sempre as recentes descobertas tornam obsoletas as mais antigas.⁴⁰

Objetos com a intenção de tornar agradável seu uso, como cadeiras estofadas ou com espaldar, reforçam a necessidade de unir utilidade, conforto e prestígio social entre as

³⁹ Idem ibidem p. 136

⁴⁰ Idem ibidem p. 235-236.

casas que serão visitadas ao longo deste trabalho. Assim, as famílias atrelavam conforto, comodidade, privacidade e individualidade à eficiência funcional dos móveis.

FONTES

O caminho deste trabalho de pesquisa inseriu-se na busca das fontes que contribuíssem para apresentar traços da domesticidade e da cultura material em Belém, delineando os objetos que ocuparam as casas e abasteceram o mercado de objetos domésticos na cidade. Inicialmente os inventários e testamentos do cartório Fabiliano Lobato⁴¹ contribuíram para visualizar os bens arrolados e os bens destinados a parentes e amigos. A descrição dos bens acompanhados de sua avaliação e valores permitiram o contato com os indícios da vida material nas residências.

O caminho a ser percorrido ao longo destes capítulos entre os cômodos, os móveis e seus moradores foi importante para conhecermos os proprietários, seu estilo de vida, suas atitudes e valores diante dos bens que possuíam. Desta maneira entendemos que estes sujeitos não consistiam num grupo homogêneo, em que simplesmente todos pudessem ser compreendidos como pertencentes a uma classe social abastada. Em vista disso, o critério usado para selecionar os inventários foi baseado principalmente na existência de bens móveis e imóveis no arrolamento dos bens, tal como no valor total dos bens do inventariado.

Conhecer o universo material em Belém entre 1920-1945 foi uma das tentativas deste trabalho. À medida que a pesquisa avançava no campo da documentação cartorária e nos jornais, foi possível perceber os significados construídos pelos moradores acerca de suas moradias e dos objetos que adquiriam. Traçando caminhos repetitivos de informações tão íntimas, os inventários e testamentos auxiliaram a traçar as tensões sociais que permeavam a vida cultural e material de uma sociedade.

A documentação cartorária do Judiciário, inventários e testamentos sob a guarda do Centro de Memória da Amazônia (CMA) paralelamente com a pesquisa no jornal Folha do Norte no período de 1920-1945 e o jornal Folha Vespertina (1940-1945), dispostos na Biblioteca Pública Arthur Viana (Centur), sendo que tais fontes nortearam este trabalho. Dos jornais foram utilizados principalmente anúncios de leilões e propagandas de venda ou

⁴¹ A documentação da 11ª vara do Cartório Fabiliano encontra-se sob a guarda do Centro de Memória da Amazônia (CMA).

aluguel de utensílios domésticos, catalogando imagens dos objetos e as diversas formas de venda no mercado local.

Durante a pesquisa na documentação cartorária foram transcritos duzentos e cinco inventários e sete testamentos, os quais foram selecionados de acordo com as informações referentes aos imóveis e móveis arrolados nos inventários. Os testamentos transcritos estavam juntamente com os seus respectivos inventários e auxiliaram a identificar certos objetos que não apareciam nos inventários e que eram deixados principalmente para parentes e amigos.

Foram transcritos e digitalizados cento e vinte um artigos de jornais entre propagandas e anúncios de leilões. A vasta documentação dos jornais Folha do Norte e Folha Vespertina que circulavam diariamente nos levou a selecionar os que seriam convenientes para essa pesquisa pois muitos artigos e anúncios repetiam a semana inteira, o que tornava repetitivo transcrevê-los.

A coleção de legislação do Estado e Município referente ao período da pesquisa também contribuiu para acompanhar possíveis intervenções do poder público no espaço privado voltado para a higienização, assim como para perceber os incentivos fiscais oferecidos pelo Estado às fábricas de móveis em Belém no intuito de estimularem a vinda de investidores de fora para a economia local.

Acompanhar a chegada de produtos domésticos que batiam à porta dos moradores em Belém, requer caminhar passo a passo pela publicidade exposta nos jornais, nos quais há uma diversidade de propagandas com argumentos e imagens, tais como marcas de produtos que envolvessem o comprador e servissem como instrumento de convencimento no consumo dos bens materiais atrelados às chamadas necessidades domésticas ou valor de uso⁴²

No percurso das notícias calorosas dos jornais anunciando e leiloando as inovações e permanências dos móveis e aparelhos elétricos, almejamos conhecer as relações de compra e venda do mercado de utensílios domésticos, delineando os objetos que circulavam no mercado local, o qual recebia produtos de outros estados e países estrangeiros. Traçamos o percurso dos chamados móveis estilizados e a adaptação local para atender um mercado consumidor, indicadores das apropriações de estilos estrangeiros às necessidades belenenses.

⁴² Para Karl Marx o consumo está inserido na esfera do valor de uso, no qual cada objeto é consumido por sua utilidade, que pode ser tanto “objetiva”-vital_ como “subjetiva”- cultural e psicológica. Marx, Karl. Introdução [á crítica da economia política]. In: GIANOTI, J. (org). **Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

Os anúncios no jornal Folha do Norte e na Folha Vespertina foram relevantes para demonstrar a entrada dos aparelhos elétricos na cidade e sua convivência com objetos que segundo a propaganda tornam-se ultrapassados em relação às descobertas da engenharia doméstica, apresentando ao público uma série de monogramas que expressavam a marca do produto e suas vantagens de uso. Construindo um padrão de moradia pautado na economia do tempo e no consumo necessário às necessidades domésticas.

É importante apontar que dos inventários pesquisados durante a pesquisa, apenas arrolamento de bens, partilha e o montante dos bens foi usado como referência. As demais partes do inventário auxiliaram na obtenção de informações que às vezes não se faziam presentes no arrolamento ou na partilha. Em relação aos jornais, a seção de leilões e propagandas constituiu como material de recorte para a elaboração desta pesquisa.

Os inventários nos fornecem, em parte, as informações sobre os investimentos que foram feitos em vida pelo inventariado, além de em algumas situações mencionarem como tais bens foram adquiridos. Dessa maneira, acreditamos que os personagens que aparecerão ao longo do texto podem ser compreendidos como indivíduos proprietários capitalistas, comerciantes, profissionais liberais, políticos, funcionários públicos, que de alguma forma acumularam riquezas através da aquisição de casas, móveis, ações, contas em bancos, assegurando um espaço de privilégio econômico em Belém.

Para Eni Mesquita os artefatos identificados nos inventários devem ser estudados considerando não apenas seu aspecto físico, mas também através dos elementos implícitos na sua própria existência, conhecendo assim sua origem, as práticas sociais, coletivas e individuais. Desta forma, abrem-se várias possibilidades de se entender o estilo de vida, a riqueza e a pobreza dos diferentes estratos sociais.⁴³

Ao longo da pesquisa notamos algumas limitações no que tange às informações emitidas pelas fontes, sejam estas cartorárias ou impressas, pois nem sempre quem produziu a fonte está preocupado em registrar dados que possam ser relevantes para o pesquisador. Assim como também encontramos fontes, como os jornais, que exacerbam a sua função divulgadora e que foram aqui mediadas com equilíbrio para evitar a predominância de um discurso da imprensa.

⁴³ SAMARA, Eni de Mesquita e TUPY, Ismênia Spínola Silveira Truzzi. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 64.

DIVISÃO DOS CAPÍTULOS

Ao entrar no ambiente privado das casas das classes abastadas na década de 1920 encontramos uma variedade de objetos que ocupam os interiores familiares de comerciantes, funcionários públicos, políticos, médicos, entre outros. Uma diversidade, acompanhada de móveis que em sua origem expressam a qualidade e a sofisticação. Móveis franceses, alemães, austríacos, ingleses, portugueses, açorianos que denotavam como circulavam nestas moradias objetos vindos de lugares longínquos que em certos casos representavam o símbolo da suntuosidade e sofisticação na casa paraense.

Entrar na sala de visita, na sala de jantar, percorrer pela varanda, chegar aos quartos e finalmente à cozinha é a intenção deste trabalho. Vamos bater à porta das residências paraenses almejando encontrar traços da vida doméstica dos seus moradores no interior dos domicílios. Tal exercício minucioso foi uma tentativa de buscar, através dos inventários, testamentos e jornais locais, as minúcias dos móveis e das casas entre 1920-1945, possibilitando a construção de representações da morada e da família a partir do consumo restrito de uma elite.

No primeiro capítulo **intitulado “Ordem e progresso: a cidade a caminho da “civilização” material”** tentamos apresentar as possíveis interferências do poder público nas residências e nos espaços público, baseados no discurso do progresso e da civilização, destacando a legislação e as pretensões no processo de urbanização da cidade. E paralelamente perceber como tal modernização foi vivenciado de diferentes formas, de acordo com as condições sociais e econômicas de seus moradores.

No segundo capítulo nomeado **“O comércio dos objetos”** pretendemos acompanhar a chegada dos utensílios às casas de famílias abastadas⁴⁴ que possuíam um alto poder aquisitivo, haja vista que os leilões e inventários trazem uma variedade de objetos descritos e detalhes da estrutura material dos domicílios. Objetos estes que de acordo com a época tinham disposições espaciais específicas nos cômodos de uma casa. Sua origem, sua constituição material, e a forma assumem assim significados que indicavam sinais dos valores sociais e o papel destes objetos na sociedade paraense.

⁴⁴ A semelhança dos objetos constatado nos leilões permite identificar que os objetos intermediavam valores como ostentação e conforto na dinâmica interna de um grupo. Assim a elite é pensada como um grupo que ocupava cargos públicos e privados com alto reconhecimento social e que dialogavam com valores culturais semelhantes no que se refere às moradias e aos objetos domésticos.

A intenção de estabelecer um diálogo entre a cidade e os domicílios adquire um significativo espaço quando a paisagem da cidade interfere nos recônditos das casas, alterando os espaços, a constituição material dos objetos e da casa. Isso estimulou uma intensa entrada de utensílios, ao demandar significados de ostentação e paralelamente de cuidados com a higiene pública e privada.

No terceiro capítulo intitulado “**Conhecendo os cômodos e objetos da casa**” almejamos delimitar os espaços das residências buscando conhecer a organização dos interiores domésticos, seus objetos e funções para seus moradores, percorrendo a casa através das mesas, cadeiras, camas, louças e sua disposição ao redor dos seus compartimentos e proprietários. A ocupação dos espaços, que se deu através de um consumo acelerado de objetos domésticos, proporcionou novos significados a estes e paralelamente novos indícios de valores de riqueza na sociedade. A proliferação dos objetos da casa possibilitou mudanças na vida material em Belém, visualizadas através do consumo e do seu significado para os moradores. O aprimoramento do mobiliário da casa deve ser observado neste capítulo a partir das modificações nas relações sociais, da urbanização e sua influência nas habitações, que estimularam a necessidade de consumo de objetos e serviços, acarretando intervenções diretamente na vida doméstica.⁴⁵

Ao longo desta introdução tentei apresentar o significado, as justificativas e os conceitos que contribuíram para tornar este trabalho uma possibilidade historiográfica de estudo da vida material ao descrever e analisar os objetos que compartilhavam do cotidiano dos sujeitos, e que ao mesmo tempo, estavam vinculados com as dimensões econômicas e sociais da cidade de Belém. Logo se trata de uma perspectiva de inserir o leitor a caminhar pela cidade, observando, através das casas e de seus objetos, o modo de vida, as práticas culturais, os significados de riqueza e conforto dentro das habitações das famílias abastadas paraenses.

O olhar que buscamos nesta trajetória no interior das residências foi uma tentativa de aproximar o leitor de um campo tênue entre o espaço privado e público, tão delicado ao ser analisado e que se encontrava inserido na complexidade do cotidiano e de suas ações. Apesar dos limites da documentação pesquisada e as possíveis lacunas que tenham ficado ao longo de

⁴⁵ De acordo com Bárbara Weinstein, na década de 1890 os rumos da cidade sofriam mudanças a medida que Belém tornava-se o lugar de residência principal da elite da região, que incluía fazendeiros, grandes seringalistas, comerciantes e profissionais liberais. O novo empreendimento público e privado concentrou-se em Belém, estimulando que ricos comerciantes passassem a transformar o mercado imobiliário em uma das atividades mais lucrativas. In: WEISNSTEIN, Bárbara. **A Borracha Na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920**. São Paulo: Hucitec, 1993 p.104-105.

sua construção, esperamos que este trabalho possa tornar-se um caminho para conhecer a vida material entre as casas, os objetos, os moradores e a cidade de Belém entre 1920-1945.

**CAPÍTULO I: ORDEM E PROGRESSO: A CIDADE A CAMINHO DA
“CIVILIZAÇÃO” MATERIAL.**

CAPÍTULO I: ORDEM E PROGRESSO: A CIDADE A CAMINHO DA “CIVILIZAÇÃO” MATERIAL.

O presente capítulo objetiva tratar interferências do Estado no espaço privado e público a partir de um conjunto de regras de normatização destinadas às residências, com o discurso de atender aos padrões de moradia considerados civilizados, tal como destacar as relações sociais vivenciadas por aqueles que tinham condições para atender aos padrões de moradia de uma cidade que caminhava para o progresso.

1.1 O DISCURSO REPUBLICANO: A MODERNIZAÇÃO DAS CASAS.

Intervenções públicas e privadas

Em seu relatório nas primeiras décadas do século XX, o intendente Antonio Lemos⁴⁶ chamava a atenção para a importância das visitas domiciliares para assegurar traços higiênicos e salutarés entre as famílias. Segundo seus dados, foram visitados em 1908 3.325 prédios, os quais haviam recebido a visita de médicos e sanitaristas, e destes apenas 387 teriam cumprido os melhoramentos sugeridos pela comissão sanitarista. Os dados demonstram a preocupação das autoridades com a higiene privada, mas acima de tudo, suas estratégias de ação para conter a sujeira, doenças e moléstias na cidade de Belém.⁴⁷

Um caso de peste, segundo informações de Antonio Lemos, havia surgido na cidade até mesmo em uma casa na qual os moradores sujeitavam-se às regras de higiene. E neste local os médicos se depararam com sujeiras, garrafas, um amontoado de imundícies. Talvez por essas ações tão particulares e também notórias no século passado, o século XX traga a permanência em seu discurso de uma intensa preocupação com a higiene privada e

⁴⁶ Antonio Lemos foi intendente da cidade de Belém no período de 1897-1910. In: SOUSA, Rosana de Fátima Padilha de. **Reduto de São José: história e memória de um bairro operário (1920- 1940)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2009.

⁴⁷ LEMOS, Antonio José de. **Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém: O Município de Belém**. Volume VII, 1908.

pública, daí as lixeiras irem aparecendo nas portas e as visitas sanitaristas se expandirem, com o intuito de colocar em prática valores de “bem estar” coletivo, ou de progresso coletivo.⁴⁸

A implantação das leis de higiene, segundo Lemos, demandava um longo tempo de adaptação e execução, por isso sempre destacava em seu discurso a longa duração que leva para serem postas em prática. A criação da lei necessariamente nem sempre resultava na obediência da mesma, por isso tais regras levavam de um a cinco anos até serem cobradas rigidamente pela intendência municipal.⁴⁹

Os empreendimentos realizados ao longo do mandato do intendente Antonio Lemos foram acompanhados de um planejamento político de negociações através de empréstimos e concessões de serviços, que muitas vezes favorecia parentes e lideranças políticas, como a realização de serviços públicos tais como a abertura de ruas, saneamento e esgoto, que acabavam representando, também, estratégias de barganha política.⁵⁰

O projeto modernizador buscou, nesse sentido, planejar residências, reformulando critérios no ato de morar, criando assim órgãos que pudessem auxiliar as leis municipais e impor hábitos pautados em conceitos de higiene, conforto e tranqüilidade social. É neste contexto que temos a formação das comissões de saúde pública, do Serviço Sanitário, transformados em vigilantes da salubridade pública na cidade.⁵¹

A modernização das casas pedia ar e luz em todos os cômodos, tornando a moradia um lugar arejado e saudável, porém lançava seu olhar também aos espaços públicos, pois buscou pavimentar, arborizar e urbanizar a cidade. A república, como aponta Carlos Lemos, exigia a sistematização no ato de morar, com definições precisas quanto à disposição dos cômodos e até mesmo do material a ser utilizado para a construção.⁵²

O problema da insolação mínima nos ambientes residenciais, segundo Carlos Lemos, foi uma das preocupações dos estudos do professor da Politécnica, Martins

⁴⁸ LEMOS, Antonio José de. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém: O Município de Belém. Volume VII, 1908.

⁴⁹ Acreditamos que o recuo ao século XIX se faça necessário, uma vez que instituições ligadas a saúde e leis criadas no século XIX perduraram na cidade, permitindo assim analisar as continuidades do tema saúde entre as autoridades como elemento preocupante, e que ganhou novos significados ao longo do tempo.

⁵⁰ Segundo Sarges Lemos concedeu a um grupo de capitalistas liderado por Salvador Ferreira a concessão para saneamento e abertura de ruas e avenidas do bairro do Reduto e Umarizal por um prazo de 90 anos. Ver SARGES, Maria de Nazaré. **Memórias do Velho Intendente**: Pakatatu, 2002, p. 144-145.

⁵¹ LEMOS, Antonio José de. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém: O Município de Belém. Volume VII, 1908.

⁵² LEMOS, C. A. C. op. cit., p.10.

Rodrigues⁵³; Tais pesquisas demonstram a preocupação vigente na época com o problema da umidade nos interiores e suas conseqüências para os moradores, assim como a necessidade de criar condições higiênicas na vida doméstica.⁵⁴

Construir um espaço harmonioso distante de doenças, mendigos e insalubridades eram perspectivas do projeto de urbanização, e a imposição de regras e novos ambientes proporcionou inúmeras interpretações e concomitantemente exclusão social, ao favorecer as classes abastadas e exigir principalmente das camadas populares a prática de comportamentos “civilizados”, pois entre estas tais medidas, na visão do Estado, deveriam ser urgentes.

A adoção de medidas que controlassem o crescimento populacional e a ocupação desordenada no centro urbano estava na pauta das autoridades. Tais medidas ocasionaram inevitavelmente contradições e tensões que Belém apresentava no que concerne às moradias, mas principalmente aos hábitos de seus moradores. Isso impulsionou, ainda no final do século XIX, a criação de um grupo de profissionais para fiscalizar a “desordem urbana” que contaminava e atrasava o desenvolvimento da população.

Art.1º O governo da província nomeará uma comissão composta de médicos e engenheiros para estudar a higiene desta capital e propor medidas e projetos de regulamentos relativos à salubridade pública.

Art.2º Entre as medidas e regulamentos que o estudo aconselharem, a comissão organizará os seguintes regulamentos:

Sobre a inspeção da limpeza de ruas e esgoto da capital.

Sobre edificação nova

Sobre fogões e chaminés de cozinha

Sobre salubridade de latrinas e salas de grandes reuniões.⁵⁵

A construção de uma cidade inserida nos recônditos dos parâmetros civilizatórios trouxe à tona valores e práticas culturais imbuídas por interesses de ordem disciplinadores e ordenadores diante do emaranhado de novidades trazidas pelo tão almejado progresso republicano. Era necessária uma reformulação nos critérios do ato de morar que já se faziam presentes ao final do século XIX e que achamos importante regressar ao mesmo, uma vez que tais leis tinham em média de dez a quinze anos para serem postas em prática, logo o retorno ao século anterior ao que é focado neste trabalho mostra-se importante pela longa duração no estabelecimento de tais leis.

⁵³ A cidade de São Paulo foi pioneira mundial na adoção de regras de estofamento científico para garantir a entrada de luz solar dentro das casas.

⁵⁴ LEMOS, C. A. C. op cit., p.11.

⁵⁵ Lei nº 732 de 27 de Abril de 1872. Coleção de Leis do Estado (Arquivo Público do Estado do Pará).

A edificação das casas e a arrumação de seus interiores inserem-se desta forma na conjuntura das políticas públicas de moradia salubre, construída na ideologia do progresso e da civilização de um Estado que buscava sanar os conflitos e as tensões sociais do início do XX. O discurso pautado na prática do desenvolvimento econômico, traçando a imagem de um país que caminhava para o progresso e as grandes realizações investidas pelos países civilizados, são ânsias presentes nas ações da república, as quais dessa forma vieram a intervir nas instâncias do mundo privado das moradias para impor classificações de moradias que deveriam seguir as regras sanitárias através de posturas e normas de moradia.⁵⁶

A elaboração de um imaginário nas últimas décadas do século XIX e início do XX baseado na existência de um caminho rumo à civilização, aperfeiçoando a moral e a vida material do povo, é uma das bandeiras acenadas pelo poder público municipal e Estadual, para o qual só a partir disso a sociedade entraria nessa marcha em direção à grandeza da nação. Nesse espaço de princípios e requisitos para a prosperidade, a ideologia da higiene pública⁵⁷ assume papel preponderante, e a ciência, com sua neutralidade, buscou conduzir os passos da população ao encontro da civilização, lançando campanhas saneadoras para garantir a ordem, a limpeza e a beleza dos ambientes públicos e privados.

O pensamento positivista, através da codificação de leis, códigos de posturas e de normas saneadoras, esteve atuante nas regras do código da polícia municipal. Uma intensa vigilância, coordenada por organizações de Serviço Sanitário agiriam conjuntamente com a população na árdua tarefa de normalizar a sociedade, sendo que as justificativas estavam assim balizadas na constante presença de epidemias entre as camadas pobres de Belém. As ações de Antonio Lemos na capital foram materializadas com inspeção e retaliações, e usava, para justificar tais ações, a ideologia da higiene como intermédio na condução dos cidadãos republicanos.⁵⁸

Na visão de Beltrão as reclamações da higiene estavam também na voz dos viajantes que por aqui passaram, pois a frequência de adjetivos como *sujo*, *escuro*, *mal arejada*, *enfumaçado*, para descrever as moradias paraenses no século XIX eram bem frequentes no vocabulário estrangeiro.⁵⁹

⁵⁶ LEMOS, Carlos A. C. **Casa Paulistana: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café**. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 1999. p.31.

⁵⁷ CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 35.

⁵⁸ SARGES, Maria de Nazaré. **Memórias do “Velho Intendente” Antonio Lemos**. Belém: Paka-Tatu, 2002.p. 116.

⁵⁹ BELTRÃO, Jane Felipe. **Cólera, o flagelo da Belém do Grão Pará**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Universidade Federal do Pará, 2004.p.87.

A presença de moradores que tentavam acompanhar as mudanças vivenciadas pelo espaço urbano, talvez seja uma possibilidade para visualizarmos as perspectivas de moradias e a arrumação dos interiores na medida em que nos proporciona caminhar pelas casas e seus interiores para conhecermos os significados dos objetos nas residências, assim como observar as relações que têm como palco a casa, inserida numa proposta que visava atender um padrão de moradia que se não fosse predominante era o que se almejava com a reforma urbana, inserindo a valorização e definição social do sujeito a partir de onde se morava e como morava.

Os olhares das autoridades públicas continuaram atentos por volta de 1920 com o tema da saúde pública e privada, em vista do fato de se constatar que mesmo com a redução dos índices de contaminação, as doenças se faziam presentes na cidade de Belém:

Precisamos fazer hygiene: é o problema do Pará; é o problema da Amazônia. Mas, precisamos fazer hygiene scientifica e com probidade profissional executada. O que temos, forçoso é dizel-o, não é hygiene que corresponda as nossas necessidades e á evolução que já atingimos.

A hygiene tem caminhado consideravelmente não só pelo progresso das sciencias, de que é tributária, mas também porque acompanha a evolução social. È por isso que o projeto entende muito de perto com o problema econômico e social. Social, porque visa a manutenção se não o aperfeiçoamento da raça pela melhoria das condições de saúde; tem alcance econômico porque todas as tentativas que houvermos de emprehender, no sentido de favorecer nossa economia em quaesquer dos ramos da administração, devem attender a esse capital precioso, que é a vida do homem.⁶⁰

Em seu discurso a 07 de Setembro de 1921 o recente governador do Estado Eurico Dutra expressava publicamente os desafios que norteavam seu governo. A hygiene nesse discurso assume um papel importante à medida que a compreende como necessária e atrelada às condições sociais e econômicas. Os males que assustavam a população e as autoridades estavam exatamente na proliferação de doenças como varíolas, febre amarela, verminoses, tuberculose, lepra, impaludismo, peste bubônica, e outras doenças tidas como endêmicas na época. A hygiene assume aqui uma função reguladora, de controle e prevenção.

O objetivo, de acordo com o discurso do governador, era usar a ciência como intermediadora na busca pela hygiene, seja ela pública ou privada. As vacinas, a hygiene no interior das residências, nos espaços públicos, serão o *tour de force* das atuações do poder público para garantir a redução das taxas de mortalidade na cidade de Belém. A probidade

⁶⁰ Mensagem Apresentada ao Governo Legislativo do Estado em Sessão Solene de Abertura da 1ª reunião de sua 11ª Legislatura a 7 de Setembro de 1921 pelo Governador do Estado Antonino Eurico de Souza Castro p.47. (Esta documentação encontra-se digitalizada no site da Universidade Nacional de Colômbia. Acessado dia 28/06/2009. <http://catalog.crl.edu/search~S1?/tbrazil/tbrazil/1,69,70,B/1856~b1546339&FF=tbrasilian+governme nt+document+digitization+project+ministerial+reports+1821+1960&1,1,,2,0>).

profissional consistia num corpo de funcionários com a missão de inspecionar possíveis ameaças a saúde pública.

Belém era o centro de atuação do serviço de higiene, que se dissipava para os interiores com a contribuição da Diretoria de Serviço Sanitário do Estado, da Prophylaxia Rural, Lepras e moléstias venéreas e o Serviço Sanitário Municipal, em que os dois primeiros estavam sob a administração do Estado, que custeava os gastos, enquanto o último tinha como esfera de atuação, exclusivamente, o município de Belém. Porém o papel destes setores seria na época atenuar, realizar profilaxias e combater a proliferação de doenças entre grandes aglomerados populacionais nos interiores e na cidade de Belém.⁶¹

A Higiene era um dos temas importantes discutidos pelas autoridades de Belém, e parecia denotar uma necessidade de praticar ações diretas baseadas em vacinações, visitas domiciliares, limpeza das ruas, campanhas de combate as doenças, ou seja, atuações que envolviam a população, seus costumes, suas moradias e práticas de higiene tanto nos espaços públicos como privados, omitindo as vezes a função preventiva que deveria ter sido realizada pelo Estado em anos anteriores, responsabilizando assim a população como o alvo principal na contribuição e manutenção das doenças que faziam parte do cotidiano da cidade de Belém.

O Serviço Sanitário em 1926 realizou a fiscalização de habitações domiciliares e coletivas, bem como de escolas, com o objetivo de orientar a população a se prevenir com medidas que afastassem as possibilidades de doenças infecto-contagiosas. A entrada do poder público nas moradias anunciava de certa forma possibilidades de modelos de moradias saudáveis, seja em hábitos ou em interferências na estrutura interna das casas, visto que sugeria, impunha e executava a adoção de práticas que as vezes fugiam ao padrão social das casas visitadas.⁶²

Havia veementes apelos do poder público contra as infames moradias edificadas na cidade, tidas como albergues de desocupados, algazarras, doenças e bêbados; o governo era enfático ao legar a esses moradores a responsabilidade da higiene pública, associando

⁶¹ Mensagem Apresentada ao Governo Legislativo do Estado em Sessão Solene de Abertura da 1ª reunião de sua 13ª Legislatura a 7 de Setembro de 1927 pelo Governador Dionysio Ausier Bentes p.51. (Esta documentação encontra-se digitalizada no site da Universidade Nacional de Colômbia Acessado em 28/06/2009.<http://catalog.crl.edu/search~S1?/tbrazil/tbrazil/1,69,70,B/1856~b1546339&FF=tbrasilian+governme nt+document+digitization+project+ministerial+reports+1821+1960&1,1,,2,0>).

⁶² Mensagem Apresentada ao Governo Legislativo do Estado em Sessão Solene de Abertura da 3ª reunião de sua 12ª Legislatura a 7 de Setembro de 1926 p.36 pelo Governador Dionysio Ausier Bentes p.51. (Esta documentação encontra-se digitalizada no site da Universidade Nacional de Colômbia Acessado em 28/06/2009.<http://catalog.crl.edu/search~S1?/tbrazil/tbrazil/1,69,70,B/1856~b1546339&FF=tbrasilian+governme nt+document+digitization+project+ministerial+reports+1821+1960&1,1,,2,0>).

dessa maneira moradias pobres às epidemias. Mas não nos enganemos, a preocupação não estava exatamente com os habitantes pobres, mas principalmente com os danos que os lugares tidos como “fétidos” e “contaminados” poderiam provocar para as classes dominantes. Ou seja, o projeto de expansão e modernização da cidade visava, sim, tornar as condições menos perigosas, mas para as classes abastadas.⁶³

O projeto modernizador da municipalidade belenense projetou uma cidade com palacetes, teatros, lojas, avenidas, praças, quiosques, traçando um perfil de urbanização controlador posto que cada espaço delimitava ações e comportamentos aos seus freqüentadores. A ampliação e conservação dos logradouros exigiam acima de tudo disciplina no ato de morar.

O sonho burguês da modernidade alimentou o imaginário das classes abastadas de várias capitais do Brasil e visava através do mundo material produzido pela urbanização construir um elo de aproximação entre a imagem que a cidade emitia e a harmonia de seus habitantes com os ícones do progresso material. A relação de equilíbrio entre hábitos e vida material se fazia necessária ao molde burguês de morar e viver em sociedade.

A reforma urbana deu-se em várias regiões do Brasil, trazendo em seu percurso novos comportamentos e relações sociais, talvez uma forma de garantir a tão almejada ordem republicana, códigos de posturas interferiram diretamente no ambiente privado e público, anunciando e impondo ações em prol de uma sociedade polida e controlada, a busca do autocontrole, ou a auto-observação do sujeito. Neste âmbito novas formas de conviver em sociedade mostraram a necessidade dos habitantes seguirem regras sociais ditadas pelo poder público.

Na visão de Márcia Barros consolidou-se em São Paulo e Rio de Janeiro um modelo de atenção à saúde pública que teria sua origem no mundo do trabalho, seus efeitos econômicos e políticos, que inaugurou uma fase repressiva que atuou sobre a população. Neste contexto novas formas de sociabilidades aparecem com o objetivo de moldar tais relações às necessidades capitalistas das classes abastadas. Logo o processo de urbanização e suas intervenções atingiram várias camadas sociais, agindo no que tange a higiene, regulando a moral e impondo costumes nos espaços públicos e privados.⁶⁴

⁶³ CHALOUB, op cit., p. 30.

⁶⁴ DA SILVA, Márcia Regina Barros. **O processo de modernização paulista: a medicina e o crescimento da cidade moderna.** Ver: <<http://www.Scielo.Br/SciELO.Php?Script=Sciarttex=S0102-01882007000100011>> (Acessado em 28.03.2009).

O tema da saúde em São Paulo foi parte do processo de intervenção capitalista na cidade, que estava inserida no projeto de urbanização com a função de auxiliar na construção de regras, visando adequar os diversos segmentos sociais ao ambiente urbano.

No Rio de Janeiro a urbanização representou uma forma de controle social ao ser atrelada ao discurso ideológico da higiene, para Sidney Chalhoub foi uma demarcação de territórios, ao expulsar as classes pobres tidas como perigosas das áreas centrais da cidade resultando na demolição de vários cortiços cariocas com o intuito de moralizar os costumes e justificar que o progresso material estava diretamente relacionado com os avanços na higiene pública. E o espelho a ser seguido era a Europa, uma vez que a prioridade de seus administradores ao caso da saúde estava acima de qualquer coisa, ao interpretá-la como um caminho para a civilização.⁶⁵

No Rio de Janeiro a política higienista foi bem recebida pelos empresários ao afastar as classes pobres do centro da cidade e valorizar os imóveis localizados nesta região, tornando exorbitante o preço dos imóveis e dos aluguéis. O crescimento urbano expandiu os interesses do empresariado e atrelou seus interesses econômicos ao discurso da limpeza e da ordem na cidade.

Em Belém o discurso urbanizador anunciado no século XX talvez estivesse associado às preocupações em inserir a cidade no mercado internacional do capitalismo e ao mesmo tempo estabelecer uma estratégia de controle à medida que o espaço urbano recebia imigrantes nordestinos e pessoas vindas do interior em busca de emprego. A expansão do espaço urbano e da população talvez tenha acenado uma preocupação de ordem pública e aumentado o fosso econômico entre ricos e pobres dentro do sistema capitalista.

A população de Belém em 1920 era de 144.692, número que passou em 1940 para 169.141⁶⁶. Os números se ampliaram também em função da chamada “Batalha da Borracha” que provocou um crescimento de imigrantes nordestinos e sulistas, sendo que alguns não seguiam para os seringais e resolviam buscar no centro urbano alternativas de sobrevivência quando a crise apontava.⁶⁷ Logo as dificuldades urbanas eram fortes desafios às autoridades, que não conseguiam atender a demanda populacional.

O que podemos pensar sobre a Belém do século XX é que a mesma apresentou mudanças nas estruturas materiais, porém a persistência de problemas como abastecimento de

⁶⁵ CHALLOUB, op. cit., p. 34.

⁶⁶ Anuário de Estatística do Pará. Instituto de Estatística do Pará. Belém-1926.

⁶⁷ BENCHIMOL, Samuel. **Romanceiro da Batalha da Borracha**. Manaus, Imprensa Oficial, 1992. p.252.

energia, de água⁶⁸, iluminação, persistiram e prolongaram-se despertando críticas principalmente de fábricas que tentavam se instalar na cidade. A urbanização não criou um modelo de cidade, mas permitiu uma diversificada maneira de viver e sentir os progressos materiais tão almejados pelo poder público.

A implantação de indústrias para o poder público era sinal de caminhar rumo a um futuro que não podia basear-se apenas na agricultura. Não era possível ficar esperando apenas pelos lucros da borracha, por isso o governador Dionysio Bentes sugeria a ampliação das indústrias, estimulando a construção de ferrovias e a expansão do fornecimento de energia, para atrair possibilidades de instalação de fábricas na cidade de Belém.⁶⁹

O olhar sobre uma Belém com traços contraditórios e diversificados ajuda a compreender a configuração de novos caminhos econômicos após a redução da produção da borracha, uma vez que novas estratégias se fizeram presentes entre sujeitos envolvidos com a indústria. Segundo Weinstein a borracha bruta teria chegado a menos de um dólar e vinte centavos em 1910, iniciando um longo período de baixa na economia da borracha. Mesmo com esse quadro de crise no setor da borracha, a indústria local neste sentido teria crescido, principalmente no ano de 1920.⁷⁰

Para Roberto Santos, a queda na exportação da borracha que caíra de 37.178 em 1912 para 24.713 em 1918, representou uma série de reajustes no sistema econômico da Amazônia. Com o intuito de evitar uma crise mais acentuada, paulatinamente houve no Pará um aumento no número de estabelecimento e de operários industriais que em 1920 possuía cento e sessenta e oito estabelecimentos para 3.033 operários.⁷¹

O crescimento dos espaços comerciais e o aparecimento das indústrias em Belém, não deixam de ser alvo do interesse daqueles que em meio aos atropelos econômicos buscavam serviço para sobreviver. Bairros como Umarizal e Reduto eram alvos de moradias operárias, de circulação de sujeitos de vários setores sociais e principalmente de transações

⁶⁸ No relatório de 1927 o diretor do Serviço de Águas queixava-se do deterioramento do material que auxiliava o abastecimento de água e lamentava o desperdício dos consumidores, os valores arrecadados em impostos não conseguiam suprir a renovação da estrutura que fornecia água. Logo houve neste mesmo ano, a necessidade de trocar duas bombas de abastecimento que vieram dos Estados Unidos, caso contrário os serviços seriam totalmente paralisados. Mensagem Apresentada ao Governo Legislativo do Estado em Sessão Solene de Abertura da 1ª reunião de sua 13ª Legislatura a 7 de Setembro de 1927 pelo Governador Dionysio Ausier Bentes p.113. (Esta documentação encontra-se digitalizada no site da Universidade Nacional de Colômbia Acessado em 28/06/2009. <http://catalog.crl.edu/search~S1?/tbrazil/tbrazil/1,69,70,B/1856~b1546339&FF=tbrasilian+governme nt+document+digitization+project+ministerial+reports+1821+1960&1,1,,2,0>).

⁶⁹ Idem ibidem p.

⁷⁰ WEINSTEIN, Barbara. **A Borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. São Paulo: Hucitec (Estudos Históricos), 1993. p. 105.

⁷¹ SANTOS, Roberto. **História Econômica da Amazônia (1800-1920)**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980. p.273.

econômicas que estavam inseridas na dinâmica da cidade. No entanto, esse espaço, urbano sem um planejamento definido, passou a conviver com a contradição de uma reforma urbana excludente que não pretendia preocupar-se com as classes pobres, mas sim estabelecer relações de poder e controle social.

Segundo Rosana Padilha a questão da habitação popular no bairro do Reduto passou a preocupar o poder estatal através dos discursos higienista, baseada na idéia de que a casa pobre era depositária de doenças. Logo a construção de vilas operárias foi apontada pelas autoridades como uma solução para atenuar moradias tidas como desordenadas e sujas. Porém essa também era uma forma dos patrões controlarem seus operários, uma vez que tais vilas eram próximas as fábricas e consistia também numa forma de lucro para os donos da fábrica á medida que cobravam aluguéis exorbitantes de seus operários para estes habitarem nas chamadas vilas operárias.⁷²

Entre ruas e avenidas, casas e moradores a cidade de Belém expressou a forma de morar através de suas propriedades e dos interiores de sua morada, imagem concretizada na divisão das casas e nos móveis que ocupavam as residências das famílias que se preocupavam em transportar para o espaço familiar ares de conforto, suntuosidade e ostentação.

A produção da borracha desempenhou um papel importante neste contexto quando notamos como a dinâmica social e econômica recepcionou os lucros e investimentos deste produto no mercado e na acumulação de riquezas. A infra-estrutura passa a ganhar uma solidez que visava atender a demanda da exportação e de circulação de mercadorias.

As estruturas materiais da cidade ampliam-se com o intuito de atender um mercado consumidor que se formava e disseminava formas específicas de consumo e sua íntima relação com os padrões de civilização e higiene.

Notícias da economia paraense

A industrialização em Belém deu-se de maneira gradual e ganhou um impulso considerável a partir do comércio do látex, uma vez que era necessário buscar meios para atender o crescimento e o beneficiamento da borracha. A implantação de recursos com

⁷² SOUSA, Rosana de Fátima Padilha de. **Reduto de São José: história e memória de um bairro operário (1920- 1940)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2009 p.82.

investimentos concentrou-se entre 1870-1910, com fábricas de artefatos de borracha, calçados, alimentos, tabaco, cerveja, perfumaria, sabão, serrarias.

Segundo Leila Mourão, em 1920 ocorreu um crescimento na produção de mercadorias de consumo interno no que no tange o setor de mercadorias não duráveis, setores estes que ganharam impulso com o comércio de cacau, borracha, pimenta, gado e também do capital bancário. Neste âmbito vivencia-se a transformação da mão-de-obra familiar em empresa manufatureira, atingindo a exportação para a Europa e os Estados Unidos.⁷³

No Pará até início do século XX não havia sido feita nenhuma política industrializante autônoma, ela limitou-se apenas à construção de uma legislação normatizadora de instalação e à concessão privilegiada por certo período a alguns ramos de atividades. Nesse contexto as concessões foram dadas, porém o Estado não correspondia na construção de infra-estrutura para atender aos incentivos ou atrair investidores. A energia elétrica foi um problema vigente pois não conseguia atender a demanda de funcionamento das indústrias, com a usina elétrica do Pará.

A cidade de Belém teria se tornado na concepção de Mourão em um centro escoador de produtos exportáveis de capitais, transformando-se no maior aglomerado urbano do Estado do Pará. Tal percurso só teria sido alcançado a partir de dois pontos de partida: a existência de atividades manufatureiras ao longo de mais de um século, apesar de ter sido limitada; a outra seria uma “luta” realizada por certos grupos sociais para ampliar e instalar um parque industrial regional, adequado as condições locais, setores esses presentes na figura de Tavares Bastos, Tenreiro Aranha, Souza Franco, Domingos Antonio Raiol, Tito Franco de Almeida e Serzedêlo Correa.

Dentre as fábricas que se destacaram neste percurso, a Fábrica Freitas Dias, fundada em 1861, de propriedade de J.S. Freitas & Cia, ocupou mais de 400 operários e realizou obras de construção civil, produção de pregos, móveis, imóveis e objetos de ferraria e carpintaria. A atuação dessa fábrica ganhará mais detalhes nos demais capítulos à medida que destacarmos o significativo papel que desempenhou em Belém no que diz respeito aos interiores domésticos através da fabricação de móveis que habitavam as residências paraenses.⁷⁴

⁷³ MOURÃO, op. cit., p.18.

⁷⁴ Idem ibidem, p.32.

O crescimento econômico da cidade de Belém ao final do século XIX e início do XX no que diz respeito ao aumento de serviços, lojas, fábricas e circulação de mercadorias expressa as adaptações e permanências que a elite econômica buscou para manter-se em posição privilegiada mesmo com a redução da exportação do látex na primeira década do século XX. A manutenção de uma cidade em constante desenvolvimento demonstra a inserção e o fortalecimento de algumas atividades e práticas econômicas adotadas para assegurar o tão almejado progresso.

Os traços da Belle Époque são ressignificados dentro das particularidades do século XX, e paralelamente constrói-se uma necessidade de modernização na produção local, estimulando a abertura de fábricas e comércios que contribuíssem para o trajeto da industrialização. As dificuldades pela falta de infraestrutura para acelerar o processo produtivo mostrou-se como um enorme desafio a classe empresarial paraense.

Contas em bancos, ações, firmas, lojas, são possibilidades apontadas nos inventários como estratégia de perpetuação e multiplicação dos bens. Os anos 20 diversificaram em parte a produção econômica, com uma variedade de estabelecimentos de pequenas manufaturas como: A Fábrica Palmeira (pão, café, açúcar refinado, biscoitos, caramelos), a Fábrica Freitas Dias (objetos de ferraria, funilaria, carpintaria, construção civil), Usina Victória (óleos), além de jornais que passaram a circular como a “Província do Pará” e a “Folha do Norte.”⁷⁵

Em Belém os ensinamentos para profissionais em diversos ofícios foram ofertados através do Liceu Paraense que dava cursos secundários e comerciais, o objetivo era fornecer uma instrução técnico-profissional relativo á indústria, e já no início do século XX cria-se o Instituto Lauro Sodré com a mesma função profissionalizante.

Acompanhar as alterações sociais e econômicas da Belém do final do século XIX mostra-se relevante a partir do momento em que buscamos perceber como a cidade recebeu e modificou-se a partir das inúmeras atividades econômicas que dinamizaram a economia refletindo na paisagem da cidade e no comportamento de seus habitantes. Um passo atrás no tempo contribuirá para notarmos as permanências e rupturas que se estabeleceram em Belém a partir das novas instâncias de produção econômica, seja através da goma elástica, da exportação de cacau, ou das atividades ligadas ao comércio.

⁷⁵ Idem ibidem p. 33.

Os crescimentos populacionais entre 1900 e 1920 refletem alterações nas cidades, e os censos demonstram as taxas populacionais, tais como de serviços que buscavam atender aos habitantes do espaço urbano. As atividades industriais e comerciais ganham espaço dentro da própria construção física da cidade, o que não representou a finalização ou a redução de outras atividades, pois é relevante destacar o aparecimento de outras atividades associadas à urbanização e ao crescimento das cidades.⁷⁶

População no Censo Demográfico

ANO DE 1900		ANO DE 1920	
Brasil	17.438.434	Brasil	30.635.605
Norte	695.112	Norte	1.439.052
Pará	445.356	Pará	983.507

Fonte: Tabelas fornecida pelo sistema IBGE de recuperação automática-SIDRA

Os dados do censo realizado em 01 de setembro de 1920 apontam uma população de 983.507 habitantes no Estado do Pará com um total de 168.111 formados de profissionais liberais, demonstrando como outros setores ganharam espaço na segunda década. Entre os profissionais liberais talvez estivessem aqueles que eram intitulados de capitalistas, por terem adquirido suas rendas através de ações de firmas, propriedades de imóveis e de parte de fábricas ou lojas na cidade.⁷⁷

Acreditamos ser importante demonstrar o andamento da economia entre o final do século XIX e o início do XX para notar a continuidade e as alterações no âmbito das relações econômicas, tais como as adaptações que foram feitas com a redução da exportação do látex, acenando novos caminhos para aumentar a renda e os bens das famílias abastadas.

Os indícios apontados pela documentação cartorária na segunda metade do século XIX demonstram como ares de crescimento pairavam sobre a economia. O açúcar e a criação de gado foram importantes a certas famílias. O II Barão de Jaguarari e sua esposa Joaquina de Paula Henriques da Silva Pombo, o primeiro nascido em São Luiz, de nome Marcos Antonio

⁷⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Recenseamento do Brasil 1920. Volume IV 5ª parte Tomo I.

⁷⁷ Sistema IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de recuperação automática-SIDRA.

Bricio, é um caso a ser analisado para percebermos o crescimento econômico de Belém e as possibilidades de riqueza no século XIX, pois nos autos de testamento e do inventário do casal são mencionados vários bens tais como escravos, pratarias e moradas, nos indicando prenúncios de uma família que acumulou riquezas no final do século XIX. Os bens mencionados no inventário descreviam: Bandejas, paliteiros, colheres de prata dos mais variados tipos, oitavas de prata, jóias, terrenos, e quartos de morada aparecem descritos e avaliados.⁷⁸

O barão faleceu em 1861 e sua esposa posteriormente em 1875. Ela em seu testamento afirma não ter herdeiros, e com isso lega seus bens a seus sobrinhos, os quais receberam quartos de morada, jóias, escravos, utensílios de cozinha de prata. A quantidade ou valor das jóias não aparece no testamento, são apenas mencionados e não constam no arrolamento dos bens em seu inventário. Deixou oito quartos de casa, escravos, um terreno localizado na quatorze de Março e jóias com seus sobrinhos José Bricio da Gama Alves e Ester Pombo da Gama e Alves. Os bens continuam ainda na prataria: leiteiras, 44 colheres de sopa, 46 colheres de chá, colheres para arroz e bandeja com seu devido peso medido em oitavas e avaliados.

Percebemos nos bens do casal signos de riqueza como propriedades de terrenos e quartos de morada, utensílios de cozinha em prata e escravos. Ao mencionar no arrolamento tais bens, notamos que os mesmos constituíam formas de investir ou de materializar a riqueza de uma família, com a entrada de objetos considerados luxuosos e caros como, por exemplo, pratarias à mesa, os quais estavam ao alcance do consumo de poucos. Esses indícios nos ajudam a compreender a relevância que os utensílios ganharam nas residências de famílias abastadas; no século posterior ganharão outro espaço nessas relações sociais, e que por isso serão abordados nos capítulos seguintes.

A dinâmica da economia paraense estava voltada a vários ramos, seja da agricultura, extrativismo e comércio, e nesse contexto as alianças familiares, segundo Luciana Marinho, eram pressupostos para a reiteração de uma hierarquia desigual, visto que os indivíduos procuravam realizar diferentes tipos de alianças sociais (parentais e de amizade) com o objetivo de conquistar ou manter uma posição diferenciada na sociedade que integravam. Assim redes de relações sociais são construídas ligando famílias envolvidas com o comércio e as famílias tradicionais de proprietários rurais, evidenciando uma intrínseca

⁷⁸ Autos de Testamento da Baroneza do Jaguarary 1875. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, (Centro de Memória da Amazônia/ UFPA).

relação entre grupos sociais de ramos comerciais diferentes, que almejavam demarcar seu espaço na sociedade.⁷⁹

As afirmações de Marinho nos ajudam a compreender o cenário da segunda metade do século XIX na perspectiva econômica, e demonstram a diversidade e a movimentação da economia local, fazendo-nos repensar a economia da borracha como um fenômeno endógeno à sociedade, uma vez que sua prática já estava presente e ganhou investidores de longa data.

Segundo Cancela a economia diversificou-se e dentro dos limites regionais a borracha sofreu flutuação em sua cotação em 1860, acompanhada de uma queda em 1870 para consolidar-se ao final desta mesma década. No final de 1870 a produção da borracha foi de 10% do comércio exterior do Brasil, elevando-se para 24% em 1885. Porém ao lado da produção da borracha permaneciam outros produtos de exportação em escala menor.⁸⁰

O complexo e diversificado comércio que a cidade acompanhou é relevante para perceber as mudanças que ocorreram no espaço urbano e de que forma tais relações permitirão entender os valores de riquezas atribuídos pelos seus habitantes e como serão usufruídos ou aplicados seus investimentos, assim como observar as mudanças na paisagem urbana e as interferências do Estado nos espaços privados e públicos.

A estrutura comercial de certa forma tornou mais acessíveis determinadas mercadorias na cidade, lojas, ruas, armazéns, e por sua vez o teatro e o cinema contribuíram para o consumo e uma maior circulação de produtos estrangeiros em Belém. No final do século XIX uma infinidade de objetos domésticos podia ser visualizada em jornais e inventários, demonstrando como o crescimento do comércio despontava e elevava o nível de consumo daqueles que possuíam meios para adquirir bens.

As famílias abastadas possuíam nas suas residências aparelhos de jantar de prata, porcelana inglesa, japonesa, portuguesa, móveis de estilo europeu, espelhos, lustres, camas, cômodas, serviço de prata para chá, aparadores, imprimindo sua riqueza na aquisição de objetos. Nos inventários do final do século XIX as descrições minuciosas nos levam a pensar

⁷⁹ BATISTA, Luciana Marinho. **Muito Além dos seringais: elites, fortunas e hierarquias no Grão-Pará, 1850-1870**. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós Graduação em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004 p. 162.

⁸⁰ CANCELA Cristina Donza. **Casamento e relações familiares na economia da borracha (1870-1920)**. Tese doutorado no Programa de Pós Graduação em História econômica do Departamento de História USP, Filosofia, Letras. São Paulo, 2006 p.53.

que tais objetos possuíam um valor monetário importante ao serem arroladas nos bens familiares.

A viúva Thomasia Loureiro em 1890 afirmava não ter herdeiros de seu casamento com José Nunes Ribeiro, que teria sido administrador do Correio neste Estado; assim; a inventariada deixou seus bens a um filho adotivo chamado Manuel Cantitiano, que teria sido filho de sangue, de uma ex-escrava sua. A herança legada ao seu filho nos chama atenção para a quantidade de objetos domésticos que estava no arrolamento dos bens, juntamente com jóias e propriedades, objetos do cotidiano são dessa maneira lançados como importantes no montante da descrição avaliada de sua herança:

mesa de jantar ordinária, 2 pares de castiçais de vidro, 1 concha de sopa de prata, 3 duzias de pratos, 1 mesa de jantar de moguão, 2 cadeiras ordinárias, 4 bules, 2 duzias de xícaras e pires, 3 frigideiras, caçarolas e 3 panelas, 2 mesas pequenas, 1 comoda, 1 espelho, 3 barril de madeira, 1 bacia de água, 3 duzias de pratos, 8 copos, 2 pratos de travessa, 6 talheres, 2 vasos.⁸¹

Notamos que os dois inventários mencionados do século XIX mostram-se importantes para notarmos como os sujeitos investiam seus dinheiro. À medida que os objetos da casa aparecem, cada vez mais acreditamos que uma parte significativa dos bens era atribuído aos móveis. Porém ao nos aproximarmos do século XX é perceptível a redução da presença dos móveis e utensílios, o que dá lugar para a entrada de ações de firmas, imóveis, cadernetas em bancos, entre outros.

Os inventários talvez estejam anunciando mudanças quanto à importância que estava sendo dada aos bens, a redução dos móveis e roupas podem expressar sinais de uma economia que atravessava o caminho da especulação e da multiplicação através de empréstimos e investimentos em bancos que provinham mais de uma profissão liberal, funcionalismo público e do comércio do que da produção do látex ou da produção agrícola.

A modernização pensada pelo projeto urbanizador através de hábitos rígidos, matematizados, influenciou ações no ato de morar na medida em que modificou os interiores das residências e construiu culturalmente novas necessidade e práticas atreladas a diferentes maneiras de morar. O cotidiano através de seus objetos, das casas e seus cômodos passou a

⁸¹ Autos de Inventário de Thomasia Maria de Loureiro 1890. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, (Centro de Memória da Amazônia/ UFPA).

expressar valores sociais que demarcava a hierarquia entre distintos grupos que consumiam tais objetos.⁸²

A ânsia da modernidade já estava vigente na segunda metade do século XIX e perdurou no século seguinte, valorizando as instâncias do mundo privado e a exposição, contribuindo para o avanço da nação. O sonho do “bem morar” talvez pudesse estar presente nas casas das famílias que tinham poder aquisitivo para atender as solicitações do poder público. Porém, a convivência com as contradições eram inevitáveis: muitas vezes, ao lado das sofisticadas moradias tidas como modelo da modernidade, havia na vizinhança algumas casas que fugiam aos padrões arquitetônicos usados pelas famílias abastadas.

As descrições dos imóveis na documentação cartorária lembram sempre os vizinhos que moram ao lado. Através de nomes e sobrenomes identificava-se a índole da vizinhança, tornando tal informação como uma das estratégias para valorizar o imóvel e tranquilizar os futuros moradores na convivência com a mesma.

Em alguns inventários é possível encontrar proprietários de sobrados que adquiriam os imóveis que circundavam os arredores de sua residência, assim tornava-se freqüente casas com terrenos ao lado que pertenciam ao mesmo proprietário, talvez uma forma de resguardar a segurança diante de vizinhos que incomodassem, além de representar uma forma de investimento, pois eram alugados a estabelecimentos comerciais ou familiares.

O inventariado Thomaz Ferreira Areias tinha, em 1922, no arrolamento de seus bens, dois imóveis ambos localizados na Rua Padre Prudêncio, próximo ao Largo de Sant’anna. Sendo o primeiro descrito como um sobrado de um andar de construção moderna, constituída de oito quartos, gabinete, sala de visitas, sala de refeições, avaliado em quarenta contos de réis e o segundo também mencionado como sobrado com pavimento térreo para estabelecimento comercial, avaliado em vinte contos de réis.⁸³

A compra de mais de uma propriedade no mesmo endereço persistiu nos inventários em anos posteriores, como no do inventariado Arthur da Costa que possuía em 1945 três imóveis, ambos localizados à Avenida Nazaré, assobradados com aproximadamente vinte compartimentos forrados, com pisos mosaicados, sendo um no valor de CR\$ 80.000,00

⁸² SEVCENKO, Nicolau. A Capital irradiante: técnica, ritmos e ritos no Rio. In: **História da Vida Privada: República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p 551.

⁸³ Autos de Inventário de Thomaz Ferreira Areias 1922. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, (Centro de Memória da Amazônia/ UFPA).

cruzeiros e outro respectivamente CR\$ 100. 000,00 cruzeiros. E uma terceira propriedade no mesmo endereço no valor de CR\$ 42.000,00 cruzeiros.⁸⁴

Na legislação Municipal e Estadual do período entre 1920 á 1945, existente na coleção de leis do Arquivo Público do Estado⁸⁵, não foi encontrada nenhuma referência direcionada à construção das casas, porém uma das características vigentes nas descrições das moradias são informações das casas que estariam de acordo com a legalidade, ou seja, parâmetros que talvez tenham sido estabelecidos para as construções e quem seguia destacava como um privilégio da moradia.

Terreno edificado nesta cidade, á travessa Quintino Bocaiúva entre as avenidas Nazaré e São Braz número 772, medindo vinte e dois metros e setenta centímetros de frente por cinquenta e seis metros de fundos com as características que se segue: construção antiga de dois andares, levantado no interior de um terreno cuja parte da frente é de gradis de ferro, com portão de ferro de entrada; em seguida por uma passareira de piso mosaicado, se vai ter a verdadeira construção iniciada por um pátio de piso mosaicadoe com cobertura e no qual se tem acesso por intermédio de uma escadaria de lajes(...). Aparelhos sanitários de piso mosaicado e forrados e com as paredes internas revestidas de azulejos **acima da altura legal**⁸⁶; (...). Cozinha ampla mosaicada e forrada, sendo as paredes internas da cozinha revestidas de **azulejos até a altura legal**.⁸⁷

O uso do azulejo principalmente nas cozinhas e nos banheiros sanitários ressalta a importância que estes espaços ganharam ao longo de um processo de higienização dos ambientes domésticos, evitando assim sujeiras nas paredes e no piso. A imposição no uso do azulejo parecia ser no período uma intervenção pública com o discurso de manter a “ordem” tão “desordenada” nos espaços que mais preocupavam as autoridades: a cozinha em primeiro lugar, por ser, entre o final do século XIX e início do XX, um ambiente considerado sujo e de poucas pessoas; e o sanitário, por ser recipiente de dejetos humanos, logo o material esmaltado facilitaria a limpeza por causa de sua impermeabilização garantindo a tão almejada higiene nos espaços da casa.⁸⁸

⁸⁴ Autos de Inventário de Arthur da Costa 1945. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, (Centro de Memória da Amazônia/ UFPA).

⁸⁵ O Arquivo Público do Estado do Pará tem em seu acervo uma coleção de leis do Estado e Municípios do Estado, inclusive Belém, que foi o recorte de espaço desta pesquisa. Hoje o controle acerca das construções e padrões urbanísticos para a construção de moradias encontra-se sob a administração da SEURB, a qual não possui em seu arquivo códigos de Posturas da cidade de Belém entre 1920-1945, mas apenas a partir da década de 70.

⁸⁶ Grifo meu

⁸⁷ Autos de Inventário de Paulo Levinthal 1945. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, (Centro de Memória da Amazônia/ UFPA).

⁸⁸ SILVA, João Luiz Máximo da. **Cozinha Modelo: O Impacto do Gás e da Eletricidade na Casa Paulistana (1870-1930)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p..

Os relatórios do setor de Serviços Sanitários inclusos nas mensagens dos governadores lembram sempre a preocupação com as moradias, porém não estabelecem em seu conteúdo padrões minuciosos de como as mesmas deveriam ser.

Para João Máximo, as autoridades públicas viam a casa e a família como obstáculo no processo de organização e na necessidade de limpeza, pois as normas para a construção das casas estiveram centralizadas especialmente nas cozinhas tornando obrigatória sua existência dentro da casa até a garantia de materiais como o azulejo que assegurassem a impermeabilização das paredes e do piso.⁸⁹

O grande conflito que se estabelece com a legalização dos materiais que deveriam constituir uma casa estava acentuado principalmente nas tensões de classe. Isso porque as construções eram diversificadas e nem sempre seus proprietários demandavam de recursos para seguir as obrigatoriedades sugeridas, ou melhor, impostas pelo código de posturas. Isso indica lacunas e práticas daqueles que estavam à margem para obedecer os padrões médicos tão propagandeados, não só quanto ao material a ser usado na construção, mas também aos utensílios a serem usados neste ambiente o qual passou a ser extremamente vigiado, normatizado e inspecionado entre o final do século XIX e o XX, fenômeno esse que será abordado no terceiro capítulo deste trabalho.

Em 1930 as preocupações e ações governamentais de Magalhães Barata no que tange a urbanização da cidade estiveram direcionadas a uma série de disposições paliativas como afirma Vidal:

abertura e pavimentação de ruas, urbanização de antigos bairros e criação de novos, construção de novas edificações, a partir de uma visão que não contemplava o espaço urbano em sua totalidade, mas as áreas centrais da cidade. Na maioria dos casos, ruas, praças, edifícios foram objetos de renovação sem que a estrutura da cidade sofresse qualquer melhoria.

Em 1934, a Comissão Reformadora dos Negócios Municipais, reúne os dispositivos já existentes em outras leis e códigos municipais e através de decreto aprova o “código de Administração Municipal”, para ser aplicado em todos os municípios da Província, sendo implementado em conjunto com as normativas anteriores da gestão do prefeito Antonio Lemos.

Este código constava de orientações básicas sobre os padrões a serem adotados nas construções, elementos, medidas, formas, segurança, pavimentação de vias e orientações sobre a conduta cidadã na cidade.⁹⁰

⁸⁹ SILVA, op cit., p.149.

⁹⁰ VIDAL, Celma Chaves Pont. **Arquitetura, modernização e política entre 1930 e 1945 na cidade de Belém.** <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arc000/esp464.asp>>. Acessado em 10.02.2009.

O Estado Novo, tal como na década de 1920, continuou a adotar nas cidades moldes arquitetônicos modernos aconselhados pela higiene, estética e segurança, reforçando a intervenção estatal no âmbito do espaço público e do privado. A moradia popular passou a ser uma das áreas de atuação do governo de Vargas, ao estimular as construções operárias, esboçando uma política do bem-estar social, que segundo Denise Antonucci nunca chegou a se estender efetivamente ao conjunto da população.⁹¹

A modernização excludente e os altos preços dos aluguéis no início do século XX intensificaram o problema de acesso à moradia, logo o Estado passou a estimular a construção de casas populares como uma forma de controle social das chamadas moradias inválidas. O artigo 124 da constituição de 1937 tinha um cunho moralizante ao afirmar que apenas as moradias que abrigassem uma família que estivesse condizente com uma vida familiar “plena” e “normal” estariam sob a proteção do Estado, com isso o cortiço e qualquer outro tipo de habitação coletiva, por exemplo, acabava sendo e destituído de proteção governamental e portanto marginalizado, uma vez que tais lugares ofereciam tentações, infidelidades, delinqüência e maus hábitos.

O processo desordenado de urbanização da cidade e a tão almejada modernização, apresentou características diferenciadas ao longo do tempo, porém seu alvo esteve sempre atuante entre os moradores e a vida material, seja nos interiores domésticos ou nos espaços públicos. O discurso da higiene e de uma vida salutar requeria acima de tudo condições materiais e alterações nos hábitos culturais da população para a harmonia em conjunto da cidade.

A valorização de um comércio de utensílios domésticos incorporou e estimulou neste sentido os hábitos civilizados de uma sociedade moderna; assim, a materialidade atrelada aos valores culturais incorporou práticas culturais que regravam e vigiavam o comportamento de seus moradores, incentivando o consumo e imprimindo valores simbólicos às ações do cotidiano.

O objetivo deste item foi conhecer o cotidiano urbano de Belém entre o final do século XIX e início do XX, demonstrando as práticas do poder público e suas extensões nos interiores domésticos. Destaca as tensões na implementação de uma cidade moderna, que dentro de suas contradições pode conviver com antigos e novos hábitos nas residências, uma

⁹¹ ANTONUCCI, Denise. **Verticalização, habitação social e multifuncionalidade**. Edifícios dos IAPS São Paulo. Disponível em: <http://www4.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/FAU/Publicacoes/PDF_IIIForum_a/MACK_III_FORUM_DENISE_ANTONUCCI.pdf> Acessado em 15.01.2009.

vez que nem todos se adequaram às normatizações públicas ou dispunham de recursos para atender as exigências na manutenção da higiene e de padrões de moradias.

1.2 ILUSTRES MORADORES: URBANIZAÇÃO E HIERARQUIA.

As Contradições da urbanização

Entre o progresso, a modernização e a redução da exportação do látex, a cidade recepcionou a entrada de símbolos materiais que denotavam ares de inserção na tão almejada “civilização desenvolvida”. Os bondes, a energia elétrica, o encanamento, o crescimento do comércio, a tecnologia doméstica, contribuíram para intermediar as tensões entre tais ícones e os moradores, interferindo desta maneira no sentido e no significado que a moradia possuía para cada habitante, produzindo relações e práticas diferenciadas entre as camadas sociais que expressavam peculiaridades e conflitos no ato de morar.

Os inventários não demonstram muitas alterações nas construções das moradias entre as décadas de 20 e 30, uma vez que comerciantes, empregadas domésticas, advogados e funcionários federais compartilhavam em certos momentos da mesma rua ou até eram vizinhos. Essa lacuna deixa uma possibilidade para notarmos que apesar da urbanização do século XIX, nos anos posteriores as contradições da modernidade se acentuaram e construíram um emaranhado de relações sociais entre diferentes classes sociais.

Através das descrições dos imóveis nos inventários e nos leilões que anunciavam o jornal Folha do Norte e a Folha Vespertina notamos que as casas pareciam estar mais divididas, com quartos, salas, cozinhas, sanitários e varanda. Independente da posição social do seu morador os compartimentos se espalharam pelas residências delimitando espaços e ações. O que parece demonstrar distinção entre as moradias, de acordo com os inventários e jornais, são principalmente a constituição material, a extensão e os móveis que habitavam algumas moradias.⁹²

D. Joana de Oliveira Guimarães era empregada doméstica na cidade de Belém em 1941 e em seu inventário consta um único bem, que correspondia a um terreno à travessa

⁹² Nos inventários pesquisados do Cartório Fabiliano Lobato na sessão de arrolamento dos bens havia uma descrição minuciosa dos compartimentos, constituição material, localização e valor dos imóveis que o inventariado tinha deixado. Nos dois jornais mencionados alguns leilões também divulgavam todas as características do imóvel, bem como dos móveis que possivelmente seriam arrematados no leilão.

Quintino Bocaiúva entre a Avenida Conselheiro Furtado e Mundurucus. Coletado de número 1062, tal imóvel é descrito como uma construção antiga levantada no interior de um terreno com a parte da frente cercada de estacas de acapú, com portão de madeira, sala de visitas, alcova, puxada com dois quartos, varanda e sem forro, cozinha e sanitários cimentados e um quintal pequeno avaliado em 7:000\$000. A divisão de sua casa deixa evidente a preocupação em separar as ações mesmo em um espaço pequeno e em mau estado de conservação. Não conhecemos os móveis de D. Joana, mas acreditamos que os objetos passaram a ganhar lugares específicos na sua moradia à medida que se ampliava os espaços do cotidiano.⁹³

A Memória dos trabalhadores padeiros da década de 40, segundo Edilza Fontes, é uma possibilidade para conhecermos um pouco as “casas de pobres” em Belém, as quais apresentavam aspectos variados. A urbanização em bairros mais distantes como o Jurunas era praticamente inexistente e as moradias eram construídas de barro com vara, de chão batido e teto de palha. A tensão no âmbito da moradia descortina a complexa estrutura da cidade de Belém neste período. A falta de saneamento levava a população a substituir a água encanada pelo poço, o esgoto pela fossa e a luz elétrica pelas lamparinas. Notamos assim que a modernidade permitiu visualizar as discrepâncias sociais e de acesso aos símbolos do desenvolvimento que estavam no centro da cidade na década de 40.⁹⁴

As dificuldades dos trabalhadores tais como: operários, estivadores, padeiros, carpinteiros e outros começavam pelo acesso ao centro, uma vez que o transporte era raro e não atendia a demanda populacional. O deslocamento diário para as áreas de casas de comércio e fábricas dependia dos ônibus e bondes. Os limites referentes às condições habitacionais induzem pensar a moradia e o lugar que ela ocupava como um elemento diferenciador entre os habitantes. Nos anúncios do Jornal Folha Norte, destacava-se a localização e o acesso ao transporte como elemento para atrair o interesse do comprador.

Leilão do bellissimo Palacete Com Dois Pavimentos A Avenida Generalissimo Deodoro, N.96 quase esquina da Oliveira Belo.

Amanhã

De estilo nobre, isolado por todos os lados, a frente de gradil e portão de ferro. Duas entradas laterais por escadarias dando acesso as salas de visita e de estar, gabinete, sala de banho, três quartos., sala de jantar, despensa e espaçosa cozinha com piso mosaicado e paredes azulejadas, sala de banho e sanitários para empregados. NOS ALTOS: -três espaçosos dormitórios e uma confortável sala de banho com todos os requisitos de higiene e conforto. Altos e baixos rigorosamente assoalhados de régua de pau amarelo e acapu e encerados. Cada compartimento pintado á óleo e aquarela

⁹³ Autos de Inventário de Joana de Oliveira Guimarães 1941. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, (Centro de Memória da Amazônia/ UFPA).

⁹⁴ FONTES, Edilza. **O Pão Nosso de Cada Dia: trabalhadores, indústria da panificação e a legislação trabalhista em Belém (1940-1954)**. Belém: Paka-Tatu,2002. p. 208.

em diferentes cores, em harmonia e bom gosto com os tetos. Moderna instalação elétrica com tomadas para enceradeiras, frigidaire, rádio e ferro elétrico em todos os compartimentos com lampadas em bellisimos globos funcionando, portas-cortinas nos seus respectivos lugares. No porão-três dormitórios para empregados com luz elétrica e sanitários. Um tanque em cimento armado para 1.500 litros d'água, equipado com uma bomba elétrica marca "Goold", que abastece 1.200 litros d'água para o uso da sala de banho principal. Quintal grande com diversões, galinheiro grande e árvores frutíferas, inclusive dois coqueiros. Este palacete acaba de sofrer geral remodelação de higiene e conforto como sejam: pinturas, banheiros, assoalho e quintal.

As chaves são entregues ao arrematante, mediante sinal de 20%. Local aprazível e saudável, em uma das mais elegantes avenidas da cidade, a dois passos do mercado, Faculdade de Medicina, grupo escolar, bondes: Circular, Pedreira, Independência e ônibus.⁹⁵

O palacete descrito acima demonstra a atenção destinada à localização e aos serviços que ficavam próximos, como mercado, escola, bondes e a Faculdade de Medicina. Além de situar a Generalissimo Deodoro como uma das mais elegantes avenidas da cidade, apontando de certa forma uma distinção social para aqueles que nela moravam.

Situar um palacete na Generalissimo Deodoro com todos os privilégios apontados pelo jornal⁹⁶, reforça o discurso dos trabalhadores quanto à ausência e dificuldades para utilizar certos serviços, uma vez que estes estavam centralizados em áreas como a Generalissimo, Quintino Bocaiúva, Avenida Nazaré, Rui Barbosa, D. Moraes, a Vinte Oito de Setembro, entre outras. Em 1908 circulavam 13 linhas de bondes na cidade, administrados pela Pará Electric Railways, a extensão das linhas de bonde atingia 55km com um número aproximado de 100 carros que transportavam uma média de 2500 passageiros, mas ainda com atrasos e uma certa deficiência, principalmente nos bairros mais distantes do centro.⁹⁷

A localização e a estrutura material das casas indicavam um distanciamento social entre os habitantes da Belém do século XX, e ao mesmo tempo os aproximavam ao compartilharem de moradias próximas que iam de uma simples moradia a um palacete lado a lado. Contradições que ressaltavam cada vez mais as lacunas de um projeto modernizador no século XIX e que fez perdurar as diferenças de classe, acentuando o significado da moradia para os seus proprietários.

⁹⁵ Jornal Folha do Norte 09 de Janeiro de 1945 p.8 Biblioteca Arthur Viana (Centur)

⁹⁶ Porém não podemos esquecer que o jornal assumia diante dos leilões uma função comercial, ao enaltecer o palacete posto a venda, a super-valorização do imóvel era uma das funções da chamada do leilão. Logo certas características podem ter sido citadas ou destacadas para assegurar ao leitor veracidade.

⁹⁷ SANTOS, Brenda Maria Nascimento. **Um bonde na paisagem de Belém do Pará: integração do sistema de transporte e promoção da mobilidade urbana na capital paraense**. Disponível em: <<http://www.cbtu.gov.br/monografia/2007/monografias/mono4.pdf>>. Acessado em 05 de Abril de 2009.

O termo higiene mencionado no anúncio parece denotar sinal de conforto, saúde. A higiene apresentada neste palacete encontrava-se associada à pintura, ao assoalho, aos banheiros e quintal cimentado, em substituição ao chão de terra batida, aos banheiros externos e quintais com uma variedade de animais de criação.

Em São Paulo, na visão de Pires, até o início do século XX, a casa do pobre e do rico podiam estar lado a lado, excetuando-se daí os miseráveis, uma vez que estes habitavam as várzeas e colinas. Pois a manifestação social por meio do modo de morar ocorria menos pelo local de residência do que pelo tamanho da edificação; aos poucos a elite passou a manifestar a tendência de usar o local de habitação como uma forma a mais de expressar seu status.⁹⁸

As alterações no ato de morar, segundo Pires, ocorreram em São Paulo ao longo do tempo. A sofisticação começou com os acessórios na moradias dos mais abastados, ao mobiliarem seus solares com objetos de origem francesa, além dos detalhes refinados na própria edificação de materiais importados. Porém nas gerações subseqüentes ao século XIX, o refinamento ampliou-se até atingir todos os setores da vida do indivíduo. A moradia passou a representar um ícone de sua incontestável posição de elite econômica social e uma forma de expressar um novo estilo de vida, também cultural, materializado nas plantas das casas através da sua disposição espacial, nos materiais empregados e no estilo adotado⁹⁹.

Em Belém a localização das casas de proprietários capitalistas, industriais, comerciantes, advogados, senadores, funcionários públicos estava entre um dos critérios na escolha da moradia, uma vez que ruas e avenidas localizadas próximo de lojas, bondes, escolas e hospitais eram valorizadas, significando também valorização no mercado imobiliário. Assim, de acordo com os inventários entre 1920-1945, os principais endereços ocupados pelas famílias abastadas foram:

Antiga	Atual
Aristide Lobo	Aristide Lobo
Conselheiro João Alfredo	Conselheiro João Alfredo
Gentil Bittencourt	Gentil Bittencourt
Ruy Barbosa	Rui Barbosa
Quintino Bocaiúva	Quintino Bocaiúva
José Bonifácio	José Bonifácio
Serzêdelo Correa	Serzêdelo Corrêa
São Geronymo	Governador José Malcher
Oliveira Belo	Oliveira Belo
Tiradentes	Tiradentes
Conselheiro Furtado	Conselheiro Furtado

⁹⁸ PIRES, Mario Jorge. **Sobrados e Barões da Velha São Paulo**. Barueri, SP: Manole, 2006. p. 55.

⁹⁹ Idem ibidem p. 116.

As atenções se voltavam para a segurança e a preocupação com o bem estar no interior das residências, sonho que será buscado por alguns segmentos sociais e materializado através da construção de moradias com diversificados compartimentos, em bairros centrais, próximas aos serviços urbanos e com uma ostentação capaz de provocar aos olhos alheios admiração e ânsia em possuir uma propriedade semelhante.

Francisco Bolonha: engenheiro e industrial

Duzentos e noventa e um itens estavam na relação dos objetos de uma moradia localizada na Avenida São Jerônimo nº 145, entre escovões automáticos, fogões a gás, geladeira, cafeteira de prata elétrica, cálices e taças de cristal, ventilador, porcelanas, guarnição para sala de jantar (16 peças), mobília com peças douradas a fogo (7 peças), mesa de metal, espelho de cristal com 4 faces, psiché com espelho facetado, uma biblioteca, entre outros.¹⁰⁰

A variedade de objetos mencionados ocupou a residência de um ilustre morador que buscou unir na construção, ostentação e hierarquia, como afirma Karol Gillet:

O palacete era composto por cinco pavimentos, com um programa de necessidades bastante complexo e especializado, apresentando uma hierarquia vertical segundo a função a qual se destinavam. O porão destinava-se assim aos serviços domésticos dos empregados, e acomodação dos mesmos em quartos, neste espaço ficavam também a barbearia, a cozinha e a despensa, delimitando o acesso de circulação dos empregados nos compartimentos da área social do palacete.

O térreo exercia uma dupla função, além de promover a aeração da casa. Foi totalmente projetado para atender às áreas de serviço e dos empregados da casa, por onde também tinha um acesso próprio com *hall* de entrada, funcionado como vestíbulo. Nesta área, podemos encontrar a barbearia, copa, despensa, sala de almoço dos empregados, cozinha, lavanderia, depósito, banheiro e quartos para os empregados, o que demonstra um projeto especializado. O primeiro pavimento era destinado à área social, onde estavam localizados o hall de entrada e o vestíbulo, as salas de jantar, de música e de almoço, e a parte posterior era destinada à área de serviço com o *service* para atender o serviço de refeições, além do banheiro e do lavabo. O segundo pavimento era totalmente íntimo, servindo apenas à família, onde estavam localizados os quartos de dormir e de vestir, e o banheiro. Já o terceiro pavimento foi projetado para atender às áreas de repouso e de tranquilidade, onde encontramos o escritório e a capela, além de quartos, banheiro e terraço. O último pavimento era o ponto mais alto da casa e servia também como mirante.¹⁰¹

¹⁰⁰ Autos de Inventário de Francisco Bolonha. 1938. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

¹⁰¹ SOARES, Karol Gillet. **As formas de morar na Belém da Belle-Époque (1870-1910)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2008, p. 211.

Figura 1: Palacete Bolona



Fonte: (constelar.com.br/.../cat15/amazonia_ameacada)

A construção descrita e visualizada acima pertencia ao engenheiro Francisco Bolonha, falecido em 08 de julho de 1938 na cidade de Belém. O ilustre morador da Avenida São Jeronimo nº 145 construiu sua residência através de um projeto, no qual demonstrou a sofisticação arquitetônica do prédio entre paredes, colunas, compartimentos e ícones franceses. A preocupação em edificar uma moradia que exaltasse requinte e luxo talvez seja uma tentativa de atender aos novos padrões de moradia, além de simbolizar as necessidades de uma família reconhecida socialmente na cidade.

Opulência talvez seja o termo adequado para falar do palacete Bolonha e das suas dimensões espaciais, tal como de sua estrutura material. O palacete é uma das muitas imagens construídas na cidade que permite transitar entre o passado e o presente para conhecermos os traços da Belém urbanizada e permeada de tensões sociais.

Em seu testamento, que data de 13 de Junho de 1938, Francisco Bolonha identifica-se como casado com a senhora Alice Ten Brink, com a qual constituiu matrimônio e não teve filhos, logo não possuía no momento de sua morte herdeiros ascendentes e descendentes, o conjunto de seus bens em sua maior parte é legado a sua esposa. O engenheiro solidificou seus bens em prédios, que estavam localizados nas proximidades do Palacete, na chamada Vila Bolonha, em terrenos, assim como em um prédio comercial, onde atendia sua clientela na Rua Gaspar Viana nº 499 esquina com a Travessa Ruy Barbosa, além

das outras formas de investimentos que serão exploradas neste capítulo.¹⁰² O testamento anunciador de suas últimas vontades permitiu uma aproximação com as relações familiares de Francisco Bolonha. Ao adentrar a sua casa através da leitura do seu testamento, foi possível conhecer seus objetos, seus últimos anseios no leito de morte e a cidade de Belém na terceira década do século XX.¹⁰³

Os anseios arquitetônicos projetados por Bolonha em seu palacete à Avenida São Geronymo deixaram indícios dos valores urbanizadores, planejados pela política Municipal, gerando, por um lado, uma reformulação nas práticas de morar e por outro a persistência de antigos valores que resistiam à padronização no âmbito da casa.

A estrutura do Palacete Bolonha iniciada em 1905 e finalizada em 1915, elucidava em seus detalhes o padrão de moradia almejado por setores sociais privilegiados, seja pela constituição material de produtos importados da Europa ou pelo estilo eclético do prédio, a sua dimensão espacial por si demonstra os limites das relações sociais e a condição dos sujeitos que habitavam essa residência.

As transformações vividas pela cidade em termos de urbanização alteraram em certa medida significados atrelados à moradia, uma vez que o imóvel, seja ele residencial ou comercial, ganhou entre o final do século XIX e início do XX denotações de riqueza, pois o aumento dos preços no mercado imobiliário acena uma valorização de imóveis próximos ao centro e aos serviços de bonde, lojas, hospitais e feiras. A urbanização interferiu na paisagem da cidade, seja na localização das casas como também na sua estrutura física, acompanhando ou mantendo as novas regras públicas nos recônditos das residências.¹⁰⁴

A propriedade do engenheiro Bolonha mostra-se dentro do cenário urbano de Belém com suas estruturas sociais e econômicas, anunciando novos comportamentos direcionados a uma sociedade que atendesse a ordem capitalista impondo e adotando um controle social de caráter burguês, materializado na elaboração de um código de comportamentos que visava conter as tensões sociais, produzidas pela falta de preparação dos órgãos públicos para atender a demanda do crescimento populacional, e as necessidades de emprego nas cidades.

¹⁰² Autos de Testamento de Francisco Bolonha ano: 1938. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

¹⁰³ O testamento permite ao pesquisador penetrar no Âmbito das relações familiares e a forma como se dava a distribuição dos bens do testador à medida que manifesta suas preferências na partilha de sua riqueza. Tal como as preocupações que norteavam os indivíduos no período pós morte. Ver: BASSANEZI, Carla Pinsky (organizadora). 2. Ed.-São Paulo: Contexto, 2006, p. 36.

¹⁰⁴ WEINSTEIN, op. cit., p. 106.

A edificação do palacete foi planejada com o intuito de delimitar os espaços entre os moradores, seus empregados e suas visitas. A especialização destinada a cada andar e as funções legadas aos cômodos demonstra a preocupação com linhas bem definidas no que tange ao papel dos sujeitos que ocupam essa morada. O projeto, portanto encaixava-se nos padrões considerados civilizados e de um elevado requinte, ocupando talvez nesse período um exemplo para aqueles que buscavam atender ou alcançar os traços da civilização.

O projeto de Bolonha permite, através da especialização de seus espaços, compreendermos as relações sociais, na medida em que estabelece hierarquias acentuadas com os empregados, a diferença na arrumação de cada espaço. O andar destinado ao abrigo e as atividades dos serviçais, é de material simples e sem muitos detalhes, enquanto os demais superavam e ostentavam pedrarias, colunas e lajotas francesas.¹⁰⁵

Na herança diversificada que construiu em vida, o engenheiro manifestou um refinado gosto pela arte, leitura, conforto e praticidade. A posse e o usufruto de quadros e uma vasta literatura destaca hábitos não tão comuns de uma sociedade com uma massa de analfabetos excluídos do progresso e principalmente à margem de um processo de civilização que esteve ao alcance de poucos no contexto econômico da República.¹⁰⁶

A enorme biblioteca que Bolonha reservava em seu palacete é mencionada em seu testamento e deixada como herança para seu amigo, também engenheiro civil, Jarbas de Castro Alves Pereira, juntamente com as estantes que guardavam seus livros. Em sua biblioteca estavam títulos e volumes de História de Portugal, História Universal, Enciclopédia Universal, História das Nações, Guia prático de Saúde, entre outros que não são nominados entre os mais de quatrocentos volumes que possuía. Porém seus conhecimentos adquiridos na Politécnica do Rio de Janeiro e suas viagens pela França em 1900 permitiram o contato com novas perspectivas arquitetônicas, e suas leituras deveriam acompanhar as inovações técnicas nesta área, demonstrando um intenso acesso com a literatura no âmbito da arquitetura, pois o ecletismo de seu Palacete expressava o quanto esse engenheiro mantinha-se em sintonia com as inovações na engenharia civil e na arquitetura, além de uma biblioteca de livros que ficavam em uma estante envidraçada composta de obras internacionais.

A convivência do engenheiro com uma vasta biblioteca e obras de arte acentua a sua posição social e sua interação com a intelectualidade. A leitura de Alexandre Herculano

¹⁰⁵ SOARES, op. cit., p.148.

¹⁰⁶ Autos de Testamento de Francisco Bolonha ano: 1938. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

nos quatro volumes da História de Portugal publicados na primeira metade do século XIX, de certo modo deve tê-lo inserido no espaço de produção intelectual de Vitor Hugo e Walter Scott¹⁰⁷, assim como podemos questionar até que ponto todos esses títulos faziam parte das leituras do proprietário de uma biblioteca tão vasta. O fato é que os volumes citados estavam presentes no cabedal de leituras da época, o que nos insere no universo da produção intelectual entre o final do século XIX e o início do XX.

A atuação e os trabalhos de Bolonha foram amplamente reconhecidos e exaltados, e com o tempo se tornaram ícones identitários da cidade, que deixaram seu nome como a concessão para a construção dos quiosques ou mesmo o aterramento do Ver-o-Peso. Seu trabalho e sua experiência tornavam-no um sujeito reconhecido socialmente, com influências profissionais entre as autoridades públicas e com um patrimônio que o atrelava a uma classe social e sinalizava-o dentro de um projeto modernizador ao gosto das elites.

Como um sujeito público Francisco Bolonha deve ter recepcionado muitas festas e jantares, tornando público o seu tão admirado palacete, a sala de visitas, de jantar, de música, além dos móveis, nos indicando a circulação de objetos e materiais importados na cidade e seu consumo entre as famílias abastadas de Belém, permitindo inferir sobre como ocorria esse comércio, de que maneira esses grupos adquiriam móveis ou utensílios sofisticados.

Obras de arte também estavam presentes nas paredes do palacete, ao chão um tapete aveludado, colunas nos cantos dos cômodos, molduras de cachorro ornavam as salas, mesa de granito branco inglês recepcionava os visitantes, abajures ajudavam a clarear os cômodos juntamente com luminárias, estatuetas completavam a ornamentação. Na sala de jantar talvez uma enorme guarnição de 13 peças aguardasse a chegada das visitas a um jantar que servia a mesa pratos de porcelana, copos e garrafas de cristal, travessas de cristofle¹⁰⁸ serviam a comida, pratos e xícaras japoneses destacavam a presença cultural do Oriente entre os que estavam á mesa, esta de metal e de pedra-mármore.¹⁰⁹

¹⁰⁷ Vitor Hugo serviu de modelo a Herculano: Hugo escreveu o romance histórico Nossa Senhora de Paris, em que surge Quasímodo, o famoso “Corcunda de Notre-Dame”. A partir desses modelos, desenvolveu-se a narrativa histórica de Herculano, que pode ser considerada o ponto inicial para o desenvolvimento da prosa de ficção moderna em Portugal. Disponível em: <<http://mariogueneiro.spaces.live.com/blog/cns!7124881D3B592E14!5134.entry>> (Acessado em 11/11/2008)

¹⁰⁸ São utensílios domésticos de um industrial francês feitos de liga de cobre, níquel e estanho e que estavam via São Paulo por meio de comerciantes franceses.

¹⁰⁹ Autos de Inventário de Francisco Bolonha. Ano: 1938. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

O metal estava também muito atuante na arrumação dos espaços: camas de ferro, cabides branco, saboneteiras esmaltadas, escarradeiras, mesa, toalheiro, um grupo de móveis em metal amarelo. Os bens descritos acima compunham a lista dos bens leiloados e avaliados no inventário de Bolonha totalizando um valor de 27:440\$000 contos de réis, apenas em utensílios domésticos, mas o leilão totalizou 25:107\$100 (vinte e cinco contos cento e sete mil e cem réis), uma vez que foi abatido no valor total as despesas para a realização do leilão tais como: os 5% do leiloeiro, o anúncio no Jornal Folha do Norte, Consertos e polimento de móveis, anúncio na Rádio Club do Pará e impostos. Com um valor semelhante em 1938 era possível adquirir um imóvel semelhante ao abaixo descrito:

Terreno edificado à Avenida São Jeronymo, numero quinhentos e quatorze, medindo onze metros de frente, por oitenta e dois metros e quarenta e sete centímetros de fundo (82,47), confinando de um lado, com o número quintos e dezesseis do Coronel José Julio de Andrade, e de outro, com o número quinhentos e oito, de herdeiros do Doutor Jayme Pombo Bricio. Com muro, gradil e portão de ferro, no alinhamento, área para jardim, após o qual está o prédio de construção antiga, assoalhado, com três janelas de balcão gradeadas a frente, entrada ao lado, dando para um alpendre mosaicado, com marquise, gradis, e escadarias de pedra, paredes principais de tijolos, com platibanda á frente e ao lado da marquise; divisórias de tabiques, ares de pernas mancas e ripas e cobertura de telhas comuns; assim divididos: sala, gabinete, alcova, varanda ladeada por três dormitórios, puchada com segunda varanda, assoalhadosde acapu; cozinha, banheiro e sentina, mosaicados; pequeno alpendre cimentado, segundo, digo, cimentado, seguido de escadaria de serventia; quintal, parte murado, parte cercado. Avaliado em 27:000.000 (vinte e sete contos de reis).¹¹⁰

Percebemos que a residência avaliada acima estava bem localizada e com vizinhos de famílias tradicionais, como por exemplo, um herdeiro da família Pombo. Além desse critério, o endereço descrito compreendia uma área ocupada por sobrados e moradias sofisticadas¹¹¹, demonstrando como o montante do valor acima era considerável para época em termos de mobília e utensílios para uma casa. Levando em consideração que os bens leiloados geralmente são avaliados por seu tempo de uso, ficamos distante de saber os valores iniciais gasto pelo proprietário na aquisição dos mesmos, porém podemos inferir que os mesmos objetos deveriam ter um valor acima do descrito pelos avaliadores.

¹¹⁰ Autos de Inventário de Anna Serzedello de Faria Amorim. Ano: 1938. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

¹¹¹ Apesar de sabermos que a urbanização tenha sido desordenada e mesmo com a manutenção ou construção de prédios sofisticados no centro da cidade, existia a permanência de moradias simples que não estavam de acordo com o padrão de moradia almejado pelas elites e pelo poder público. Ver: SARGES, Maria de Nazaré. **Memórias do “Velho Intendente” Antonio Lemos**. Belém: Paka-Tatu, 2002.

A venda do Palacete e dos móveis acima, foi realizado através de um leilão em novembro de 1938, e teve o como cenário o palacete, segundo o procurador de D. Alice Ten Brink foi disputadíssimo. O valor inicial de venda do prédio era de 180:000\$000, mas no arremate foi negociado em 150:000\$000, com uma diferença de 30:000\$000, lembrado pelo procurador o Sr. Miguel Pernambuco á justiça para que os impostos a serem pagos levassem em consideração na hora dos cálculos. O termo disputadíssimo utilizado pelo procurador da viúva, não corresponde ao valor inicial que estava sendo solicitado pela família, a redução no valor demonstra que houve uma super valorização do imóvel e que mesmo representando um símbolo de suntuosidade não foi vendido pelo arremate de valor mais elevado.

A riqueza de detalhes e suntuosidade no interior de uma residência como a da família Bolonha se mostra como um palco das complexas relações e trocas culturais favorecidas pela modernidade, contradições sociais que aceleravam não apenas o embelezamento da cidade, mas suas incoerências e um distanciamento cada vez maior entre as classes sociais. As tensões da modernidade acentuavam ainda mais a situação de descaso das autoridades com as famílias desprovidas de capital e condições para acompanhar o desenvolvimento da sociedade capitalista e para Walter Benjamin o lar é um espaço construído com vários rituais domésticos, os objetos de decoração servem para manter a ilusão de um universo harmonioso.¹¹²

Segundo D'Angelo para Benjamin cortinas, quadros, molduras, tapetes etc. devem montar um cenário capaz de oferecer segurança e apoio à fragilidade e a feiúra do mundo do lado de fora. A casa e seu conjunto se mostram como uma evasão da cultura capitalista, e que se desdobra no universo das benesses criadas pelo capitalismo.

Nesse universo de urbanização da cidade podemos inferir que Francisco Bolonha seja um dos exemplos na capital, entre inúmeros outros sujeitos ou famílias que almejavam o tão sonhado conforto no lar. Acreditamos que este universo tenha sido ocupado não apenas por grandes proprietários como o aqui mencionado, mas comerciantes que prosperaram e necessariamente não eram de famílias tradicionais, ou simplesmente de profissionais liberais, intelectuais, ou outros que talvez estivessem constituindo um grupo social que se distinguia dos demais por sua posição na profissão que ocupava, ou pelos bens monetários que acumulou.

¹¹² D'ANGELO, Martha. **A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin**. Estud. av.vol.20no.56 São Paulo Jan./Apr.2006,p.240. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142006000100016&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acessado em 08/11/2008.

È pertinente que um grupo social denominado proprietários, capitalistas, comerciantes, advogados, médicos, engenheiros, entre outras profissões estavam inseridos num projeto civilizatório à medida que buscavam adaptar e trazer para os interiores domésticos segurança, higiene, conforto e ostentação. A exclusão de parte da população no caminho rumo ao progresso não significa apenas uma forma de resistência, mas a falta de recursos para possibilitar o seu acesso aos ícones da modernidade, reforçando as diferentes formas de vivenciar e praticar os novos ensinamentos no ato de morar.

Ao permear pelas relações sociais e seus bens materiais notamos que a complexidade no consumo e acesso a uma variedade de objetos domésticos não pode ser legada apenas a tipos sociais como Francisco Bolonha, uma vez que sujeitos com a ocupação de comerciante também buscavam imprimir no interior de sua residência fornecer a sua família ares de conforto, não de ostentação, mas praticidade e bem estar uma vez que estavam inseridos em uma sociedade que estimulava cada vez mais o consumo e as novidades do bem viver.

Os inventários revelam em parte as tramas familiares e o significado de certos bens para seu inventariado, por isso muitos faziam questão de avaliar uma colher, um prato, nos levando a inquirir sobre determinados atos na relação que os indivíduos estabeleciam com a sua vida material. Uma riqueza de detalhes pode induzir a pensarmos no valor simbólico ou monetário que cada uma dessas peças possuíam, ou podiam simplesmente referendar a necessidade legal de avaliar os bens acumulados.

Um estrangeiro alemão no comércio de Belém...

O comerciante Otto Seggelk, nasceu em 1873 na cidade de Braunschweig, na Alemanha, era viúvo e de seu matrimônio com a falecida Elisabeth Frieda Emilia Welter não teve filhos, talvez esse estrangeiro tenha fixado moradia em Belém por volta 1937 ou 1938, antes da Segunda Guerra Mundial, não fica claro na documentação seu registro de chegada na capital paraense, mas pela sua trajetória e as datas apontadas no inventário acreditamos que tal período possa se aproximar de sua chegada a Belém. Em seus bens foi inventariado um total de 19:211\$000 réis, sem seus móveis e na descrição de seus bens constavam plantas: duas avencas, uma planta de uso medicinal indicada para inúmeras moléstias (infecções respiratórias, asma, queda de cabelo, febre, picada de cobra, etc), a qual foi avaliada em

8\$000 réis¹¹³. Esse exemplo talvez nos evidencie o significado de cada um dos objetos descritos pelos inventariados e a importância que tais bens representavam para a família.¹¹⁴

Otto Seggelk também se encontra no emaranhado dessas relações sociais do consumo e podemos afirmar que os bens descritos apontam bastante preocupação com a ornamentação, a praticidade e as necessidades culturais construídas pela sociedade capitalista¹¹⁵:

Fogareiro, formas de doce, caçarola, frigideira, fogareiro a álcool, chaleira esmaltada, máquina de carne, caçarola de alumínio, estante de temperos, mesa de jantar, cabides para tolhas, grelhas de ferro, púcaros de alumínio, amassador de batata, balde de zinco, balde esmaltado, filtro de barro, mesa para filtro, lata sanitária, geladeira, banheira esmaltada, banheira de zinco, abajur, mesa de quarto, lavatório, cesto, batedor de tapete, cadeira de viagem, mesa de centro, cadeira de balanço, guarda-roupa, cruzetas, mocho, pratos, porta-ovos, chávenas, bandejas, copos de cristal, cálices, paliteiro, porta-pão cromado, descansa talheres, saladeira de vidro, peças para chá, louças para jantar, apanha migalhas, quadro fantasia, avencas, fruteira de metal, prato de parede, pertences de manicure, lâmpadas, facas, galheteiro, talheres para peixe, talheres para sopa, bandejas de prata, grupo de sala de jantar, quadro a óleo, tapete, relógio Carrilon, rádio, mesa para chá, relógio de mesa, cama de ferro, candieiro de mesa, tapete de cama, bengaleira, livros, dicionários, biscuit, canapé, cinzeiro, estatueta, castiçal, biombo, tinteiro, máquina de escrever.¹¹⁶

Um universo de 224 itens distribuídos de acordo com os inúmeros cômodos de uma casa com função de adornar, cozinhar, limpar, estudar, destaca a variedade de utilidades que foi legados a cada um dos objetos descritos em seu inventário. A função social de cada peça deve ser contextualizada de acordo com as condições sociais de seu proprietário, uma vez que os inventários permitem detectar a frequência ou ausência de certos objetos, talvez

¹¹³ Em 10 de Novembro de 1942 ocorre a mudança da moeda de réis para cruzeiros, a grafia que se encontra no inventário foi transcrita tal como observamos neste parágrafo.

¹¹⁴ Autos de Inventário de Otto Friedrich Heinrich Seggelk. Ano: 1942. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

¹¹⁵ Segundo Sahlins as teorias da utilidade objetiva são naturalistas ou ecológicas. Para elas, o Saber material determinante substancializado na forma cultural é a sobrevivência da população humana ou da ordem social dada. Logo para o autor a razão prática deve ser compreendida por uma razão simbólica que entende o homem não a partir de sua qualidade distintiva, que o faz ser visto como vivendo num mundo material, mas sim dentro de um esquema significativo que toma como decisiva a cultura na construção das ações e comportamentos humanos. O homem neste sentido não possui necessidades naturais, mas sim necessidades que são construídas culturalmente dentro de uma teia de significados. Ver SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 07.

¹¹⁶ Autos de Inventário de Otto Friedrich Heinrich Seggelk. Ano: 1942. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia). A lista dos bens avaliados e leiloados não foi transcrita por completo.

por isso cogitamos a possibilidade de visualizar nesses indivíduos índices de riqueza ou de prosperidade financeira.¹¹⁷

A lembrança dos livros, uma média de mais de 130 volumes, no inventário traz à tona mais uma vez a presença da leitura, além de uma máquina de escrever. Uma biblioteca não é um bem material tão presente nos inventários, e sua acanhada presença nos leva a conceber a leitura como um ato para época muitas vezes silenciado e restrito. O aparecimento de bibliotecas, para Chartier, instituiu uma norma de civilidade, mesmo sabendo que nem todo livro adquirido é certeza de leitura, porém acreditamos que sua posse demanda uma preocupação com a produção intelectual da época ou mesmo uma forma de status social.¹¹⁸

Dentre o universo de duzentos e cinco inventários transcritos, apenas quatro inventários mencionavam a presença de bibliotecas ou livros, ou seja, 2% dos inventariados arrolaram seus livros entre seus bens. Tais dados deixam indícios de que a leitura estava presente entre famílias abastadas, bem como também de que alguns inventariados omitiram na descrição dos seus bens a existência de livros.

Total de inventários Pesquisados	Total de inventários com livros	Porcentagem
205	04	1,95%

A presença do comerciante Otto Segellke e a citação de mais quatro amigos, também alemães e comerciantes, nos chama atenção para a presença desses estrangeiros envolvidos em atividades comerciais na cidade, indicando como estes tiveram um papel significativo no âmbito do consumo e da importação de produtos que circulavam nela. Na visão de Barbuy, a presença de alemães no comércio paulistano também vinha de longa data e teve representantes de peso em quase todos os ramos de negócios. A Casa Alemã foi uma referência na comercialização de tecidos e roupas que movimentou a cidade e ostentou modernidade, com seus produtos importados da cidade de Leipzig, na Saxônia e também da Turíngia.

¹¹⁷ Autos de Inventário de Otto Friedrich Heinrich Seggelk. Ano: 1942. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia). A lista dos bens avaliados e leiloados não foi transcrita por completo.

¹¹⁸ DA COSTA, Viegas Fernandes. **O Livro e a leitura na modernidade**. p.03 Disponível em: <http://www.espacodasophia.com.br/colaboradores/viegas_fernandes_da_costa_o_livro_e_a_leitura_na_modernidade.pdf>. Acessado em 15.01.2009.

O alemão Daniel Heydenrich teria iniciado seu comércio em 1880 vendendo nas ruas de São Paulo, visitando sua clientela em domicílio e depois alugou uma casa de seu compatriota, Frederico Krueger, para iniciar no ramo com lugar fixo. Este espaço ficou conhecido em São Paulo anos depois como uma referência na ostentação e qualidade de seus produtos. O contexto destes dois alemães, sendo um em São e outro em Belém em períodos diferentes, nos faz atentar para a ligação que esses estrangeiros mantinham com compatriotas que vinham para o Brasil estabelecendo relações comerciais entre si, sendo que ambos possuíam parentes que continuavam morando na Alemanha, os quais intermediavam os produtos importados para as diferentes regiões do Brasil.

O inventariado Otto Segellke não possuía imóveis em seus bens, e a casa de sua moradia era alugada no valor de duzentos e setenta mil réis (270\$000). Sua herança, com exceção dos móveis, foi constituída apenas em dinheiro, com contas em bancos. Depois de sua morte, para fazer a partilha final entre seus irmãos Oskar Segellke e Paul segellke, os móveis são leiloados e sua herança é convertida na íntegra em dinheiro - situação essa rara nos inventários do período. A herança assim é depositada em 1952 para seus irmãos através do Banco do Brasil. As dificuldades da guerra impossibilitaram que seus herdeiros recebessem os bens do irmão. Só dez anos após o falecimento dele os bens são disponibilizados, sendo que no processo o inventariante também é um alemão e ao longo do trâmite do processo é acusado de racista pelo curador especial¹¹⁹ do processo em função de suspeitar de fraude no pagamento das consultas do inventariado, insinuando que o inventariante queria pagar duas vezes os serviços prestados pelos médicos que atenderam o inventariado no leito de morte.

A acusação de racismo deixa uma lacuna para atentar ao contexto da Segunda Guerra Mundial e sua extensão em Belém, ou na relação que os alemães estabeleciam com os moradores na cidade. Talvez a presença destes estrangeiros fosse transitória, isso porque as conseqüências da guerra traziam transtornos econômicos e estimulavam a saída destes do centro do conflito na busca por espaços em que pudessem praticar e lucrar com atividades comerciais ou mesmo como uma forma de relutância em ir à guerra¹²⁰. A recepção dos moradores paraenses não pode ser generalizada a partir da fala do curador do processo, mas

¹¹⁹ Aquele que, em casos de testamento, cuida da execução da vontade do testador, atuando em qualquer processo que envolva os bens legados.

¹²⁰ Para Hobsbawm não se deve confundir a relutância de ir à guerra com a recusa a lutar, pois nem mesmo os alemães teriam ido à guerra satisfeitos, apesar de o número dos que alegaram o direito de recusar-se a lutar ter sido pequeno durante a Segunda Guerra Mundial. p. 153. HOSBSBWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX :1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.153.

deixa uma possibilidade de expressar a insatisfação de certos setores em relação às práticas catastróficas do governo alemão durante a guerra.¹²¹

Segundo Fontes, o discurso nacionalista contra o Eixo durante a Segunda Guerra Mundial através da Rádio Clube, e dos jornais em Belém provocou um sentimento de combate às idéias nazifascistas, gerando indignação nos brasileiros em relação aos imigrantes italianos, japoneses e alemães que se instalaram no Pará à época. Passeatas, comícios, notas nos jornais, reforçavam o decreto-lei que o presidente Getúlio Vargas assinou afirmando que todos os alemães, japoneses e italianos, pessoas física ou jurídica, deviam responder pelo prejuízo material e atos de agressão praticados pelos seus países de origem em guerra.¹²²

A intenção de Otto talvez não fosse de fixar moradia em Belém. O fato de morar de aluguel e de ter os bens que possuía, podem indicar que o mesmo não intencionava criar raízes, no entanto não hesitava em ocupar sua casa com todo conforto que cabia à época, a grande quantidade e a função de seus bens móveis reitera traços de comodidade no interior doméstico de sua residência.

Entre moradores e objetos é perceptível através dos inventários a frequência de objetos legados aos herdeiros, bens estes que circulavam e produziam ares de alterações no significado de morar para algumas famílias que detinham meios de aquisição para desfrutar de comodidade e conforto.

O consumo de móveis, talheres, pratos, filtros, tapetes, geladeiras, fogões, livros, xícaras, relógios, espelhos, psyché, louças, ventiladores, quadros, desempenhou um papel relevante para a economia local. As ruas, armazéns e lojas passaram a ser vitrines de exposição e sedução para os consumidores.

A cidade de Belém entre o final do século XIX e a primeira década do século XX vivenciou um processo de reorganização do espaço urbano. Os lucros do látex interferiram na

¹²¹ O racismo nazista segundo Hobsbawm provocou o êxodo em massa de intelectuais judeus e esquerdistas, que se espalharam pelo que restava de um mundo tolerante. A hostilidade nazista à liberdade intelectual quase imediatamente expurgou das universidades alemãs talvez um terço de seus professores. Além disso, embora os cidadãos comuns pudessem desaprovar as barbaridades mais brutais do sistema, como os campos de concentração e a redução dos judeus alemães (que incluía todos aqueles com pelo menos um avô judeu) a uma segregada subclasse sem direitos. , um número surpreendentemente grande via tais barbaridades, na pior das hipóteses, como aberrações limitadas. Logo o posicionamento de adesão as práticas nazistas tornou-se um elo de sustentação entre os alemães para solucionar as tensões entre 1939-1945, causando de certa maneira em instância mundial certa aversão e condenação aos alemães que migravam para outras localidades, tal como o Brasil ou mais precisamente para Belém. Idem ibidem 1995 p.151-153.

¹²² FONTES, Edilza. Baratismo e Nacionalismo: a Batalha da Borracha (1940-1945). In: **Contando a História do Pará, V.II: os conflitos e os grandes projetos na Amazônia contemporânea (século XX)**. /Maria de Nazaré dos Santos Sarges...[et al.]; coord. Edilza Joana Oliveira Fontes.-Belém: Emotion, 2002. p.59.

paisagem e no comportamento dos seus habitantes, reflexos estes que se materializaram em construções de teatros, estabelecimentos bancários, palacetes, sobrados, lojas, a inserção da iluminação a gás e elétrica, instalações de linhas de bondes e uma intensa circulação de pessoas, responsáveis por um considerável crescimento populacional seja de imigrantes nordestinos ou de estrangeiros envolvidos com o comércio da borracha.¹²³

A campanha para a construção de uma cidade com ares modernos, inclusa no caminho do progresso deu-se através da concretização de uma prática de saneamento que visava remodelar a cidade e suas habitações. O crescimento da área de comércio entre a Cidade Velha e o bairro do Umarizal¹²⁴ permitiu a convivência de moradias e estabelecimentos comerciais concomitantemente, e uma constante valorização do mercado imobiliário e na estrutura dessas moradias.

As mudanças econômicas e uma maior facilidade para a circulação de produtos são referenciais importantes para imprimir novos significados ao padrão de moradia na cidade. A reelaboração do espaço urbano trouxe à tona questões pertinentes a práticas de moradias no ambiente das famílias abastadas. Dentro dessa panorama socioeconômico, a modernização da cidade foi vivenciada de forma múltipla por seus habitantes.

A população, por sua vez, passou a construir representações destas transformações nos interiores de suas residências, uns atendendo aos padrões de moradia, outros à margem deste processo ou simplesmente sendo obrigado a atender regulamentos, que estavam distantes de suas condições econômicas. A transformação da paisagem urbana não seguiu um modelo seqüencial, mas formas contraditórias de convivência entre o tradicional e o moderno, a ostentação e a pobreza.

A modernização da cidade foi acompanhada por um emaranhado de contradições denunciadoras das proporções que foram alcançadas e aos setores que foram favorecidos, pois apesar da entrada de diversificados elementos urbanos, a convivência com a carência de água, falta de saneamento, carência de energia reflete as dicotomias de um projeto modernizador que não alcançou os pobres ou operários que viviam nesse espaço.¹²⁵

¹²³ LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes cearenses no Pará (1889-1916)**. Tese doutorado no Programa de Pós Graduação em História Social do Departamento de História, Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006.

¹²⁴ BAENA, Antônio Ladislau Monteiro. **Ensaio Corográfico sobre a província do Pará**. Brasília: Senado Federal, conselho editorial, 2004. p. 184.

¹²⁵ LACERDA, op cit.

O morar paulatinamente passou a englobar mudanças nos vários aspectos na vida das pessoas. O tempo, o lugar, o significado do lazer, os usos dos espaços, revelaram as transformações da casa, que expressava a formação do indivíduo, o recolhimento em oposição ao público. São tais elementos que sinalizavam o período de uma sociedade com fortes características dentro da esfera do mundo privado, capitalista.¹²⁶

No âmbito destas transformações na paisagem do centro de Belém um ambiente ganhou mais significado e freqüentadores, o comércio. O consumo de materiais de construção, e de objetos domésticos assumiu um papel imprescindível na realização do projeto modernizador, ampliando as possibilidades produtivas da economia e de interseção com outras regiões como São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e outros países.

Neste capítulo a intenção foi apresentar as mudanças vivenciadas pela cidade e suas interferências no âmbito dos espaços das residências, tal como acompanhar a presença destes objetos domésticos nas casas paraenses, dentro de uma diversificada relação de práticas culturais e demarcadores sociais absorvidas por ilustres moradores que deixaram vestígios de um modo de morar bastante caracterizado pela sofisticação.

Posteriormente apresentaremos os espaços de consumo no comércio de Belém e seu significado para a prática do “bem viver”, ou que auxiliaram na tentativa de alcançar o progresso e o desenvolvimento material e cultural, tendo como intermédio o comércio e o consumo de objetos domésticos na cidade.

¹²⁶ SENNET, Richard. **O declínio do homem público: tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 31.

CAPÍTULO II: O COMÉRCIO DOS OBJETOS DOMÉSTICOS.

CAPÍTULO II: O COMÉRCIO DOS OBJETOS DOMÉSTICOS.

Neste capítulo iremos abordar a cidade como um espaço de circulação de objetos domésticos, que era viabilizada através dos leilões e armazéns. Locais estes que representaram um caminho para conhecermos o comércio, a venda e a compra das utilidades domésticas do cotidiano. Neste ambiente acompanhamos a chegada destes objetos nas residências, sua procedência e a divulgação relegada aos mesmos, tendo a imprensa como elemento facilitador na prática do consumo de tais produtos.

A construção de uma trajetória do objeto mostra-se assim por intermédio de sua origem, circulação e consumo entre os moradores que freqüentavam os locais que recepcionavam os consumidores e estimulavam valores de consumo na sociedade.

2.1 LOCAIS DE VENDA.

Leilões

Ao entardecer de uma terça-feira, às 2 horas da tarde, no ano de 1930, na Travessa Campos Salles, em meio a uma agitada aglomeração de pessoas, famílias preparavam-se para participar dos eventos de leilões em Belém. Uma preparação que demandava uma sofisticada vestimenta para assistirem ao arremate dos objetos pertencentes a residências de “família de fino gosto” como traziam as notícias no jornal. Através de olhares e comentários admiravam a suntuosidade dos móveis que expressavam na sua forma os ares de modernidade e o luxo almejado em uma casa. Olhares ávidos a conhecerem as novidades da domesticidade compartilhavam destes eventos, buscando acompanhar as mudanças materiais que a casa recebia ao longo do tempo.¹²⁷

O intervalo entre a ansiedade pelo início dos leilões e o intermédio dos agentes para arrematarem os produtos proporcionava um ambiente de socialização entre seus freqüentadores que aguardavam as ofertas e facilidades do comércio doméstico. Observando os objetos e as pessoas, seus participantes compartilhavam valores culturais e valores de consumo que poderiam ser concretizados ou simplesmente admirados, restringindo assim o acesso aos seus compradores.

¹²⁷ Folha do Norte 06 de Maio de 1930 n. 12.554; p.8. Biblioteca Arthur Viana (Centur)

O jornal paraense Folha do Norte, noticiava diariamente a realização dos leilões de objetos domésticos, os quais serviam ao uso de uma moradia. Nesse anúncio, constava a lista de todos os objetos leiloados com uma descrição minuciosa da origem, materialidade ou constituição material, sendo que esses leilões eram organizados por pessoas especializadas denominadas de “agente”¹²⁸. E em Belém, no intervalo de 1920-1945, é possível encontrar o registro dos seguintes agenciadores: Freitas Dias, considerada a mais experiente pelo seu tempo no mercado, seguido do agenciador Rosemiro Guerreiro de Oliveira, na travessa 13 Maio nº 227, Salomão Auday, com escritório na Campos Salles nº 27-A e o agente Batista Filho que segundo o jornal era o “novo leiloeiro” da década de 40, com escritório localizado na rua 28 de Setembro nº 356.

A realização dos leilões ocorria de acordo com diversos fatores, como o fluxo de famílias que, saindo de Belém para outros estados ou países, precisavam vender seus utensílios ou ainda, atender as demandas do fabricante de móveis que seriam comercializados nesses eventos.

Nos anúncios a venda de bens em leilão acontecia geralmente mediante deslocamento de moradia ou perante mandato judicial em caso de falência. Porém, a maior parte dos casos encontrados no jornal relaciona-se à primeira situação, apesar de não podermos descartar a possibilidade de muitos destes leilões serem fruto de falências de famílias e receberem no jornal o dissimulador da viagem para evitar constrangimentos. No jornal é perceptível a presença excessiva dos leilões, chegando a serem realizados até trinta por mês. Nesses anúncios vinham descritos os objetos leiloados e alguns, por serem muito extensos, eram acompanhados de um catálogo descritivo dos móveis:

Importante leilão de luxuosos móveis.
No palacete do exmo. Sr. Dr. Antonio Correa. Segue Catálogo:
Harmonioso piano **fabricante Pleyer**, bela mobília austríaca, cor de noqueira, feito leque, completamente **nova**, lindas colunas de Viena, com guarnição de porcelana; dítos de pau marfim e pau roxo; magníficos bustos, e bronze, tamanho natural; **delicado** grupo em pau marfim com 7 peças; finíssimo tapetes aveludados de diversos tamanhos, **riquíssimo** e completo para salão de refeições, obra de Leandro Martins, com 17 peças; peças avulsas; 2 lindos guarda-vestidos, 1 toilette, 1 lavatório; 3 ricos aparelhos para lavatórios em porcelana, 2 estantes, 2 guarda-louça, 2 escarradeiras, 1 cache-pots e riquíssimo santuário, 2 escrivatinhas, 1 cadeira de rodízio, 1 mobília **sistema inglês** com 9 peças, encosto de palhinha e florões; 12 cadeiras avulsas de guarnição, 1 grupo vime ; lindas peças para dormitório;

¹²⁸ Os agentes eram pessoas contratadas pelos escritórios de leilões como o “Freitas Dias”, “Salomão Auday”, responsáveis pela realização do leilão ofertando e arrematando os objetos para quem comprasse no ato do leilão. Segundo Antonio Rocha Penteado na primeira metade do século XIX existia 13 agentes de leilão. PENTEADO, Antonio Rocha. In: **Belém-Estudos de Geografia Urbana 1º volume**. Belém: Universidade Federal do Pará p. 133.

aparelhos para chá e café em **finíssima porcelana e verdadeiramente japonês**¹²⁹; e muitos outros objetos que presentes estarão no ato do leilão. Entrega e liquidação¹³⁰

A extensão do anúncio demonstra a variedade ofertada nos leilões, e objetos destinados aos mais diversificados cômodos de uma casa ocupavam os catálogos. O texto dos catálogos passa a ser o ponto inicial para estimular os participantes a conhecerem o extenso mercado de utensílios domésticos e acompanharem talvez por preços mais módicos objetos que demonstravam qualidade, garantindo o reconhecimento e a durabilidade do objeto.

Os adjetivos usados pelo jornal, tais como: finíssimo, linda, riquíssimo, nova, delicado, magnífico, servem para garantir a valorização do objeto e sua construção na memória do leitor que freqüentava as páginas do jornal para em seguida visitar esses espaços. A marca ou a origem do objeto apresentava aos espectadores o reconhecimento da qualidade do produto ofertado, ou mesmo do significado social que tais objetos tinham para famílias abastadas.

De acordo com a fonte acima, podemos afirmar que existiam diferentes tipos de leilões na época. Os que vinham expostos em catálogos eram, em geral, mais sofisticados. Quase sempre se leiloavam os móveis juntamente com o sobrado ou palacete, logo, esse tipo deveria ser muito restrito a indivíduos de alto poder aquisitivo, direcionando-se assim como “móveis de família”. Esta definição selecionava os compradores no âmbito das relações sociais, afinal o significado de “família” podia representar pessoas conhecidas ou públicas, que ocupavam cargos importantes, pertenciam a famílias de sobrenome renomado, já que alguns destes leilões vinham acompanhados dos nomes de quem vendia juntamente com a sua posição ou ocupação na sociedade.¹³¹

¹²⁹ Grifo Meu. Segundo a historiadora Vânia Carneiro Objetos de origem oriental eram comuns nos leilões mais suntuosos e sua presença é fruto de resquícios de diversas tradições culturais de cunho oriental, reapropriados em um longo processo de venda e revenda, ou no uso de modelos para a fabricação de réplicas, consumidos por setores médios. A estética oriental foi muito usada na decoração do ambiente doméstico burguês por darem um efeito artístico com arranjos de flores, borboletas e cerejeiras. Ver: CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e Artefato: O Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp. 2008, p.279. Edward Said ao desvendar a construção do Oriente como uma entidade abstrata, destacou o caráter totalitário e essencialista desta construção. Sua intenção é se insurgir contra esta forma de pensamento totalitário, que toma conjuntos humanos distintos, complexos, heterogêneos, formados por países, povos, e nações históricas individualizadas e procura lidar com eles na forma de uma totalidade homogênea. Para Said, não existe uma essência do Oriente assim como, também, não existe uma essência do Ocidente. Estas construções serviram para mascarar uma relação desigual que marcou historicamente o relacionamento entre alguns países da Europa “adiantada” com países da periferia do capitalismo. Ver: SAID, Edward. **Orientalismo: o orientalismo como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 60.

¹³⁰ Folha do Norte 14 de Junho de 1920 n. 9.066; p.6. Biblioteca Arthur Viana (Centur)

¹³¹ Apesar de o Jornal ser uma importante fonte de análise não se deve esquecer que seu conteúdo é caracterizado com uma mistura do imparcial e do tendencioso. Logo estes não podem ser vistos como simples meios de

Ao mencionar a ocupação dos proprietários dos bens leiloados e de seus respectivos sobrenomes, os leiloeiros apontavam com esses indicativos à riqueza e à variedade dos objetos que iam ser vendidos ao bater do martelo. Publicavam-se, desta forma, em alguns leilões os nomes e a ocupação daqueles que leiloavam seus bens:

Nome	Ocupação
João Guimarães	Contador do Tesouro Federal
Walter White	Comerciante estrangeiro
Hermelino Contreiras	Coronel
José Rodrigues Pacheco	Comerciante
Sá e Sousa	Advogado
Eufemia Llopis	Proprietária do Cinema Odeon
Francis Selessor	Funcionário do River Plate Bank
Farias Gama	Jornalista
Olívia Moema Lalôr	Proprietária
João da Costa Palmeira	1º Tenente do Exército
Cunha Coimbra	Cirurgião dentista e Industrial
Naum Basbaum	Gerente das Lojas Brasileiras S.A
Sylvio Bernardes	Ex-agente da Lloyd Brasileiro
H. D´avila	Comerciante
Alexandre Tavares Barbosa	Comerciante
Rodrigues Vieira jr	Engenheiro
José Alves da Cunha	Senador

Cada um dos nomes citados corresponde a um leilão.¹³²

informação, uma vez que estão subordinados as instâncias do comércio e do papel anunciador de um evento, o leilão, que era comprado para ter seu espaço no periódico. Trata-se de um meio permeado de interesses comerciais e de discursos ideológicos. Ver: PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006. p.116.

¹³² Cada um dos nomes citados acima corresponde a um leilão que foram encontrados respectivamente em:

Jornal Folha do Norte 10 de Janeiro de 1920 p. 6. Biblioteca Arthur Viana (Centur).
 Jornal Folha do Norte 21 de Janeiro de 1920 p. 6. Biblioteca Arthur Viana (Centur).
 Jornal Folha do Norte 13 de Maio de 1920 p. 6. Biblioteca Arthur Viana (Centur).
 Jornal Folha do Norte 30 de Maio de 1920 p. 6. Biblioteca Arthur Viana (Centur).
 Jornal Folha do Norte 01 de Julho de 1920 p. 6. Biblioteca Arthur Viana (Centur).
 Jornal Folha do Norte 28 de Julho de 1920 p. 6. Biblioteca Arthur Viana (Centur).
 Jornal Folha do Norte 18 de Maio de 1922 p. 6. Biblioteca Arthur Viana (Centur).
 Jornal Folha do Norte 21 de Outubro de 1924 p. 7. Biblioteca Arthur Viana (Centur).
 Jornal Folha do Norte 12 de Novembro de 1924 p. 5. Biblioteca Arthur Viana (Centur).
 Jornal Folha do Norte 12 de Fevereiro de 1928 p. 4. Biblioteca Arthur Viana (Centur).
 Jornal Folha do Norte 02 de Fevereiro de 1930 p. 8. Biblioteca Arthur Viana (Centur).
 Jornal Folha do Norte 18 de Outubro de 1935 p. 8. Biblioteca Arthur Viana (Centur).
 Jornal Folha do Norte 23 de Janeiro de 1940 p. 8. Biblioteca Arthur Viana (Centur).
 Jornal Folha do Norte 26 de Março de 1940 p. 8. Biblioteca Arthur Viana (Centur).
 Jornal Folha do Norte 26 de Maio de 1940 p. 12. Biblioteca Arthur Viana (Centur).
 Jornal Folha do Norte 17 de Julho de 1940 p. 12. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

Alguns dos nomes mencionados acima se repetem com a realização de leilões em anos diferentes, demonstrando que se retiraram da capital paraense e retornaram posteriormente. O comerciante Silvério Ferreira Lopes colocou seus bens para fazerem seu primeiro leilão em 1920 ao ir com sua família para a Europa, e já em 1930, encontramo-lo novamente pondo seus móveis para serem arrematados. Tal prática permite inferir sobre a circulação dos comerciantes na trajetória de ida e volta, estimulada por crises financeiras, investimentos no exterior ou simplesmente para realizar a viagem, reforçando o fluxo que esses comerciantes ou funcionários de empresas realizavam na capital paraense.¹³³

Essa constante movimentação de certos moradores demonstra talvez a transitoriedade dos móveis para alguns proprietários e a facilidade de adquiri-los novamente ou até de importá-los da Europa quando retornavam a Belém. A entrada dos móveis europeus pode ter sido favorecida também por esses sujeitos que passavam temporadas na Europa e depois voltavam. Os leilões realizados com os bens do Sr. Silvério em 1920 e 1930 são vastos, com grande quantidade de objetos que eram direcionados ao adorno e utilidades práticas do cotidiano, o seu último leilão apresentava mais de 122 peças. Sobressaindo-se desse conjunto os objetos decorativos.

grupos estofados a couro e tecido adamascado, almofadas com pinturas, cortinas para janelas com delicadas pinturas feitas a mão, quadro a óleo, vários biombo com pinturas, abajour com pinturas, tapetes para sala de visitas e alcova, objetos de adorno para salas de visitas, medalhões de parede, passadeiras¹³⁴

O conteúdo dos leilões como o do Sr. Silvério parece não mostrar uma preocupação com possíveis mudanças de endereços. Ao nos depararmos com uma vasta variedade de objetos, um possível deslocamento não interferia em suas aquisições ou na organização da casa, pela transitoriedade com os possíveis transtornos de mudanças em função da quantidade de objetos. No primeiro leilão de Sr. Silvério encontra-se um total de quatrocentas peças de móveis e utensílios domésticos; já em seu segundo leilão, com data de 02 de Fevereiro de 1930, constam duzentos e cinquenta itens.¹³⁵

Os detalhes com a ornamentação e a grande quantidade de utensílios demonstram talvez como era comum comprar e vender móveis para mobiliar uma casa e que apesar da

¹³³ Jornal Folha do Norte 10 de Janeiro de 1920 p. 6. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

¹³⁴ Jornal Folha do Norte 15 de abril de 1923 p. 6. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

¹³⁵ Jornal Folha do Norte 10 de Janeiro de 1920 p. 6. Biblioteca Arthur Viana (Centur).
Jornal Folha do Norte 02 de Fevereiro de 1930 p. 8. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

possibilidade de mudança, a casa deveria ser um ambiente confortável, como anunciava o título do leilão do Sr. Silvério.¹³⁶

A circulação de pessoas como o Sr. Francis Selessor, com a realização de um primeiro leilão em 1923 e outro em 1928, indica que determinadas ocupações em bancos privados podiam ter um caráter transitório, no qual trabalhavam temporariamente, e que tais cargos parecem ter sido ocupados principalmente por estrangeiros. Os leilões assumiam a função de facilitar sua viagem, talvez pelo fato de a locomoção com tantos objetos serem dificultosa e onerosa, assim poderiam, ao chegar a outro Estado ou país, comprá-los novamente.

Entendemos, por sua vez, que o termo “família”, mencionado nos anúncios, assumia justamente o significado de se ocupar um cargo em destaque na cidade ou pelo fato dessa pessoa ser reconhecida por certos grupos, uma vez que, ao identificar o nome, sobrenome e papel que ocupava na sociedade, o público identificava de quem se tratava e da sofisticação dos bens que essas pessoas possuíam. As festas oferecidas ou visitas às residências destas famílias talvez já apontassem aos convidados um contato anterior com as peculiaridades de fineza dos objetos leiloados, e nos leilões alguns poderiam ter a chance de adquirir algo observado naqueles momentos de descontração e também de ostentação daquilo que existia na casa alheia.¹³⁷

O consumo dos móveis na sociedade paraense podia estar presente nos eventos promovidos pelos leiloeiros os quais demonstravam ganhar uma grande projeção entre certos grupos sociais, uma vez que o título já deixava evidente que tais objetos não estavam ao alcance de qualquer pessoa, mas sim pessoas com um alto poder de aquisição financeira, como fica evidente na seguinte nota: “Importante leilão de móveis de família: na casa de residência do Dr. Sá e Souza, notável advogado do nosso Fórum, cuja exm^a. família retira-se temporariamente para a Europa”¹³⁸

Identificar os sujeitos que leiloavam seus bens requer também observar os lugares para onde se retiravam temporariamente ou efetivamente, pois em sua maioria iam para o sul do Brasil, Ceará, Buenos Aires, e Europa. Estes indícios demonstram que podiam ser pessoas que possuíam poder aquisitivo e reconhecimento social, já que o custo de tais deslocamentos requeria gastos excessivos. Dentro de um universo de cento e cinquenta anúncios do Jornal

¹³⁶ Jornal Folha do Norte 02 de Fevereiro de 1930 p. 8. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

¹³⁷ Jornal Folha do Norte 18 de janeiro de 1920 p.6. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

¹³⁸ Jornal Folha do Norte 28 de julho de 1920 p.6. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

Folha do Norte, a maior porcentagem de pessoas que declaravam o lugar de destino se direcionavam à Europa com 6,7%. Nos demais leilões não foi identificado o destino daqueles que colocavam seus bens para serem arrematados, o que correspondia a 85,3%, representando a maior porcentagem.

Lugares de mudança ou viagem	Sul do Brasil	Europa	Manaus	Rio de Janeiro	Ceará	Buenos Aires	Não declarados
Quantidade	7	8	2	3	1	1	128
Porcentagem	5,6%	6,7%	1,6%	2,4%	0,8%	0,8%	85,3%

Ao afirmarem nos anúncios que se tratava de leilões para “pessoas de fino gosto” os agentes de certa maneira delimitam seus frequentadores, alertando que estava falando de móveis raros e de alto valor, indicando quem deveria ir. Porém, como os leilões eram eventos públicos, isso não impedia a entrada de variados sujeitos, ou os olhares curiosos daqueles que queriam conhecer os bens de algumas famílias de destaque social, o que observável no anúncio: “Leilão de móveis de fino e apurado gosto, estilos inglês e americano tendo apenas 3 meses de uso. Pratarias, cristais, bateria de alumínio, etc.”¹³⁹

Os leilões da primeira década do século XX pareciam demonstrar discrição quanto ao proprietário pois anunciavam-se apenas os bens à venda, sem fazer referência a nomes ou sobrenomes, justificando somente tratar-se de pessoas que se retiravam para a Europa ou outros Estados da República brasileira. Essa ausência do nome e ocupação, bem como daqueles que não declaravam ou justificavam a venda dos bens do proprietário do anúncio, pode ser observada como uma maneira de preservar a imagem ou não desejar que saibam os motivos de sua viagem, ou seja, por fracassos econômicos ou transferências para outras localidades: “Autorizado por uma família que se retira para o Sul da República, venderá em leilão os móveis e mais artigos a saber”¹⁴⁰

De um total de cento e cinquenta anúncios de leilão, doze apareceram com a chamada “Móveis de família”, outros apenas como “leilão de móveis” Essa diferença no título do anúncio permite identificarmos distinções no que tange ao conteúdo do leilão. O leilão do jornalista Farias Gama foi editado no jornal com a denominação “leilão de móveis”, sem

¹³⁹ Jornal Folha do Norte 18 de Fevereiro de 1923 p. 8 Biblioteca Artur Viana (Centur).

¹⁴⁰ Jornal Folha do Norte 07 de Abril de 1911 p. 8 Biblioteca Artur Viana (Centur).

muitas notas enaltecedoras, e seus objetos foram descritos da seguinte forma: “Bom piano alemão, máquina de escrever, suntuosa mobília de dormitório, confecção portuguesa, estilo Manuelino com seis peças, porcelana, cristais, eletro-plate, carro em vime com rodas de borracha para criança.”¹⁴¹

Essa distinção entre conteúdo e o título dos anúncios para a divulgação dos leilões explica em parte que existiam variados leilões, alguns vastos, como é o caso do Sr. Antonio Correa, e outros em escala reduzida se comparado com o primeiro. O público ao qual se destinavam os leilões mais vastos, abarcava os indivíduos denominados de “família”, já os leilões em escala menor em termos de quantidade e variedade atendia a uma demanda maior de consumo alcançando variadas camadas sociais.

As chamadas nos anúncios do Jornal Folha do Norte também apresentavam termos como: “Superiores Móveis”, “Soberbos Móveis”, “Bons Móveis” “Móveis de Moderno Estylo”, “Finos Mobiliários”, “Confortáveis Móveis”, “Magníficos Móveis”, “Leilão Chic”, “Modernos e Elegantes”, “Elegantes Móveis”, “Requintado Mobiliário”, “Ricos Móveis de Fino Gosto”. Percebemos que o título antecipava os tipos de móveis e a origem ou o que expressava possuir os móveis que estavam sendo colocados para arremate.¹⁴²

Os leilões ocupavam o lugar de eventos sociais e paralelamente de prática comercial, ao simbolizarem um espaço de sociabilidade e de negociações que para os agentes de leilão, representavam uma forma de sobrevivência de onde retiravam sua renda, configurando uma profissão no âmbito das relações comerciais. Enquanto para os proprietários, além de representar um ato de oferta e compra constituía um encontro entre diversos segmentos que ansiavam conhecer ou adquirir os recentes produtos da vida doméstica, capaz de aproximá-los de uma sociedade civilizada.

Os leilões eram realizados geralmente às terças, quartas e sextas-feiras, sempre às 2 horas da tarde, quando tratava-se de uma leilão vasto em objetos, se divulgava o catálogo durante uma semana para ser executado. Durante os leilões os agentes recebiam produtos até a hora do arremate para serem vendidos, logo é importante destacar que os leilões são resultados dos variados sujeitos que procuravam os agenciadores para venderem seus produtos.

“25-Quarta-feira-25

¹⁴¹ Jornal Folha do Norte 24 de Fevereiro de 1924 p. 8. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

¹⁴² Jornal Folha Vespertina 06 de Maio de 1930 p.08. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

Na casa de residência do Sr. José Osório Netto, cuja família embarcará para o sul do país á Praça Barão do Rio Branco-28 A (junto á residência do exmo. Sr. Dr. Governador do Estado).
Agência Freitas
Às 2 horas ¹⁴³

Ao longo de sua trajetória a agência Freitas Dias realizava alguns leilões em seu amplo salão localizado na Frutuoso Guimarães nº 108. Esta agência era tida pelo discurso do jornal como a referência em leilões usando termos como “conceituada”, “acreditada”, ou elogios ao espaço destinado ao leilão como “arejado”, “amplo”. O discurso do jornal nos deixa indícios da concorrência que o mercado de leilões oferecia a sociedade, uma vez que os termos usados para enaltecer a agência reflete a necessidade de desempenhar o seu papel de meio de divulgação e convencimento por parte daqueles que liam o jornal.¹⁴⁴

A necessidade de caracterizar e destacar as qualidades de cada agência ou leiloeiro evidencia a diversificada possibilidade que o os participantes dos leilões poderiam usufruir de acordo com as peculiaridades destinadas ao conforto oferecido, ao lugar destinado ao leilão, a variedade e as ofertas.

Armazéns

Os armazéns eram estabelecimentos que ofertavam uma variedade de produtos que abasteciam muitas vezes as residências e mercearias. Este local movimentava a economia local e representava um dos caminhos que os moradores recorriam para adquirir gêneros necessários á vida doméstica em Belém.

A venda realizada pelos armazéns abarcava uma variedade de produtos, englobando objetos domésticos (copos, talheres, refrigeradores, panelas de alumínio), materiais de construção (cimento, folhas de cobre, tintas, lâmpadas) e alimentos. Esses estabelecimentos recebiam das casas importadoras os produtos que eram postos à venda, na qual assumiam o papel de distribuidoras de fabricantes estrangeiros como: General Motors, Universal Motors, Dupont Celophone, General Eletric, Companhia Sueca de Cimento 3 Corôas, Indian Motocycle Company, Caterpillar Tractor.

A Importadora de ferragens S/A, localizada na Rua 15 de novembro intermediava o comércio dos produtos para alguns armazéns, entre estes, Armazém Ancora (Avenida

¹⁴³ Jornal Folha do Norte 25 de Fevereiro de 1925 p.06. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

¹⁴⁴ Jornal Folha Vespertina 24 de Março de 1941 p.03. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

Portugal), Cosmopolita (Boulevard Castilho), A`domestica (Avenida Independência), Pêgo (Rua Conselheiro João Alfredo), Mascote (Rua 28 de setembro) e Baianinha (Praça Floriano Peixoto). A dinâmica do comércio de objetos domésticos compreende dessa forma uma rede de distribuição, com papéis definidos no que tange ao abastecimento dos armazéns, ao notarmos que o caminho percorria das importadoras aos armazéns, que possuíam distinção entre si, uma vez que certos armazéns centralizavam os produtos das importadoras. A importadora de Ferragem centralizava suas atividades no Armazens Matta, deixando indícios para pensarmos que este armazém gerenciava para a importadora a distribuição para os demais armazéns.¹⁴⁵

A comercialização dos objetos domésticos da casa esteve presentes através dos armazéns ainda no final do século XIX. Os armazéns eram responsáveis por mediar a vinda de objetos principalmente do Rio de Janeiro e São Paulo, tal como também de expor ofertas internacionais: francesa, portuguesa, inglesa, alemã, austríaca, italiana, americana, esta última mais presente nas casas. É importante destacar que certos objetos importados podiam ser solicitados diretamente pelo comprador aos representantes, e após o pedido o produto chegava via alfândega, local em que o comprador se responsabilizava em retirar no depósito do Serviço de Navegação da Amazônia e de Administração do Porto do Pará (S.N.A.P. P), mediante pagamento para custear a viagem e o descarregamento.

Os volumes que chegavam a S.N.A.P.P. tinham prazo de quinze dias para serem retirados do depósito, porém quando tal prazo expirava a mercadoria era posta a leilão, sendo publicados três editais no jornal de cinco em cinco dias para satisfazer as exigências, e caso o proprietário não fizesse a busca de sua mercadoria, esta ia a leilão.¹⁴⁶ Publicava-se em seguida um edital com a relação dos volumes e sua respectiva marca, com data marcada para realização do leilão, geralmente realizado na Rua Santo Antônio nº 179. A compra de produtos como objetos domésticos e alguns gêneros alimentícios, indica que estes eram encomendados principalmente por comerciantes em função da quantidade (mais de dois mil produtos constavam na listagem da SNAPP), demonstrando serem mercadorias que abasteciam mercearias e armazéns. A seguinte nota atesta:¹⁴⁷

¹⁴⁵ Jornal Folha do Norte 01 de Janeiro 1940 p. 3. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

¹⁴⁶ Decreto 24.288 de 24 de maio de 1934. Art. 206/regulamento para a capitania dos Portos. In: Coleção de Leis do Estado. APEP.

¹⁴⁷ Dentre as inúmeras mercadorias encontramos: 70 urinóis, 192 tijelhinhas de louça, 86 latas de leite moça, uma caixa com puxadores para móveis, 10 bacias de ferro zincado, 4 caixas com vidros de pickica, uma caixa com 36 copos de vidro, 30 tambores de ferro, engradados com chapas de vidro, 2 caixas com tacos de madeira, entre outros. Jornal Folha do Norte 04 de Abril de 1945 p. 3. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

Tendo esgotado o prazo legal para a retirada dos volumes abaixo mencionados descarregados de diversos navios para os Armazéns do Porto, sem que os interessados tenham feito quaisquer reclamações, ficando, portanto em comissão foi marcado o dia 6 do corrente mês, às 9 horas, no depósito da SNAPP, sito à rua de Santo Antonio, nº 179, para o respectivo leilamento¹⁴⁸

Na venda judicial da SNAPP as mercadorias eram quantificadas e no conteúdo do material é possível visualizar cem tipos de materiais descritos entre estas caixas de: bacias de louça, ferro de engomar, vidros, copos, armário, xícaras, redes, medicamentos, alimentos, urinóis esmaltados, fogareiros a gasolina e álcool, tigelas de louça, malas, entre outros.

A circulação ou o acesso aos utensílios da casa na cidade de Belém perpassava por várias dimensões com o intuito de aproximar a população a adquirir os objetos sejam eles importados, nacionais ou locais. As fábricas de móveis locais parecem ter ganhado um significado especial, estimulando a produção de objetos tais como mesas, cadeiras, guarda-roupas, mobília para sala de jantar e quartos. A “Marcenaria Moderna”, localizada na Rua Senador Manoel Barata nº 88, 65 e 67, pareceu ter assumido grandes proporções na fabricação de móveis. Tal marcenaria era movida a eletricidade, o que pode significar uma rapidez na produção, além de divulgar que seus objetos eram feitos por funcionários com um vasto conhecimento artístico, elaboradores de verdadeiras obras de arte:

Marcenaria Moderna de Gonçalves & Martins
Rua Senador Manuel Barata 88, 65 e 67
Fábrica de móveis movida á eletricidade, confecção de móveis de luxo, em completos para todas as dependências de casas de tratamento !!! Esta fábrica dispõe de pessoal habilitado, com conhecimento artístico de sua profissão, podendo assim oferecer a sua clientela obras artísticas, á exigência de todos os gostos, com aparelhamento perfeito, e em material de primeira qualidade..¹⁴⁹

No jornal circulavam diariamente notas de propaganda dos objetos e tal aspecto nos ajuda a compreender a dinâmica da compra e venda de móveis e eletrodomésticos na cidade. Desta maneira a venda de geladeiras, fogões, e outros eletrodomésticos parecem diferenciar-se em relação aos móveis tais como cadeiras, aparadores, camas, guarda-roupas e armários. A venda de eletrodomésticos era mediada pelos distribuidores externos do Rio de Janeiro, São Paulo ou por empresas internacionais, tais como a General Motors, General Electric e Philco, as quais distribuía representantes na cidade de seus produtos, e estes tinham a função de realizar demonstração das vantagens na aquisição dos mesmos. O anúncio

¹⁴⁸ Jornal Folha do Norte 04 de Abril de 1945 nº 19.070 p. 2. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

¹⁴⁹ Jornal Folha do Norte 07 de Janeiro de 1930 p. 4. Biblioteca Arthur Viana (Centur)

incitava: “Peça demonstração e preços com o distribuidor exclusivo neste Estado. Vendas a prestações, a largo prazo! Garantia por 4 anos.”¹⁵⁰

Os distribuidores contratavam representantes que geralmente faziam visitas nos lares e estabelecimentos comerciais, utilizando dos argumentos de qualidade e vantagens do produto, demarcando assim o caráter de exclusividade da mercadoria e as facilidades para a aquisição, uma vez que eram ofertados com pagamento à vista ou em longas prestações. Alguns distribuidores costumavam realizar a permuta de objetos, que correspondia na ida do emissário à residência do comprador para realizar a troca de um produto antigo por um moderno mediante retorno da diferença. Logo após a avaliação permutava-se um objeto pelo outro, como neste caso:

Elegância distinção e linhagem”

Realmente, o aparelho, cujo clichê hoje estamos, oferece todos os dados de perfeição da fonografia moderna.

Paraba automática para todos os discos não importando o tamanho e nem a marca. (Único que possui este melhoramento).

V. Exc. Se nos concedesse uma demonstração em sua própria casa de residência, certificar-se-ia do que dissemos sobre este aparelho. Ou então nos seria agradável uma visita de V. Exc. Em nosso estabelecimento.

IMPORTANTE: Podemos permutar os nossos aparelhos modernos pelos modelos antigos, permitindo-nos uma visita de nosso emissário, para ver o estado em que se encontra o aparelho que deseja permutar. Para melhor informação telefone para - 1015¹⁵¹

VENDAS A VISTA OU A PRESTAÇÕES.

É importante destacar que os termos *linhagem* e *distinção* presentes na fonte acima expressavam a condição destinada a este aparelho, uma vez que tê-lo era acreditar na tradição da qualidade e sofisticação deste aparelho, sua raridade e singularidade. Logo, acreditamos que a compra deste objeto restringia-se a um grupo de pessoas constituído, principalmente, por famílias abastadas.

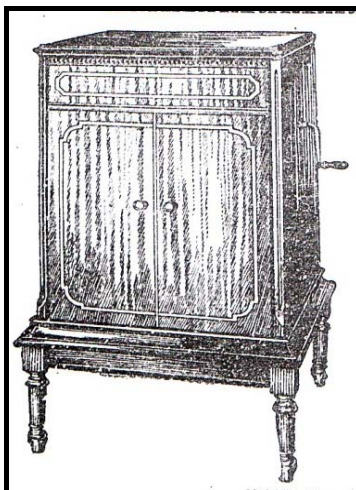
A venda de um aparelho fonográfico denominado Paraba através dos discos, ofertado pela “Casa dos Discos”, demarca o caráter exclusivo do produto, destacando que este era o único modelo que tocava todos os tamanhos e marcas de disco, de forma que a valorização do objeto através deste discurso publicitário absorve uma função autêntica e de exclusividade. O papel do emissário é relevante á medida que este intermediava o

¹⁵⁰ Jornal Folha do Norte 01 de Janeiro de 1940 p. 2. Biblioteca Arthur Viana (Centur)

¹⁵¹ Jornal Folha do Norte 09 de Março de 1930 nº 12.495 p. 8. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

convencimento do cliente a adquirir o aparelho, com visitas às casas de residências, indo até o cliente para fazer as demonstrações.

Figura 1- Paraba



Fonte: Jornal Folha do Norte 09 de março de 1930, p.8

A venda dos materiais de construção em Belém era realizada pelos Armazéns e as Importadoras de Ferragens, além da General Motors do Brasil, oferecendo tintas, material elétrico em geral, lâmpadas de todas as voltagens, alumínio para a construção das casas. A “Importadora de Ferragens” distribuía para uma variedade de armazéns tais como: Armazéns Ancora, Mascote, A’ Doméstica, Baianinha, Pego, Matta, estas representavam a distribuição de fabricantes como General Motors, Companhia Sueca de Cimento 3 Coroas, General Electric, Companhia Nacional de Cimento.¹⁵²

O rol de produtos de materiais de construção, vidros, relógios de parede e móveis eram abastecidos em grande parte pelos Estados Unidos, afinal, a decoração das casas teve uma enorme influência norte-americana. A predominância das ditas cadeiras austríacas que chegavam á Belém, eram fabricadas nos Estados Unidos onde o fabricante europeu abriu filial, o que barateava e facilitava a importação.¹⁵³

A preocupação com os detalhes dos objetos, como a madeira escolhida, o encostamento, as pernas e torneados das mesas e cadeiras constituía a necessidade de moldar

¹⁵² Jornal Folha do Norte 1 de Janeiro de 1940 n° 16.939 p. 2. Biblioteca Arthur Viana (Centur) Ver documento em anexo (Importadora de Ferragens).

¹⁵³ LEMOS, Carlos A. C.. **A República Ensina a Morar (Melhor)**. São Paulo: Hucitec, 1999 p.70.

os móveis à casa tornado um ambiente austero aos olhares alheios, provocando a chegada de uma gama de mobiliários antes tão ausentes dos lares paraenses.¹⁵⁴No final do século XIX torna-se mais freqüente a variedade dos utensílios da casa acompanhada de uma mudança nos hábitos e costumes da elite em geral e principalmente pela maior facilidade na circulação de produtos internacionais e nacionais.

Neste item o objetivo foi visualizar o papel dos Armazéns na cidade, que comercializavam uma variedade de produtos que iam desde material de construção a gêneros alimentícios. Outro objetivo foi de entender esses estabelecimentos como distribuidores de utensílios domésticos dos mais variados lugares do mundo, desenvolvendo um importante papel na vida material dos habitantes ao terem contribuído na aquisição de objetos “necessários” à vida doméstica.

2.2 A ORIGEM DOS OBJETOS DOMÉSTICOS.

A origem dos objetos mostra-se de forma múltipla, uma vez que vinham do mercado internacional, nacional e principalmente local. A variedade de lojas, serrarias e armazéns indica uma considerável produção local que atendia aos consumidores, tais como comerciantes, capitalistas, advogados, militares, senadores, engenheiros, médicos, jornalistas, entre uma grande gama de pessoas intituladas “de família”, “de fino gosto”, “de gosto moderno”, por serem consumidoras ou possuidoras de móveis, que traziam em seu trajeto estilo, com características artísticas, detalhes delimitadores da fineza e superioridade material e social.

Os estilos parecem demonstrar a peculiaridade de ter um móvel classificado de acordo com a sua origem dentro de casa. A matriz artística seja do modelo Inglês, Americano, Colonial, Egípcio, Manuelino, Império ou Luiz XV, demarca uma linguagem homogênea entre os sujeitos de família que buscam os agentes de leilões.

¹⁵⁴ Segundo Luiz Antônio Valente Guimarães o investimento em mobiliário na primeira metade do século XIX não representava uma das principais formas de realização financeira das famílias de Belém, possível de ser observada através da somatória dos valores que recebiam os bens da casa, de um modo geral eram muito baixos, pois as casas eram ocupadas por poucos e toscos trastes domésticos. In: Guimarães, Luiz Antônio GUIMARÃES, Luiz Valente. **As Casas & as Coisas: Um estudo sobre Vida Material e Domesticidade nas moradias de Belém-1800-1850**. Dissertação de mestrado: Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia. Belém, 2006, p. 139.

Os móveis que chegavam a Belém apresentavam características de estilos europeus que surgiram principalmente a partir do século XVIII; o estilo francês à Luiz XV foi criado durante o governo desse rei francês, em uma época em que o convívio social foi intenso; assim, destacam-se nestes móveis de madeira dourada pintada em tons claros folhas e folhagens e estofamento de tecidos adamascados. O estilo Império caracteriza-se pela presença do metal como estrutura do móvel com linhas em forma de X no encosto.¹⁵⁵

As artes decorativas voltadas para a fabricação de objetos domésticos são novidades que chegaram a São Paulo pela França, divulgadas pelos meios de comunicação. O artesanato francês desenvolveu-se no Brasil apesar dos avanços industriais, reforçado pelo poder que lhe foi legado pela corte com a Academia francesa, e assim os objetos franceses ganharam assim um alto padrão de refinamento no Brasil.¹⁵⁶ Em Belém, por exemplo, encontramos colunas francesas revestidas de porcelana, bustos, bibelôs e biscuits no adorno das casas.¹⁵⁷

Cidades como Rio de Janeiro e São Paulo tiveram um papel importante na entrada de móveis de estilos europeus em Belém, pois nessas cidades os fabricantes produziam móveis estilizados, tendo como modelo as características européias ou americanas no que tange ao estilo de móveis. Isso serviu para os marceneiros locais aprenderem as técnicas pertencentes a cada um destes móveis, e paralelamente notamos a fabricação de móveis estilizados em Belém nas exposições públicas.

Os eventos divulgadores da venda de móveis também são notados nas Exposições realizadas pelas lojas e fábricas locais de Belém, pois eram programadas com antecedência e com a contribuição do jornal que desempenhava o papel propagador. Em agosto de 1924 a fábrica “Freitas Dias” organizava a sua segunda exposição pública na travessa Benjamin Constant para apresentar seus produtos incitando principalmente noivos que estavam prestes a casar, a adquirirem móveis a estilo Luiz XV e XVI:

Desde domingo, está franqueada a visitação pública a bela exposição de móveis da importante fábrica Freitas Dias, da firma L. S. Freitas & C^a, á travessa benjamin Constant.

È a segunda que esses industriais fazem nesta capital dos seus acreditados produtos. Entre o grande empório de móveis expostos destacam-se, pelo bom gosto de sua confecção, os seguintes, que tivemos ocasião de ver: mobiliário de alcova, em pau marfim, estilo Luiz XV; idem de sala de jantar, freijó, estilo Luiz XVI; idem em

¹⁵⁵ Disponível em: <http://www.casaecia.arq.br/luis_xv.htm. Acesso dia: 13-12-2007>.

¹⁵⁶ DE CARVALHO, Vânia Carneiro. **Gênero e Artefato: sistema doméstico na perspectiva da cultura material**. São Paulo, 1870-1920. Tese de Doutorado em História Social apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001, p. 63.

¹⁵⁷ Jornal Folha do Norte 13 de Maio de 1920 p. 6. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

freijó com aplicações de macacahuba; luxuoso completo em muyrapiranga com vidros curvos para sala de jantar, completo mingon (28 peças) para recém casados, dispondo mais de todos os móveis para a instalação completa de uma elegante casa de noivo.¹⁵⁸

A palavra “estilo” parece indicar suntuosidade, luxo e requinte, uma vez que ela está inserida no elemento propagador do evento, apontando a peculiaridade dos objetos ao estarem na categoria de móveis “modernos”, simbolizando uma obra de arte ou a qualidade material e a forma que era dada à madeira na fabricação destes móveis. A vida material nas casas desses grupos sociais, na década de “20”, parece ganhar novas preocupações ou talvez uma atenção maior com a arrumação, organização e a estrutura de um espaço do cotidiano em que as pessoas compartilhavam a intimidade familiar e pública das visitas no recinto do lar.

O campo silencioso das interações sociais no que se refere à produção, circulação, o uso e organização dos utensílios domésticos é fundamental para conhecermos a comunicação entre os sujeitos e vida material, anunciadores de novos comportamentos no vestir, no comer, no dormir. Tudo isso simbolizava em certa medida a construção de identidades sociais, através dos móveis que ocupam uma casa, na qual o objeto é parte do fenômeno histórico, com papéis simbólicos e diversos dentro de uma mesma sociedade de acordo com os subgrupos, seja de acordo com o demarcador de geração (idosos, jovens), de sexo (feminino, masculino) ou econômico (pessoas com alto poder aquisitivo e baixo poder aquisitivo).¹⁵⁹

As formas de obter os móveis e demais utensílios da moradia na primeira metade do século XX representaram um comércio dinâmico e lucrativo para as lojas de móveis e distribuidores de produtos importados, tal como para os Armazéns locais que eram centros distribuidores de objetos oriundos do âmbito local, nacional e internacional.

O governo do Estado sob a administração de Dionísio Bentes por volta de 1927 iniciou um processo de incentivos financeiros às empresas ou fábricas que quisessem produzir móveis e outros artigos destinados às moradias, oferecendo aos interessados isenção de impostos estaduais e municipais (menos o de exportação) por até cinco anos, além de preferência nas encomendas oficiais em igualdade de preço com outros concorrentes. Os decretos de lei evidenciam os estímulos comerciais que foram concedidos a uma fábrica de

¹⁵⁸ Jornal Folha do Norte 16 de Setembro de 1924 n°. 10.508 p. 2. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

¹⁵⁹ REDE, Marcelo. História a partir das Coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. In: **Anais do Museu Paulista**, Vol.8/9, n° 9. 2003, p.271.

móveis de vime, pertencente ao Sr. Manoel de Oliveira Pastana em 1928, que abriu uma fábrica de artefatos esmaltados (retratos, vitrais, mosaicos artísticos, cerâmica):

Art.1º

Fica o governador autorizado a conceder a Manoel de Oliveira Pastana para a fábrica de artefatos esmaltados a fogo: retratos, vitrais, mosaicos artísticos, lenços de ferro esmaltado e cerâmica em geral, placas, etc., que o mesmo mantém nesta cidade, individualmente ou por empresa que organizar os seguintes favores:

- a) isenção de impostos estaduais e municipais durante cinco anos, menos de exportação.
- b) preferência nas encomendas oficiais, em igualdade de preço, a outras congêneres.¹⁶⁰

A produção de cadeiras tipo austríaco também teve o incentivo do governo, que forneceu benefícios aos fabricantes para se instalarem em Belém:

Lei 2.727 de 6 de Novembro de 1928

Art.1º: fica o governo do Estado autorizado a dispensar pelo prazo de cinco anos, a fábrica de cadeiras tipo austríaco e de moitões, situada nesta capital á rua Santo Antonio nº42, de propriedade da firma J.A.F. talhadas, do pagamento do imposto de indústria e profissão, inclusive os do exercício corrente, quer do Estado, quer do município de Belém.

Único: a isenção constante do artigo supra ficará sem efeito algum, se no decurso do prazo da mesma o atual proprietário vender a fábrica ou deixar de empregar nos serviços dela somente artistas e operários nacionais.¹⁶¹

O incentivo à abertura de fábricas locais acena para uma possibilidade de pensarmos numa necessidade de fabricar tais móveis na cidade, devido a demanda dos consumidores, ou mesmo, como uma forma de reduzir o valor de tais objetos para facilitar no mercado o acesso aos mesmos. Assim como favorecer o comércio interno e produzir empregos, uma vez que algumas empresas eram obrigadas a empregar artistas e operários nacionais em suas fábricas.

A fábrica de moitões e cadeiras, de tipo “austríaco”, de propriedade de J. A. F. de objetos talhados em Belém, talvez tenha facilitado o acesso e a proliferação de móveis nas casas, uma vez que anteriormente estes objetos, tão presentes nos leilões locais, eram importados dos Estados Unidos, onde existia uma fábrica austríaca que exportava para o Brasil. Estes indícios permitem pensarmos em um crescimento no setor de móveis na capital paraense quando nos deparamos com um efervescente comércio visualizado através das lojas, fábricas, armazéns e leilões. O crescimento cada vez mais intenso de um comércio que

¹⁶⁰ Lei nº 2.707 de 06 de novembro de 1928 p. 29. In: Coleção de leis do Estado: APEP.

¹⁶¹ Lei nº 2.727 de 06 de novembro de 1928 p. 28. In: Coleção de leis do Estado: APEP.

envolvia a casa e a família possibilitou uma proliferação de diversificados objetos que assumiam papéis multifuncionais dentro de uma casa, evidenciando as necessidades do cotidiano.

A ampliação do comércio de utensílios domésticos ganhou espaço principalmente no ambiente dos Armazéns e Lojas. Estas últimas pareciam oferecer ao cliente uma diversidade de produtos que unia gêneros alimentícios, móveis e materiais de construção, destacando que não havia uma especificidade acerca de um local para a venda de um determinado produto. Os armazéns tais como: Ancora, Cosmopolita, Matta, Mascotte, A' Domestica, Baianinha, Pêgo, reforçam tal afirmativa, uma vez que alguns de seus produtos eram adquiridos para venda na Importadora Ferragens, a qual distribuía para estes armazéns a enorme variedade de produtos que englobava acessórios de alumínio, de papelaria, materiais elétricos, refrigeradores, tintas, óleos e máquinas de escrever.¹⁶²

A circulação dos móveis através dos leilões já demonstra uma especificidade acerca do objeto, ou seja, corresponde apenas ao mobiliário da casa, delimitando inclusive os objetos que ocupavam respectivamente cada cômodo da mesma. As marcenarias e fábricas de móveis restringiam sua produção em móveis constituídos de madeiras como acapú, macacahuba, maracatiara, nogueira, cedro e angelim, sendo que esses móveis eram ofertados geralmente através de exposições que disputavam premiações.

As notícias que chegaram a Belém em setembro de 1924, foram de que a fábrica Freitas Dias¹⁶³ havia sido premiada em Sobral, no Ceará, pelos móveis enviados para participarem de uma exposição, na qual foi premiada com medalha de ouro, reforçando o mérito da qualidade de seus produtos.¹⁶⁴ As premiações fora do Pará nos levam a pensar na possibilidade de circulação dessas mercadorias em outros estados e seu significado para o comércio local, o qual parece ter desempenhado um papel importante na economia, caracterizando uma dinâmica de troca comercial e cultural a partir das peculiaridades dos móveis que eram fabricados em Belém. As exposições de móveis revelam-se assim um forte instrumento de acesso ao consumo, uma vez que estas ocorriam com bastante frequência e com dias limitados para exibição, durante a qual os clientes faziam as suas encomendas.

Os eletrodomésticos também não estavam à margem do comércio nas de exposições públicas, pois estas pareciam significar momentos de encontro e socialização para

¹⁶² Jornal Folha do Norte 01 de janeiro de 1940 p.3. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

¹⁶³ A fábrica Freitas Dias foi fundada em Belém em 1861. Jornal Folha do Norte 01 de janeiro de 1930 n.(rasurado) p.4. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

¹⁶⁴ Jornal Folha do Norte 16 de Setembro de 1924 p. 2. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

conhecer as novidades da chamada engenharia moderna. Empresas como a Philco, Frigidaire¹⁶⁵, Dako e Norge, por exemplo, faziam demonstrações nos prédios de seus respectivos distribuidores ou na Praça da República.¹⁶⁶ O acesso às mercadorias do mundo doméstico não ficava restrito ao mundo da compra e venda, mas também à prática do aluguel do objeto. Os fogões aparecem dentro desta segunda possibilidade. Em 1922 notas no jornal destacavam o fogão à gás com instalação e por aluguel¹⁶⁷, porém como nos anos posteriores prevalece a venda desse objeto, supõe-se assim que a venda do fogão tenha ganhado mais facilidades para a compra, tornando-se mais acessível nas casas.

Figura 2- Fogão á gás disponível através de aluguel



Fonte: Jornal Folha do Norte 20 de Fevereiro de 1922 p. 5

A propaganda ilustra a dona de casa com avental cuidando do preparo da comida, manuseando o fogão, o qual desempenhava uma função indispensável na vida doméstica, talvez o papel de facilitador dos serviços da dona de casa. **Seu uso se tornou relativamente frequente pelas** facilidades na aquisição quando oferecia ao consumidor, com o aluguel do fogão e instalação como opção para aqueles que não tinham como comprar de imediato. Os recursos de divulgação baseados na forma da aquisição e na advertência quanto ao consumo, permitem inferirmos que os fogões a gás não eram tão frequentes nas moradias, talvez pelo

¹⁶⁵ A história da Frigidaire começou quando a empresa Guardian Frigerator Company foi fundada em 1916 na cidade de Ft. Wayne, estado americano da Indiana, para produzir o primeiro refrigerador elétrico doméstico, que havia sido inventado por Alfred Mellowes. Em 1919 a General Motors Corporation, sob o comando de William C. Durant, adquiriu a pequena empresa, que adotou oficialmente a marca Frigidaire para seus produtos. Com a injeção de dinheiro, a Frigidaire se tornou pioneira em grandes inovações como o Freezer doméstico, ar-condicionado para quartos (desenvolvido em 1929), sistema de filtragem para refrigeradores domésticos e cores combinadas para equipamentos domésticos. Até 1979 a empresa esteve nas mãos da GMC, e atualmente faz parte da Electrolux.

¹⁶⁶ Jornal Folha do Norte 08 de Janeiro de 1939 p. 13. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

¹⁶⁷ Jornal Folha do Norte 22 de fevereiro de 1922 p. 07. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

valor de custo no mercado e principalmente pela manutenção com uso do gás, enfatizando o consumo módico de seu uso na propaganda.

A propaganda ainda em por volta de Fevereiro de 1941 oferecia aos clientes o uso de fogões a gás, através do aluguel com preços que variavam entre 10\$000 (dez contos de réis) e 15\$000 (quinze contos de réis), destacando os benefícios que resguardavam o uso deste tipo de fogão, bem como sua ligação com sinais de limpeza e conforto no interior das moradias. A comodidade assim parece expressar praticidade, redução de sujeira e consequentemente facilidade na realização dos trabalhos domésticos.

A companhia de Gás Paraense em parceria com o armazém intermediava o acesso aos fogões a gás, a companhia fornecendo o gás e os armazéns realizando a venda do fogão que facilitava seu acesso através do aluguel e com a exclusão dos custeios de instalação, que era grátis para o cliente.

Figura 3- Propaganda de fogões a gás



Fonte: Jornal Folha Vespertina 17 de Fevereiro de 1941 p.5

Nas observações de Carlos Lemos o fogão trouxe a racionalização no preparo das refeições, uma vez que paulatinamente o fogão de ferro, importado dos Estados Unidos, passou a substituir o fogão de taipa e pilão e trouxe benefícios como a redução da fumaça no interior da cozinha e a necessidade de uma menor quantidade de lenha para garantir o fogo sempre aceso.¹⁶⁸

Para Luiz Máximo, a propaganda publicitária foi um forte instrumento de divulgação e convencimento da população para o consumo de objetos que requeriam o uso do gás e eletricidade, pois a tradição e o costume no uso do fogão a lenha ou a álcool causava

¹⁶⁸ LEMOS, C. A. C. op cit., p. 212.

receios a população no que diz respeito ao manuseio de aparelhos novos, como o fogão a gás. A propaganda talvez tenha contribuído para quebrar a resistência das donas de casa em adotar as novidades da vida doméstica, ao oferecerem dicas de uso e instalação nas residências com demonstração.¹⁶⁹

A presença de objetos domésticos fabricadas por empresas como a Frigidaire, Philco, Dako, Norge e General Eletric, era possível porque tais empresas distribuíam para a capital seus objetos que eram vendidos por Armazéns, que por sua vez assumiam o papel de distribuidor. A Importadora de Ferragens S/A, localizada na Rua 15 de Novembro, distribuía os produtos para os armazéns que eram responsáveis pela venda, assim como também tais empresas possuíam no Rio de Janeiro e São Paulo distribuidores filiais que tinham representantes autorizados em Belém e nos demais estados. Assim, logo percebemos que as lojas usavam da exclusividade de ser distribuidor de uma determinada marca para valorizá-la.¹⁷⁰

Figura 4- Geladeira Philco



Fonte: Jornal Folha do Norte 02 de Julho de 1940 p. 3

A Philco surgiu em 1892, nos Estados Unidos como uma empresa de lâmpadas arco carbônicas, chamada Helios Eletric Company, no Estado da Filadélfia. E após 14 anos, a empresa passou a produzir baterias e mudou seu nome para Philadelphia Storage Battery Company, de onde se originou o nome Philco. Em 1934, a Philco chegou ao Brasil e em

¹⁶⁹ SILVA, João Luiz Máximo. **O Impacto do Gás e da Eletricidade na casa paulista (1870-1930)**. Dissertação de Mestrado, FFLCH, História Social, 2002, p. 50.

¹⁷⁰ Jornal Folha do Norte 08 de Janeiro de 1939 p. 3. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

1948, instala-se no Rio de Janeiro.¹⁷¹ A “Electroradio” era o distribuidor exclusivo da geladeira de marca Philco em Belém na década de “40” com escritório localizado na Rua João Alfredo nº 87, através da qual podemos perceber a demonstração acerca da concorrência entre as lojas, ao buscarem a exclusividade dos produtos.

A entrada do capital estrangeiro no Brasil expandiu a variedade de produtos elétricos que aos poucos foram se inserindo nos estados brasileiros, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo. Os incentivos fiscais foram para as empresas estrangeiras fortes atrativos financeiros, assegurando às empresas principalmente americanas e inglesas vantagens para produzir no Brasil. E suas estratégias comerciais visavam investir em escritórios de representação de venda e distribuição nos estados com manutenção técnica e créditos próprios para assegurar os elevados lucros que este comércio estava lhe proporcionando.¹⁷²

A venda dos objetos domésticos tinha um relevante papel dentro da economia local ao abarcar o âmbito das exportações, importações, armazéns e fábricas, além de necessitar de pessoas que assumissem o papel de representantes das empresas já citadas acima, para apresentarem ao cliente a qualidade de seu produto e a marca das indústrias filiais que distribuíam suas mercadorias em Belém. O serviço ao cliente demandava conhecimentos acerca de todas as vantagens da recente engenharia, demarcando originalidade e segurança ao consumidor, por isso a oferta no jornal para convidar pessoas a tornarem-se representantes mostra-se como uma possibilidade de ocupação remunerada com inúmeras vantagens, principalmente para atender a clientela do interior do Estado.¹⁷³

O comércio de móveis, adereços pessoais e roupas na capital paulistana eram viabilizados através das idas e temporadas das famílias ricas à Europa, as quais encomendavam em casas como a Maple ou por meio de importadores como a casa Allemã, e a Casa Garraux, fazendo uso de catálogos e exposições permanentes para a escolha. Porém a

¹⁷¹ **Itautec Philco** foi o nome dado a empresa que resultou da compra da Philco do Brasil pela Itaotec. Posteriormente, a marca Philco e a unidade relacionada à marca foram vendidos para a Gradiente. Hoje a empresa funciona como Itaotec e pertence ao grupo Itaúsa, sócio majoritário do Banco Itaú. Disponível em: <<http://www.mundodasmarcas.blogspot.com/2006/09/philco-tem-coisas-que-s-philco-faz-pra.html>>. Acessado em 02/12/2007.

¹⁷² SILVA, Sergio & SZMRECSÁNYI, Tamás (orgs). In: **História Econômica da Primeira República**. São Paulo: Hucitec, 2002, p. 274.

¹⁷³ A Marca Sun Flame de aparelhos domésticos anunciava juntamente com seus produtos uma nota convidando pessoas a candidatarem-se para as poucas vagas que restavam para serem representantes idôneos no interior do Estado. Jornal Folha do Norte 07 de Julho de 1940 p. 4. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

produção em São Paulo também era considerável, com marcenarias e lojas que faziam réplicas dos móveis estrangeiros, presentes principalmente no mercado francês e inglês.¹⁷⁴

A movimentação no comércio de aparelhos domésticos ganhou uma grande dimensão com a variada quantidade de empresas que intermediavam seus produtos para Belém, vindos do Rio de Janeiro, São Paulo ou do mercado internacional. O consumo se mostra cada vez mais intenso principalmente a partir da década de 1930, a vasta divulgação com a ajuda da imprensa e a facilidade na aquisição proliferou a entrada destes produtos nas casas paraenses de famílias com um alto poder aquisitivo.¹⁷⁵

As empresas teriam o intuito de atender as necessidades domésticas auxiliando na aceleração das atividades, na economia e conservação da alimentação, apresentando a multifuncionalidade dos aparelhos e o caráter exclusivo, que pertencia a cada modelo seja de refrigerador, de fogão, ferro, cafeteira, ventiladores, torradeiras, entre os inúmeros que surgiam e facilitavam a vida doméstica com a praticidade proporcionada na manutenção da higiene da casa e no preparo dos alimentos, tal como também no conforto do lar.

A propaganda e o papel destinado ao jornal, de divulgar e estimular o consumo deve ser pensado com cautela uma vez que a função ideológica constrói uma idéia de consumo generalizado. Logo o excesso de produtos e a propaganda devem ser analisados não como uma democratização do consumo, mas como estratégias capitalistas para incitar o consumidor a adquirir os produtos ofertados.

O discurso apresentado pelo jornal, aqui mencionado, deve ser analisado dentro das perspectivas capitalistas de construção de um mercado de consumo que estimulava através de imagens e palavras a população a sentir-se dentro de uma sociedade moderna, a materialidade e as vantagens dos utensílios domésticos é incorporada para mobilizar a compra ou a troca de produtos “antigos” por outros “modernos”.¹⁷⁶

¹⁷⁴ DE CARVALHO, Vânia Carneiro. **Gênero e Artefato: sistema doméstico na perspectiva da cultura material**. São Paulo, 1870-1920. Tese de Doutorado em História Social apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001, p. 113.

¹⁷⁵ É importante destacar que não estamos afirmando que houve uma democratização no consumo dos bens domésticos, mas sim que o acesso e o intermédio foi facilitado em função da chegada de várias empresas com vendas em longas prestações, permitindo sua chegada nos lares.

¹⁷⁶ A representação visual de uma imagem pode ser compreendida como um instrumento plástico tornando-se um meio de comunicação que solicita o prazer estético e o tipo de recepção a ele vinculado. O que significa que se comunicar pela imagem (mais do que pela linguagem) vai estimular necessariamente, por parte do espectador, um tipo de expectativa específica e diferente da que uma mensagem verbal estimula. Ver: JOLY, Martine. Introdução á análise da imagem. Campinas, São Paulo. Editora: Papirus, 1996, p.60-61.

A procedência dos móveis que circulavam em Belém é fundamental para notarmos como Estados tal como Rio de Janeiro e São Paulo, abasteciam os lares paraenses com a sua produção local, que trazia em seus nomes a sofisticação de seus objetos ou a origem de seus estilos. A Fábrica Leandro Martins pertencia aos alemães Laubirch-Hirth¹⁷⁷, montada no Rio de Janeiro, a sua especialidade era fornecer móveis imitativos dos antigos estilos franceses, portugueses, italianos, pois naquela época tornou-se coqueluche ter um móvel estilizado, tais como Luiz XV, XVI, tal fábrica foi no início do século XX uma das principais fábricas tradicionais na produção de móveis pautadas nos estilos estrangeiros, em especial aos estilos franceses de móveis. Nos leilões foi possível identificar em Belém uma enorme quantidade de móveis do fabricante Leandro Martins, tais como conjunto de refeições, de estilo francês, porta lâmpada com relógio a Luiz XV, guarda-roupa com porta de espelho em modelo português, entre outros que estavam inseridos no processo de oferta no leilão.¹⁷⁸

A Crise econômica que a borracha teria provocado principalmente em Belém, talvez tenha contribuído para o crescimento de outras atividades comerciais e as lojas, armazéns e distribuidores locais reforçam como o consumo dos utensílios domésticos adquiriu um significativo público, uma possível redução nas importações talvez tenha diminuído a concorrência e facilitado o crescimento das lojas e fábricas locais de móveis na cidade, tal como também facilitado a entrada de objetos fabricados em outros estados brasileiros. Essa persistência de hábitos pode ser destacada no trecho abaixo:

Vê-se que mesmo em declínio econômico, a borracha continuava a figurar na lista dos produtos. Além disso, circulavam pelo comércio da capital paraense uma variedade de produtos que apesar da crise, faziam parte do dia-a-dia da população. Esses produtos são indicativos de hábitos de alimentação, vestuário, de higiene, de práticas medicinais, de atividades de trabalho na construção de prédios, em manufaturas, e inclusive de formas de diversão, experimentadas pelos moradores de Belém: ... mobílias, pernas mancas, escovas, bebidas, tijolos, telhas...¹⁷⁹

Apesar de a cidade ter acompanhado uma redução nos lucros do látex na primeira década do século XX, é relevante destacar que entre 1900-1920, Belém vivenciou uma diversificação na produção local, o que favoreceu um crescimento na indústria local.

¹⁷⁷ Esta fábrica de móveis é conhecida até hoje no Rio de Janeiro, e nos anúncios dos antiquários ainda encontramos móveis da Leandro Martins à venda. Disponível em: http://www.collecto.com.br/default.asp?mod=pr6rt14vn&cid_categoria=FD. Disponível em: <http://www.pitoresco.com/brasil/tenreiro/tenreiro.htm>. Acessado em 18/11/2007.

¹⁷⁸ Jomal Folha do Norte 10 de janeiro de 1920, p.6.

¹⁷⁹ LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes cearenses no Pará (1889-1916)**. Tese doutorado no Programa de Pós Graduação em História Social do Departamento de História, Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006.

Setores como alimentação, bebidas, construção civil geraram o acirramento do mercado consumidor e conseqüentemente a geração de oportunidade para aqueles que estavam em busca de um trabalho.¹⁸⁰

O aumento no valor das importações teria oportunizado a estruturação de uma produção local voltada para os gêneros de primeiras necessidades, porém isso não significa que as importações tenham cessado. A inserção das fábricas de móveis talvez tenham ampliado sua produção e garantido investimentos em Belém, pois o governo do Estado através de seus decretos já acenava incentivos fiscais para os primeiros passos na estruturação de atividades industriais na cidade:

Lei nº 2.619 de 29 de Outubro de 1927
Autoriza a conceder isenção de impostos estaduais, menos o de exportação, pelo prazo de cinco anos, a Eugenio Schutzle, proprietário de uma fábrica de móveis de vime, á Avenida São João nº 71, nesta cidade.¹⁸¹

De acordo com os jornais o consumo parece não ter sofrido uma queda tão intensa, tanto que os comerciantes das chamadas casas importadoras em Belém ganharam um importante papel dentro da economia local e conquistaram uma clientela considerável na venda de seus produtos.¹⁸² A instabilidade da economia da borracha apresentou indicativos de que a economia local passou por um período de diversificação, no qual presenciamos o aparecimento de firmas e estabelecimentos voltados para a fabricação de bens de primeiras necessidades.

A presença de móveis oriundos de outros estados só foi possível de serem encontradas nos leilões, nas lojas de Belém, como, as já citadas, percebe-se uma produção imitativa com a marca ou nome da loja local, a única fábrica que também leiloava produtos de outros estados era a Freitas Dias¹⁸³. A prática de imitar os modelos estrangeiros tende a ser interpretado como um fenômeno nacional, demonstrando a criatividade e as adaptações que eram realizadas na fabricação destes objetos e uma possível solução de aproximar móveis tão sofisticados de várias casas, não chegando a alcançar uma totalidade, mas tornando acessível

¹⁸⁰ CANCELA Cristina Donza. **Casamento e relações familiares na economia da borracha (1870-1920)**. Tese doutorado no Programa de Pós Graduação em História econômica do Departamento de História USP, Filosofia, Letras. São Paulo, 2006 p.73.

¹⁸¹ Coleções de Leis do Estado Lei nº 2.619 de 29 de Outubro de 1927. (Arquivo Público do Estado do Pará).

¹⁸² A Importadora de Ferragens destaca-se dentro da economia local por centralizar uma grande quantidade de produtos e representar produtos estrangeiros em seu estabelecimento.

¹⁸³ A fábrica “Freitas Dias”, assumia dois papéis a de fabricante de móveis e agenciadora de leilões.

a aquisição de estilos peculiares nas casas, nem que fosse por meio do pagamento de inúmeras prestações.

A linguagem usada nos jornais, destacando os móveis estilizados como próprios para famílias de tratamento ou de fino trato, evidencia que o acesso a estes produtos não era comum a todos, mas sim aqueles que possuíam poder aquisitivo para comprá-los. As fabricações locais mostram-se como uma opção para o mercado local apropriar-se dos lucros que tal comércio produzia em Belém, a ocupação do espaço da casa acelera-se principalmente a partir do final do século XIX, a década de 1920 constituiu um percurso de sofisticação e funcionalização da casa, onde se prima por um espaço que atenda aos anseios e necessidades de seus moradores.

O anseio por ter a posse de certos móveis tidos como sofisticados por serem estilizados¹⁸⁴, pertencendo a um dado modelo, com características específicas assumindo o papel de verdadeiras obras de arte, abre um precedente para observarmos como os estilos estrangeiros tal com Luiz XIV, XV, inglês, português, ganhou adaptações em Belém, ao nos depararmos com fábricas locais que faziam exposições e propagandas acerca destes estilos na sua produção.¹⁸⁵

A personalização do objeto visa integrar as pessoas na esfera da singularidade, a publicidade assim se apropria deste discurso para distinguir seja através da cor, forma, acessório, detalhe, para caracterizá-lo como feito para um sujeito. Logo o fato de escolher este ou aquele objeto pode ser por si uma forma de se distinguir socialmente.¹⁸⁶

2.3 DIVULGAÇÃO E CONSUMO.

A proliferação incessante de objetos é um elemento presente na sociedade de consumo. O aparecimento de objetos com constantes novidades afastou-os de sua característica a princípio, que seria de acompanhar o nascimento e a morte de gerações humanas; com isso, a sociedade passa a assistir o surgimento e o fim de certos objetos, ou da

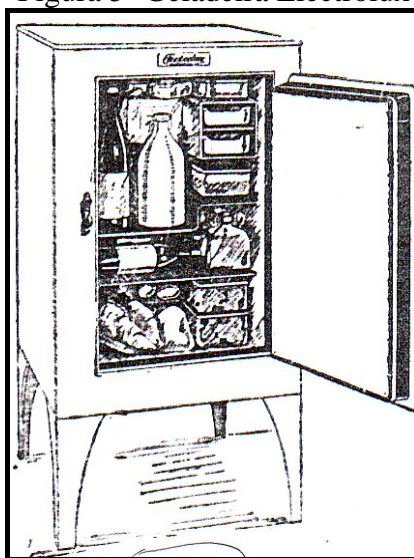
¹⁸⁴ Para Baudrillard a categoria social atribui aos objetos seu estatuto: se é nobre ou não, o nobre não é o termo privilegiado de uma série social, sua nobreza é uma graça que distingue absolutamente. O equivalente para os objetos desta concepção transcendente é o que chamamos “estilo”. BAUDRILLARD, Jean. In: **O Sistema dos Objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2006.p. 145

¹⁸⁵ Jornal Folha do Norte 16 de Setembro de 1924 p. 2. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

¹⁸⁶ BAUDRILLARD, Jean. In: **O Sistema dos Objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2006.p. 22

materialidade de que eram constituídos. O tempo dos objetos segundo Baudrillard¹⁸⁷ pressupõe a existência da “sociedade de consumo”, marcada pelas imagens sedutoras das propagandas que acompanhavam jornais como “A Folha do Norte”, incitando o consumidor a inserir-se numa constante necessidade de adquirir as novidades do mercado, em que o objeto anterior torna-se ultrapassado em relação ao que era considerado novidade, fazendo uso para tanto de imagens e termos incitativos ao consumo.¹⁸⁸

Figura 5- Geladeira Electrolux



Electrolux nº L2
SENSACIONAL!!
 A chama que gela!!
FUNCCIONA EM QUALQUER LOGAR embora desprovido de eletricidade
PRODUZ GELO E SORVETES SEM MOTOR SEM RUÍDOS, sem
 desgastes ou desarranjos
 Consumo insignificante
 Facilidades nos pagamentos
 Fonte: Jornal Folha do Norte 27 de Outubro de 1935 p. 9

A propaganda acima possuía um conteúdo de convencimento ao detalhar todas as vantagens da geladeira, a perfeição, a facilidade no manuseio e benefícios que ela produzia na vida doméstica. O anúncio invoca o leitor a sentir-se contemplado diante das dificuldades enfrentadas no cotidiano, dando a simples solução com a aquisição da geladeira Electrolux nº L2.

¹⁸⁷ BAUDRILLARD, 1995, p.11

¹⁸⁸ Uma propaganda no Jornal Folha do Norte pertencente ao ano de 1945 comparava um refrigerador da marca General Electric de 1925 com outro de 1945, apresentando as inovações frutos de muitos anos de pesquisas no mundo da tecnologia doméstica. Incitando o consumidor a trocar seu refrigerador pelo mais novo, que representava a tecnologia do futuro.

É importante destacar que a ausência de eletricidade para o funcionamento da geladeira da Electrolux tornava esse produto cobiçado á medida que poderia ser usada em áreas em que a iluminação ainda se fazia ausente, atendendo também moradores dos interiores do Estado, uma vez que funcionava em qualquer lugar.

As marcenarias e fábricas de móveis na capital paraense aceitavam encomendas através de catálogos aos seus clientes, e ofertavam móveis nos mais variados estilos artísticos, como os que participaram da exposição da fábrica Freitas Dias em setembro de 1924. Encomendar móveis a partir dos estilos estrangeiros em Belém parece ocupar o vasto e diversificado mundo das fábricas locais tais como a Casa Fluminense¹⁸⁹ (Conselheiro João Alfredo, 108) A Moderna¹⁹⁰ (Senador Manoel Barata, 88, 65, 67), Pinheiro Filho¹⁹¹ (Quintino Bocaiúva, 259), Serraria Cláudio¹⁹² (Gaspar Viana, 89).

A prática da reprodução e da intensificação de móveis estilizado em Belém tal como em outros estados, abre um precedente para relacionarmos o mercado de consumo de massa e as particularidades dos objetos fabricados em Belém e demais regiões. A trajetória dos objetos no mercado entra em contradição com princípio do móvel de família, que transporta no tempo uma história familiar. A autenticidade do objeto seja por pertencer a um lugar específico, a certo momento histórico ou a uma determinada família, refletem elementos de um paradoxo da modernidade. Pois a idéia da publicidade do consumo em massa contradiz o princípio do móvel de família, que geralmente acompanha seus proprietários por longos anos.

O princípio do móvel de família¹⁹³ paulatinamente passa a ser concebido de acordo com os estilos, o objeto talvez tenha ganhado gradualmente um sentido transitório, com curtas e longas durações e com significados sempre substituíveis, acompanhando o percurso das inovações e constantes aperfeiçoamentos de uma cadeira, um guarda-roupa, uma mesa, um sofá, com mudanças que refletem no comportamento dos sujeitos que os consomem cheios de admiração e ânsia pela busca aos mais cômodos ou confortáveis. O móvel, dentro desta perspectiva, apesar de seu caráter transitório, estético e de utilidade, não deixa de

¹⁸⁹ Jornal Folha do Norte 03 de Outubro de 1923 p. 2. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

¹⁹⁰ Jornal Folha do Norte 05 de Janeiro de 1930 p. 3. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

¹⁹¹ Jornal Folha do Norte 07 de Janeiro de 1940 p. 3. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

¹⁹² Jornal folha do Norte 25 de Maio de 1924 p. 4 Biblioteca Arthur Viana (Centur).

¹⁹³ Ecléa Bosi nomeia os objetos que acompanham seu usuário e envelhecem com o dono de “Biográfico”, esses são objetos que se enraízam nos interiores. Onde pessoas podem passar a vida toda na mesma casa de família com seus eternos móveis e costumes. In: BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 441.

representar a experiência vivida, a identidade e a posição dos sujeitos no mundo, capazes de produzir rituais sociais que acompanham a vida dos sujeitos.

A experiência vivida de um objeto não deixa de ser um elo familiar com as sociedades do passado, ao aclamar um sentimento estético ou de utilidade para aqueles que o cercam. Tais objetos são incorporados na vida do seu proprietário, por isso a casa expressa em si aspectos da vida dos seus moradores, simbolizando em parte a identidade de quem habita este espaço.

As reproduções ou imitações circulavam também no âmbito das louças, pois palavras como “verdadeiramente”, estão presentes nos leilões reforçando a originalidade do objeto. Assim essa necessidade de tornar autêntico certos objetos induz a busca de possuir aquilo que é único ou raro e denuncia que ocorria a circulação de louças imitativas dos modelos internacionais. A realização dessas imitações talvez seja uma forma de facilitar o acesso destes objetos dos consumidores, pois se mostrava como um comércio lucrativo, logo pode ter despertado o interesse local de burlar os parâmetros tradicionais para tornar acessível a compra destes utensílios.

Técnicas de talha, torneamento e pintura, de caráter estrangeiro, ocuparam as mãos dos marceneiros locais, barateando o produto, já que anteriormente mandava-se buscar fora do país ou em outros estados. Os gastos para a solicitação do produto e sua chegada até Belém devia elevar os custos para adquiri-lo, logo era mais viável comprar das fábricas locais, ampliando o lucro local, porém não podemos afirmar que a importação dos móveis tenha sido finalizada, mas de certa forma facilitou o acesso aos móveis estilizados.

A crise de abastecimento durante a Segunda Guerra Mundial deve ser mencionada como um momento de redução das importações, pois os países envolvidos com a guerra centralizaram suas atividades para o setor bélico. Além do bloqueio marítimo da costa brasileira pelos submarinos alemães, que dificultou o abastecimento no Pará e conseqüentemente provocou o encarecimento dos produtos. Acredita-se que tais condições entre 1939-1945 tenha possibilitado um crescimento na produção local, estimulada também pelo esforço de guerra da borracha, que foi planejada pelo Estado para internacionalizar a Amazônia.¹⁹⁴

¹⁹⁴ FONTES, Edilza. Baratismo e Nacionalismo: a Batalha da Borracha (1940-1945). In: **Contando a História do Pará, V.II: os conflitos e os grandes projetos na Amazônia contemporânea (século XX)**. /Maria de Nazaré dos Santos Sarges...[et al.]; coord. Edilza Joana Oliveira Fontes.-Belém: Emotion, 2002. p.60.

De acordo com os dados de Fontes entre 1942 a 1945, a Amazônia vivenciou um crescimento populacional de imigrantes nordestinos que alcançou a média de 100.000 homens, os quais muitas vezes ficavam no espaço urbano para trabalharem nas fábricas que se expandiam em Belém.¹⁹⁵

Notar esses aspectos da circularidade de valores e técnicas estrangeiras em Belém requer analisá-la paralelamente com o crescimento da demanda do consumo e das adaptações locais que foram feitas para atender um público preocupado com a origem dos utensílios, já que a procedência muitas vezes reafirmava a qualidade ou o status de posse. O reconhecimento de um objeto como verdadeiro ou falso talvez não incomodasse quem o comprava, uma vez que o estímulo ao consumo partia do princípio de ter algo esteticamente semelhante ou que pudesse assumir a categoria de um estilo específico por pertencer a outro país ou estado.

Os padrões de consumo primam assim por uma constante organização da casa com móveis próprios a cada cômodo, tal como também a predominância de um único estilo em todos os interiores domésticos. A apropriação deste universo material pode ser associada à introdução de novos equipamentos culturais e principalmente de uma necessidade de reorganizar a casa de acordo com padrões sociais coletivos que demarcam a identidade de grupos, que compartilhavam uma dada cultura e circulavam pelos mesmos espaços, uma individualização da casa que expresse de certa forma a singularidade de seus objetos e sua importância não apenas funcional, mas principalmente como elemento diferenciador no ambiente social que ocupa.

Os leilões que ocorriam em Belém mostram ao mesmo tempo um distanciamento sentimental dos móveis que marcava a facilidade de se adquirir certos objetos, uma vez que famílias que viajavam temporariamente para outros estados ou países e vendiam os móveis da casa como um todo, ou seja, por motivos financeiros ou não, para viabilizarem seus gastos na viagem na busca de uma nova vida, ou até na possibilidade de um possível retorno. A proliferação de um mercado de objetos domésticos que ocupam as casas de forma acelerada, se contrapõe, de certo ponto, em relação à preciosidade de alguns objetos, sua individualidade, suas qualidades, seu valor inestimável, coisas essas que não podiam ser vendidas ou cedidas.

¹⁹⁵ Idem *ibidem*, p. 65.

Entretanto na documentação cartorária como inventários e testamentos, notamos que objetos como jóias, roupas, livros e móveis eram mencionados às vezes apenas no testamento e destinados a filhos, sobrinhos, irmãs, amigos. Logo, não eram mencionados no arrolamento dos bens, uma vez que o testador já determinava sua vontade e destinava a quem seria legado o objeto. Objetos que compartilhavam da intimidade do usuário pareciam ganhar significados sentimentais como uma forma de manter-se presente no cotidiano de seus parentes e amigos.

No testamento da francesa Aline Vancoret Gonçalves de Brito ela se diz viúva sem herdeiros ascendentes e descendentes sucessíveis, por isso ela dispôs de seus bens da seguinte maneira:

Deixo a minha irmã Gilberte Vancoret, atualmente de dezenove anos de idade residindo na Avenida do Belles Penilles, nº3 em Sainte Gratien, departamento de Seine Etoise, França, o anel que uso habitualmente, contendo um brilhante com aro de ouro branco e um broche também de meu uso com sete pequenos brilhantes, montados em ouro e platina.

Deixo um cordão de ouro com uma medalha com a imagem de Nossa Senhora da Conceição, contendo um retrato de meu marido a minha sogra Joana Vidal Gonçalves de Brito.¹⁹⁶

A viúva Aline Vancoret deixou a parentes mais próximos objetos de seu convívio e uso, mantendo sua lembrança entre entes queridos através de objetos. Essa íntima relação com os objetos demonstra como estes podiam ser transformados em objetos de família e assim perpetuar a presença dos mortos entre parentes e amigos.

É interessante observar que os inventários entre 1890 e 1910¹⁹⁷ constituíam em um riquíssimo caminho para conhecer os bens móveis dos inventariados, pois no arrolamento constavam todos os bens, entre estes, roupas, jóias, talheres, móveis, utensílios domésticos, dos mais variados compartimentos da casa. Porém, no início do século XX esses objetos reduziram no arrolamento dos inventários, pois como o acesso destes objetos acelerou e paralelamente acreditamos que tenha reduzido o amplo espaço que tinham nos inventários.

¹⁹⁶ Autos de testamento de Aline Vancoret Gonçalves de Brito ano: 1938. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, (Centro de Memória da Amazônia/ UFPA).

¹⁹⁷ Durante a pesquisa fiz um recuo na temporalidade e transcrevi inventários de 1890 e 1910 para perceber a presença dos objetos antes do recorte selecionado, de 1920-1945. Esse recuo deveu-se a uma necessidade de entender por que os inventários por meados de 1920 reduziram o arrolamento dos móveis e utensílios domésticos.

Total de inventários	Inventários de 1890 a 1910 (35 inventários)	Inventários de 1920 a 1945 (205 inventários)
Porcentagem de inventários com objetos móveis e utensílios descritos	42,8%	10,2%

De acordo com a tabela verificamos que entre 1890 a 1910 foram transcritos trinta e cinco inventários, onde apenas 15 possuíam a descrição de bens móveis e utensílios domésticos, correspondendo a uma porcentagem de 42,8%, enquanto que entre os inventários de 1920 a 1945 foram transcritos duzentos e cinco inventários, no entanto apenas 21 traziam a descrição dos bens móveis e utensílios, o que corresponde a 10,2% do total. Apesar da variação numérica na quantidade de inventários transcritos entre os dois períodos 1890-1910 (trinta e cinco inventários) e 1920-1945 (duzentos e cinco inventários), os do último período trazem a presença de bens como apólices, ações no banco Comercial do Pará, firmas e imóveis e o primeiro uma predominância de objetos e utensílios para casa, bem como de imóveis.¹⁹⁸

A descrição minuciosa dos objetos da casa nos inventários vai reduzindo e notamos a inserção de alguns nos testamentos. Esse indicativo nos permite inferir sobre as alterações nos significados de riqueza ou valor para a sociedade da época. Como outros elementos passam a predominar nos inventários, imóveis, cadernetas de poupança, ações de bancos e firmas, carros, tais elementos talvez tenham ganhado um significativo espaço entre as famílias de posses substituindo gradualmente os objetos da casa.

A viúva Ana Francisca de Carvalho Mesquita em seu inventário declarou possuir cinco prédios de construção, sendo os mesmos localizados respectivamente em: Largo do Carmo (três contos de réis), Rua Manoel Barata (seis contos de réis), Frutuoso Guimarães nº54 e 56 (vinte contos de réis / cinco contos de réis), Padre Prudêncio (vinte e dois contos de réis), avaliados no total em cinqüenta e seis contos de réis. O inventário de D. Francisca não apresenta nenhuma referência a objetos ou utensílios domésticos, referendando a redução destes no arrolamento dos bens da inventariada.

Nos testamentos, no entanto, ficaram alguns fragmentos de notícias dos objetos da casa. No testamento do comerciante Alexandre José Cruz, as jóias, roupas, móveis, guarda-sol

¹⁹⁸ Autos de Inventário de Amandio Pires da Costa ano: 1927. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, (Centro de Memória da Amazônia/ UFPA).

com castão de ouro, relógio e utensílios de cozinha são mencionados, mas sem nenhuma descrição do que se tratava:

Deixa a Juliana Cerqueira o usufruto vitalício de oito conto de reis e todos os objetos que existirem na casa de sua residência, jóias, roupas, móveis, utensílios de cozinha e seu conteúdo em fim tendo quanto constitua o adorno e mobiliário da sua casa de habitação a exceção das jóias e piano que neste testamento forem legadas¹⁹⁹

No fragmento do testamento os objetos domésticos são generalizados ocupando apenas a nomeação de “objetos da casa”, os detalhes, quantidade e origem não mais são mencionados, além do aparecimento de outras formas de riqueza. Essa lacuna possibilita inferir sobre a proliferação destes utensílios domésticos no comércio e sua possível “vulgarização”, pois o acesso flexibiliza-se tornando o preço dos objetos mais módicos, tal como a produção em maior quantidade com o uso da energia elétrica, ampliando a circulação e o consumo, e anunciando outras formas de acumular riqueza.

O papel divulgador da imprensa, o crescimento das fábricas locais já apontadas no capítulo anterior, a produção em larga escala com as fábricas à eletricidade, o aluguel de fogões, a venda a prestações, são indícios de uma circulação mais intensa de móveis e utensílios domésticos nas casas das famílias abastadas, o que de certa maneira reduz o valor monetário e conseqüentemente ameniza o acesso a tais objetos, disseminando a compra e o aluguel dos mesmos.

O crescimento do comércio e a concorrência mostram-se como um elemento que talvez tenham equilibrado o valor do produto no mercado, ofertando as facilidades que cada estabelecimento proporcionava na aquisição de um objeto.

O consumo e a divulgação de aparelhos elétricos na cidade mostram-se já por volta de 1920, porém de uma forma um tanto reduzida, presentes mais como elementos divulgadores do que propriamente de consumo nos lares. Os aparelhos mais comuns eram, nesse período, ferros, máquinas de picar carne, geladeiras, ventiladores, máquina para lavar roupa, máquina elétrica para café, raros fogões, eletro-plate²⁰⁰.

Esses aparelhos significaram alterações nas casas e nas ações de seus consumidores na medida em que inseriram o princípio facilitador nos serviços domésticos,

¹⁹⁹ Autos de Testamento de Alexandre José da Cruz ano: 1913. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, (Centro de Memória da Amazônia/ UFPA).

²⁰⁰ Chapa para aquecer.

principalmente aqueles relegados às atividades da cozinha, uma vez que reduziam o tempo gasto para a realização das práticas do cotidiano. Era uma forma de mecanizar as atividades domésticas, através de atos repetitivos que disciplinassem o comportamento das mulheres expressando a ordem e o controle na administração da casa.

Nas propagandas e leilões, os aparelhos elétricos assumiram um discurso pautado na economia doméstica, no tempo cronometrado para a concretização das ações e na manutenção da higiene da casa²⁰¹. No entanto o consumo destes objetos passa a ganhar uma dimensão maior a partir da década de 1940 e ao final da Segunda Guerra Mundial, uma vez que empresas como a General Eletric e a General Motors²⁰² estiveram envolvidas na produção bélica, dificultando e tornando mais lenta a exportação de suas mercadorias para o Brasil. Nos jornais as propagandas ratificavam que valia a pena esperar pela chegada dos pedidos dos aparelhos elétricos, logo acreditamos que o tempo entre o pedido e a chegada destes demorava no atendimento aos clientes, demora agravada principalmente pelo esforço da guerra, por isso as exposições serviam para divulgar as novidades e apresentá-los aos consumidores, auxiliando os pedidos.

Identificamos através da publicidade a elaboração de um discurso de caráter consumista que construiu no produto uma marca, que apresentava um problema e uma solução imediata ao consumidor, tornando o produto num elemento facilitador nas atividades domésticas. A idéia de superação de problemas corriqueiros no cotidiano dos lares era uma panacéia. Por exemplo, no uso da geladeira, eram freqüentes a fumaça, o gasto excessivo de querosene, cheiros desagradáveis nos alimentos, porém a criação de uma novidade representaria o fim de todos esses atropelos do cotidiano, com isso, o lançamento de uma geladeira a base de eletricidade da Norve simbolizava de acordo com a propaganda o fim dos problemas domésticos.

Constrói-se neste contexto uma idéia de evolução, de um tempo atrasado, repleto de problemas domésticos, por outro, de superação e avanços tecnológicos; assim, visava-se unicamente exaltar o valor de uso do objeto para a dona de casa e reduzir o preço se comparado à eficiência do produto.

As exposições passam a ser um meio propagador dos serviços que eram oferecidos pelas empresas, um espaço de sociabilidades ao recepcionarem consumidores das

²⁰¹ Jornal Folha do Norte 01 de Julho de 1945 p.4.

²⁰² Uma nota no jornal Folha do Norte divulgou a participação da General Motors na Segunda Guerra Mundial através da fabricação de canhões, fuzis, motores de avião, projéteis para artilharia, a qual teria produzido 3600 apetrechos bélicos até por volta do fim de 1944. Jornal Folha do Norte 26 de Agosto de 1945 p. 4.

mais variadas camadas sociais, que curiosamente acompanhavam os avanços da engenharia doméstica e dos móveis. Tais eventos aconteciam geralmente na Praça da República ou diretamente com os representantes por meio de catálogos.²⁰³ Os aparelhos elétricos ao adentrarem aos lares exigiam de seus consumidores conhecimentos de manuseio, uma vez que as funções que desempenhavam, seja na conservação dos alimentos ou no preparo, passavam a ter um tempo exato, caso contrário acidentes domésticos poderiam acontecer, por isso a orientação dos representantes tornava-se fundamental na aquisição da mercadoria.

A presença das geladeiras no anúncio do jornal destacava o poder da superação técnica. Ao longo dos anos os fabricantes procuravam superar problemas, tais como o ressecamento dos alimentos, a produção de fumaça, ruídos, passagem de gás alterando o gosto dos alimentos, cantos arredondos para facilitar a limpeza, descongelamento, alto consumo de energia. Todos estes aspectos nos levam a pensar que ao longo das décadas buscou-se o aperfeiçoamento destes aparelhos, adaptando novas tecnologias para enfrentar problemas corriqueiros, uma vez que pareciam ser comuns estes objetos falharem ou não corresponderem totalmente ao gosto do consumidor. Isso expressa a idéia de superação, em que o refrigerador mais novo acabava tornando o refrigerador anterior antiquado.

Figura 6- Refrigerador General Eletric 1945



Fonte: Jornal Folha do Norte 14 de outubro de 1945 p. 4

²⁰³ Jornal Folha do Norte 09 de Janeiro de 1939 p. 13. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

A propaganda acima anunciava um refrigerador da General Electric que era hermeticamente fechado, que não era um simples refrigerador, mas sim algo que representava o fruto de anos de pesquisa. Sua criação teria sido a afirmação da tradição e qualidade da marca G:E que ocupou nos lares um lugar insubstituível, e que deveria ser tratado como um ser humano.²⁰⁴

O discurso do jornal construiu a idéia de popularização do refrigerador como se este tivesse sido adotado por todos. Porém não podemos esquecer que tanto a General Electric como o jornal assumem funções comerciais e divulgadoras para estimular o consumo, o que não significa que tenha ocorrido a generalização nos lares deste produto.

A superação dos objetos nem sempre correspondia, como a propaganda induz, com a imediata substituição de um antigo produto por outro de produção mais recente, pois as geladeiras vão se aperfeiçoando e encontramos ainda por volta de 1939 as chamadas geladeiras de acapú²⁰⁵, ou seja, de madeira e revestida de azulejo, presentes desde 1920 nos leilões. Em 1940 a marca “Norge” lançou um refrigerador cujo modelo era nomeado de “superfex”. Tal produto dizia-se ser a descoberta mais extraordinária da indústria de refrigeração, ao inventar dois sistemas de refrigeração num único aparelho, com um mantendo a temperatura e a umidade para a conservação de alimentos e outro produzindo temperatura abaixo de zero para a fabricação de gelo, sorvetes e doces gelados.²⁰⁶

A convivência de objetos que já eram usados desde a década de 1920 com refrigeradores lançados nos anos 1940, demonstra como as permanências se mantêm ao longo dos anos e principalmente como não era tão comum adquirir os últimos lançamentos da indústria doméstica, pois eram aparelhos com alto valor monetário para a época, sendo oferecidos a longas prestações e com garantia de quatro anos. Logo o consumo de certa forma pode ter sido restrito, delimitando a estreita relação entre objeto e economia à medida que demonstra a variação nas “escolhas” do consumo, intermediado pela renda e os costumes familiares.

A engenharia doméstica caminhou nas suas invenções também ao lado dos princípios da higiene, ao preocupar-se constantemente com a relação entre forma e limpeza, ao pensar nos cantos redondos na parte interna dos refrigeradores para facilitar a limpeza, em

²⁰⁴ O parágrafo foi a transcrição do texto presente na imagem, que se encontra de difícil compreensão para o leitor por se tratar de uma Xerox de um jornal microfilmado referente ao ano de 1945.

²⁰⁵ Jornal Folha do Norte 25 de Janeiro de 1920 p. 08.

²⁰⁶ Jornal Folha Norte 01 de Janeiro de 1940 p.03.

esmaltar²⁰⁷ os refrigeradores e fogões, ao substituir o plástico pelo vidro. A cor branca espalhou-se na cozinha, simbolizando a necessidade de manter os objetos limpos, interligando cada vez mais o aperfeiçoamento técnico da ciência com os aspectos de uma vida salutar.

O serviço sanitário e a saúde pública na capital paraense constituem um importante meio de fiscalização das autoridades no início do século XX para assegurar o comportamento dos habitantes mantendo a “ordem e a limpeza” no espaço público e privado, tanto que a estratégia de desodorização materializou-se na legislação regras para controlar as casas e estabelecimentos comerciais. O código de posturas foi posto em prática para alertar seus moradores a garantir a casa “perfeitamente limpa, cuidada e pintada anualmente e lavada semanalmente” e as ruas com instalações sanitárias e desinfetadas.²⁰⁸

A construção de um discurso pautado nas regras de higiene da casa e do corpo ampliou os rigores de limpeza entre as classes mais favorecidas da sociedade. A ideologia da higiene passou a cercar os lares, seus cômodos e seus moradores. A medicina, dentro deste contexto, almejava adestrar o corpo as normas e ações discretas dentro do cotidiano. A disciplinarização para sanar as práticas de insalubridade na cozinha correspondia a um estímulo na criação de utensílios que atendessem as atitudes e comportamentos que simbolizassem aspectos saudáveis e preventivos ao corpo coletivo.²⁰⁹

As inúmeras utilidades que os objetos adquiriram entre 1920-1945 possibilitou uma enorme divulgação e construção de uma imagem reiterando a importância destes nos lares, um discurso que se pautava na facilidade para adquirir ou como forma de reduzir o tempo que era gasto nos afazeres domésticos. Assim tais objetos estavam presentes na iluminação, no preparo dos alimentos, na limpeza da casa, na higiene da água, representando na voz da imprensa sinal de aspectos modernos para as residências.

As atividades domésticas realizadas na cozinha precisavam ganhar uma dimensão que incluísse higiene, economia e tempo, logo o consumo dos objetos destinados a este espaço irá resultar na produção de uma cultura material diversificada em forma de várias tecnologias, incorporando uma mentalidade condizente com a adoção de comportamentos associados principalmente aos objetos elétricos, enaltecendo um consumo de bens que

²⁰⁷ A prática de esmaltar geladeiras e fogões era uma forma de retardar o aparecimento de ferrugem.

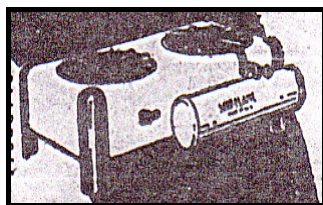
²⁰⁸ SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a belle-époque(1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu, 2002, p. 148.

²⁰⁹ LIMA, Tânia Andrade. **Humores e Odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX**. Rio de Janeiro. Manguinhos, II p.44-96. 1996.

subordinavam seus compradores sob o ponto de vista ideológico e econômico. “Os aparelhos elétricos G-E proporcionam no uso, verdadeira economia de trabalho...tempo...dinheiro”²¹⁰

A marca Sun Flame e a General Electric, produziam objetos como ferro a querosene, fogareiros, lanternas, torradeiras, cafeteiras, ferro elétrico de engomar, ventiladores, aquecedores de quarto, almofadas térmicas, aspiradores, enceradeiras. As marcas dos objetos parecem ter adquirido um meio de garantir a segurança dos produtos, com prazo de uso de até quatro anos para a manutenção da mercadoria. Esse aspecto talvez possa ser pensado pela dificuldade de adquirir esses aparelhos elétricos, devido seu valor ou simplesmente porque demoravam a chegar.

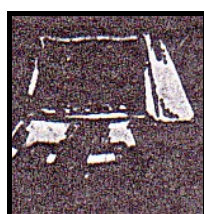
Figura 7. Equipamentos domésticos



Fogão eletro-moderno de duas bocas



Lanterna a combustível



Ferro a gás de querosene



Fogareiro portátil

Fonte: Jornal Folha do Norte 07 de Julho de 1940 p. 5

A configuração assaz frequente de um mercado de objetos elétricos nos anúncios pode levar a imaginarmos precipitadamente que esse consumo espalhou-se e passou a dominar os domicílios, quando isso estava bem longe de ser verdade. O universo de objetos que estavam nos leilões era vasto, porém restrito uma vez que o uso destes aparelhos requeria paralelamente o uso da energia elétrica, o que encarecia seu consumo e com isso era ainda mais difícil possuí-los. Essa análise pode ser um caminho para entendermos os objetos nos

²¹⁰ Jornal Folha do Norte 01 de Julho de 1945 p. 4.

anúncios e a ausência destes nos inventários, pois nos jornais eles não eram desconhecidos ou ocultos, mas dentro da perspectiva do consumo demonstravam ocupar um espaço menor do que sugeria a propaganda.

A publicidade, ao construir uma imagem do produto em questão, usava o discurso de universalidade, no qual todos estavam na busca e podiam consumir os produtos ofertados, porém, é necessário ser prudente ao analisar essas propagandas, uma vez que o discurso do jornal é tendencioso ao buscar integrar os seus leitores no ambiente da sociedade de consumo.²¹¹

A inserção destes aparelhos, além de representar uma redução no tempo gasto pelas donas de casas e criadas nos afazeres domésticos, simbolizou principalmente valores de conforto e comodidade para o grupo familiar. O discurso do conforto esteve presente massivamente nos jornais e gradualmente mostrou-se materializada dentro dos lares, em prol da economia doméstica e do bem-estar da família.

A sofisticação dos utensílios domésticos estaria relacionada a um processo de valorização da atividade doméstica unindo, na visão de Vânia Carneiro, as necessidades do bom funcionamento da casa com a busca de prazer pessoal, explicitando um tipo de trabalho que perde o caráter árduo, pesado para um trabalho que transmite gratificação pessoal, fundamentais às mulheres bem educadas e boas donas de casa, que dispensavam a presença da empregada doméstica nas suas residências.²¹²

O objetivo deste capítulo foi traçar o comércio dos utensílios domésticos através de leilões e armazéns. Assim como tentamos expor as novidades da engenharia doméstica em Belém e suas dimensões nos interiores das residências.

Os compartimentos da casa em conjunto com seus objetos **traduziam ou refletiam** nas famílias abastadas novos modos de viver, influenciando nos valores e no comportamento destes sujeitos. Isso refletia desta forma na configuração e na organização dos cômodos da residência. Entre quartos, sala de jantar, sala de visita, cozinha e varanda, estava a busca por uma casa salutar e de acordo com os padrões da higiene pública.

²¹¹ LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. PINSKY, Carla Bassanezi (orgs). In: **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p.111-153.

²¹² DE CARVALHO, Vânia Carneiro. **Gênero e Artefato: sistema doméstico na perspectiva da cultura material**. São Paulo, 1870-1920. Tese de doutoramento em História Social da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001. p. 204.

CAPÍTULO III: CONHECENDO OS CÔMODOS E OBJETOS DA CASA

CAPÍTULO III: CONHECENDO OS CÔMODOS E OBJETOS DA CASA

A casa, seus cômodos, seus objetos e moradores de famílias abastadas aparecem neste capítulo para conhecermos as representações da vida material no **seu** cotidiano. Tal como o significado que cada um destes espaços e objetos correspondia ao modo de viver dos seus proprietários, inserindo valores sociais e signos que atendiam aos rumos da civilidade e do progresso.

Em uma visita pelas ruas de Belém, em direção às casas e seus interiores, relações sociais foram construídas, de modo que a moradia passou a ganhar especificidades que podiam assumir papéis de espaços públicos ou privados, visto que as ações dos habitantes se esbarravam com as regras da higiene e da intimidade, em contradição com a necessidade de exposição nos horários das visitas. A preparação ou arrumação da casa passa a ser relevante ao representar uma forma de compartilhar com suas visitas ícones de ostentação e conforto, apresentando a residência como palco de circulação dos valores de uma moradia moderna, de “fino gosto” e de acordo com as regras da higiene pública.

3.1 OS COMPARTIMENTOS DA CASA

A divisão dos compartimentos da casa e as múltiplas funções que tais espaços exerceram são palco desta análise na medida em que expressaram permanências e rupturas no sentido de morar e organizar os espaços da residência. Os inventários e leilões são fundamentais para visualizarmos as relações sociais no âmbito do público e do privado.

O significado dos leilões é relevante na medida em que detalham quais eram os móveis que estavam nos cômodos das residências, na sala de jantar, varanda, alcova, quarto, cozinha e quintal.

Leilão Chic

Entrada: bengaleira com espelho, 2 cadeiras, capachos de ferro

Sala de visitas: magnífico piano de reputado fabricante alemão, confortável grupo de vime alemão com 4 peças, sofá, 2 cadeiras de embalo e mesa de centro, meia mobília de pau setim com 9 peças, 4 colunas porta bibelô, biscuits, cortinas de pano.

Alcova: bela guarnição em pau setim com 6 peças, cama com tela para casal, mesa de cabeceira com mármore, guarda-vestidos com duas portas, penteadeira com mesa de cristal e espelho movediço, 2 colunas, planta enfeite de parede.

1º Quarto: cama de ferro para solteiro, psyché com espelho de cristal biselado, 2 colunas²¹³, máquina de costura singer de bordar, bom cabide de centro.

Sala de jantar: guarnição em freijó com 9 peças, mesa elástica, guarda-louça com pedra mármore, aparador com pedra mármore, 6 cadeiras com assento de palhinha, mesa de filtro com pedra mármore, 2 cadeiras de embalo, quadro “Ceia”, ½ porcelana, bandejas, fruteira, terrina para sopa.

Cozinha: Bateria, fogareiro, máquina para picar carne, chaleira, ralo de metal, mesa de pedra mármore, e outros apetrechos de cozinha.²¹⁴

O referido leilão contribui para pensarmos como os objetos eram arrumados nos cômodos da casa e a função que cada espaço ganha com a entrada de determinados objetos, logo, a relação entre objeto e cômodo delimita parcialmente a funcionalidade do espaço. A divisão das ações relegadas a cada espaço acena a possibilidade de indagarmos sobre a permanência de ações não tão definidas, como por exemplo, o quarto, que além de ambiente de descanso, representava também o local de bordar, ler, entre outras funções que as fontes apontam. Percebemos que a convivência de variadas ações nos espaços insere novos hábitos sociais, confrontando a funcionalidade das coisas aos usos. Tal fato demonstra a complexidade e a dinâmica dos espaços da casa, uma vez que um cômodo assume funções aquém daquela a que é destinado, comportando ações múltiplas em um único ambiente.

O termo *Chic* usado no título do leilão pode ser associado diretamente aos acontecimentos da Capital francesa, pois, segundo Adriano Paiva, Paris torna-se o espelho civilizado e dela serão transportados desde o último grito da moda, até comportamentos considerados *chic*. Os objetos ofertados neste leilão, sejam aqueles que serviam a mesa, sejam como os que adornavam a casa, eram sinônimos de civilidade e de um modelo de sociedade republicana, na qual era necessário regenerar os costumes.²¹⁵ Logo associava-se os objetos aos aspectos da civilidade, sejam estes na forma de servir a mesa, ou na arrumação da casa, permitindo assim respirar ares europeus no cotidiano das residências.

O termo *chic* associava-se também à adoção de padrões arquitetônicos europeus e móveis que emitiam ares de conforto como estofamento, cortinas, biscuits, uma vez que contemplavam a decoração dos espaços da moradia. Para Denise Bernuzzi, o conforto estava também atrelado as formas de morar, de conceber o espaço urbano e de conviver com os objetos produzidos pelas transformações materiais. Assim, na década de 20 conforto poderia

²¹³ Estrutura cilíndrica que servia para decorar compartimentos da casa, geralmente tinham detalhes em flores esculpidos ou pintados.

²¹⁴ Jornal Folha do Norte 21 de Outubro de 1924 p.7. Biblioteca Arthur Viana (Centur)

²¹⁵ PAIVA, Adriano Toledo & MACENA, Fabiane Francisca. In: **Revista Eletrônica Cadernos de História:** publicação do corpo discente do departamento de história da Universidade Federal de Ouro Preto. Ano II, n. 01, março de 2007.

significar possuir água encanada, iluminação, fogões a gás, que denotavam progresso material, moral e saúde.²¹⁶

A valorização de alguns equipamentos como móveis estofados, porcelanas, painéis de alumínio, aparecem como sinais de conforto e ao mesmo tempo de higiene e luxo. Bernuzzi afirma que o conceito de conforto deve ser analisado de acordo com a classe social e o período estudado. Assim, para as famílias abastadas tais objetos podem ser sinal de conforto e para outros de luxo, pois se conforto na década de 20 representava possuir água encanada, iluminação e alguns produtos a base de gás, para as camadas mais pobres isso era luxo porque não estava dentro da sua realidade.²¹⁷

Rybczynski afirma que a noção de conforto desenvolveu-se historicamente, e adquiriu novos significados ao longo das épocas. No século XIX o conforto foi auxiliado pela mecânica (luz, calor e ventilação), e a partir do XX as engenharias domésticas destacaram a eficiência e a conveniência, o que significa que tal conceito está relacionado às estruturas econômicas, sociais e tecnológicas. Porém, as alterações ao longo do tempo sobre a noção de conforto não deve ser confundidas com a evolução tecnológica, pois nem sempre as recentes descobertas tornam obsoletas as mais antigas.²¹⁸

Um leilão ocorrido em 04 de janeiro de 1928 descrevia seus objetos de acordo com doze compartimentos da casa: sala de visitas, segunda sala, gabinete, salão de palestras, dormitório, sala de jantar, copa, cozinha, banheiro, 1º dormitório, 2º dormitório e gabinete de leitura. Essa configuração do espaço traça um ambiente organizado com hierarquias espaciais e com funções que visavam disciplinar o comportamento de seus moradores ao delimitar as ações próprias a cada lugar.²¹⁹ A interação entre o espaço e as ações dos moradores, definia paralelamente o tipo de móvel que deveria fazer parte dos compartimentos, mas apesar desta separação quanto à função que cada espaço exerce notamos, também, que não existia uma rigorosidade tão acentuada no comportamento dos residentes das moradas, uma vez que algumas ações estavam interligadas, na qual a leitura podia fazer parte dos quartos ao encontrarmos livros e mesas para estudo neste compartimento [parece aqui deslocado].

²¹⁶ DE SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. História do conforto na cidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/14/14art11.pdf>> p. 163. Acessado em 13/06/2009

²¹⁷ Idem ibidem 164.

²¹⁸ PAIVA, Adriano Toledo & MACENA, Fabiane Francisca. In: **Revista Eletrônica Cadernos de História:** publicação do corpo discente do departamento de história da Universidade Federal de Ouro Preto. Ano II, n. 01, março de 2007. p. 235-236.

²¹⁹ Jornal Folha do Norte 04 de Janeiro de 1928 p. 5. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

Por outro lado, a divisão dos compartimentos de uma casa delimita papéis sociais a cada ambiente da moradia, individualizando os comportamentos e sugerindo recolhimento para as práticas tidas como privada e outras de exposição, numa linha invisível e divisória formava as exigências da civilidade. As tensões entre as regras de civilidade e o comportamento da sociedade esclarecem a complexidade no que tange o âmbito do público e privado nas residências.²²⁰

Os móveis, dessa forma, refletem as repostas das necessidades do cotidiano, o sono, a alimentação, o trabalho, onde cada objeto assume uma função, com camas para dormir, ou cadeiras para sentar, orientando o espaço e as atividades. Nesse âmbito se tornam intermediários entre o meio interior (necessidade e hábitos) e o meio exterior (que fornece os materiais para atender essas necessidades). Todos os móveis, assim, possibilitavam formas de comportamentos que contribuía na escolha dos seus usuários dentro de uma sociabilidade que primava pelo coletivo ou pela individualidade.²²¹

Marshall Sahlins compreende que a cultura é definidora para o modo de vida, negando a idéia de que essa cultura conforma-se a pressões materiais, e assim, partindo dessa visão, a cultura constrói as utilidades ou necessidades humanas. Os aspectos materiais não são separados dos sociais de maneira satisfatória, como se os primeiros se referissem à satisfação de necessidades pela exploração da natureza e os últimos aos problemas da relação entre os homens, pois os efeitos materiais dependem de sua localização cultural. As necessidades materiais (biológicas) por si só para Sahlins não têm vida. Seus movimentos específicos e conseqüências determinadas só podem ser estipulados agregando-as à ordem cultural. A cultura, neste sentido, não é uma expressão da natureza, porém a ação da natureza se desdobra nos termos da cultura com significado.²²²

Os espaços passam a ganhar especializações, porém, o seu uso nem sempre seguia a função estabelecida. As complexidades entre as ações dos indivíduos misturam práticas em vários cômodos da casa, não sendo isoláveis a lugares específicos como: a sala de visita, gabinete, a sala de jantar ou a varanda. E os leilões reforçam tal tendência à medida que anunciavam seus objetos de acordo com os cômodos da residência, delimitando a relação

²²⁰ SENNET, Richard. In: **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 31-32.

²²¹ ROCHE, Daniel. In: **História das coisas banais: nascimento do consumo século XVII-XIX**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 225-236.

²²² SAHLINS, Marshall David. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.204-208.

entre objeto e lugar, tal como a variedade da organização dos móveis realizada pelos seus moradores, agregando ações e práticas culturais nos mais variados cômodos da residência

Caminhando pelos interiores de uma casa podemos notar a maneira de organizar o espaço, permeada por um jogo de exclusões e preferências, ordem e desordem, harmonia e discordância, em que a compartimentação e as variadas funções diárias representam um relato de vida e um teatro de operações no qual se entrecruzam objetos, pessoas, palavras e idéias.²²³

3.2 ENTRANDO NA SALA DE VISITA

Nas visitas, os convidados à porta aguardavam ansiosamente serem recepcionados pelos proprietários da casa. Em meio a cumprimentos e agradecimentos, as visitas eram acompanhadas até uma sala de espera ou de visita. Observações constantes “denunciavam” a expectativa das visitas quanto à ornamentação e à organização deste espaço, projetando tais características como o cartão de visita do dono da residência.

A sala de visitas, segundo Schapochnik, introduziu uma devoção profana do indivíduo. Esse espaço entulhado de objetos decorativos e de aparelhos funcionais emitiu uma noção de conforto civilizado que visava esboçar um cenário destinado a produzir uma auto-imagem dos seus habitantes. A casa passa a representar um enraizamento pessoal, material e afetivo que singularizava cada residência como um microcosmo familiar.²²⁴

O ambiente da sala de visitas representava por si as funções do local reservado aos convidados, além disso parte externa da casa deveria ser um dos cômodos cuidadosamente arrumados, pois para alguns era o cartão de visita, o espaço responsável por apresentar o proprietário a quem adentrava esse recinto. Porta adentro, esse lugar **mostrava-se** como um dos mais sofisticados e ocupados por objetos com múltiplas funções.

O tratamento arquitetônico dado aos sobrados, palacetes e outras construções mais requintadas, partiu de cuidados que delimitassem o espaço de circulação das visitas nas residências, logo a sala de visita foi um cômodo que ganhou a valorização juntamente com a frente das casas. A atenção redobrada para esse espaço em Belém contribuiu para notarmos os

²²³ SCHAPOCHNIK, Nelson. **Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: História da Vida Privada no Brasil.** Coordenador-geral da coleção Fernando A. Novais; organizador do volume Nicolau Sevcenko. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (História da Vida Privada no Brasil;3) p. 494.

²²⁴ Idem ibidem p. 494.

significados e os limites que cercam este ambiente, no qual cada objeto anunciava os padrões sociais reservados aos olhares estranhos.

Em 04 de janeiro de 1920 o Senhor Marcelino Fonseca, dono de um palacete localizado na Praça Saldanha Marinho, ofertava [*o quê? Seus bens? Sua casa?*] em catálogo de leilão, e seus bens estavam distribuídos de acordo com os cômodos, de modo que a sala de visitas, era formada por uma elegante mobília de canela com estofos bordados e pinturas metálicas, constituída de um sofá, duas poltronas, e seis cadeiras de guarnição. Na decoração estavam presentes porta-bibelô em canela com frisos dourados, estante porta-bibelô de canela, um piano alemão “Bluthner”, acompanhado de um mocho, tapete aveludado, cuspideiras de porcelana, colunas de nogueira e jacarandá, biscuits²²⁵, um bronze majestoso representando Suantrich e um linda e artística Samaritana em faiança tipo Petri.²²⁶

De acordo com os objetos descritos no leilão percebemos que o palacete acima mencionado amplia a dimensão e a função legada à sala de visitas, uma vez que encontramos uma infinidade de objetos de caráter decorativo, com aspectos de descanso, outros preocupados com a higiene, assim como elementos de lazer e de arte. A sala de visitas revelase desempenhando um papel muito além de puramente recepcionar seus convidados, marcada principalmente como local de conversas descontraídas, de ouvir as notas do piano, tal como uma forma de ostentar as posses do proprietário.

A combinação do estilo dos móveis em canela, os acabamentos em frisos dourados, e mínimos detalhes como bibelôs adornando estantes ou mesas, apontam uma preocupação com a decoração do espaço, num tom de conforto, são elementos relevantes para compreendermos as inovações formais nos interiores das casas e seu sentido social para a época. Uma necessidade de unir arquitetura e decoração na tentativa de alcançar uma harmonia no ambiente nas casas paraenses fez predominar um ecletismo que se caracterizou por decorações excessivas e variadas, substituindo os móveis tradicionais por peças européias em série tais como bibelôs, estatuetas de bronze e porcelana.²²⁷

A valorização decorativa dos interiores, na visão de Schapochnik, pode ser notada através da difusão do uso de pinturas, tapetes, abajour, cortinas, espelhos bisotados e um mobiliário mais complexo, que introduzisse sensações de conforto e ordenação formal, que

²²⁵ Biscuit: finas porcelanas que imita o mármore branco na cor e aspecto.

²²⁶ Jornal Folha Norte 04 de Janeiro de 1920 p. 08. (Biblioteca Arthur Viana) Centur.

²²⁷ Segundo Nestor Goulart esse ecletismo esteve presente em várias regiões e já nas primeiras décadas do século XX passou a ser considerado um gosto discutível, pois foi um meio de assimilar as inovações tecnológicas, necessitando ser revisto dentro dos padrões arquitetônicos rígidos. Em Belém as fontes indicam uma aceitação variada na decoração das casas

funcionava como um duplo elogio da modernização e da sofisticação, contribuindo para o esforço da autopromoção, prestígio e ostentação de indivíduos desenraizados e obcecados em enaltecer a opulência.²²⁸

Entre as famílias abastadas que moravam em palacetes notamos que a sala de visita estabeleceu uma intensa relação entre a institucionalização de uma privacidade ligada ao público. Pois para Schapochnik a estreita relação entre os espaços abertos ao formal e a audiência extrafamiliar foi dada uma atenção especial à sala de visitas, que não servia para a casa, mas sim à sociedade, e tal sociedade não correspondia ao círculo restrito e fechado dos amigos da casa, uma vez que estava centrada na emancipação econômica e política dos seus proprietários:

As recepções oferecidas nos salões dos palacetes urbanos permitem entrever uma tênue fronteira entre o privado e o público, entre uma convivialidade eletiva, regada pelos indivíduos, e uma sociabilidade obrigatória, imposta pelos interesses associativos e conflitos restritivos dos grupos sociais. Nas salas e salões, a recepção adquiria a função de veículo informal pela disputa de cargos e privilégios, na qual estreitavam-se alianças financeiras, tramavam-se candidaturas e plataformas políticas, estimulavam-se intrigas entre concorrentes, estabeleciam-se compromissos matrimoniais²²⁹

Móveis

Nas salas de visitas encontramos os chamados móveis estilizados, acompanhados de um nome, através do qual representavam seus fabricantes. Em Belém na década de 1920 ocorreu um excessivo consumo de mercadorias da fábrica Leandro Martins, já citada no capítulo anterior, que atendia o público com um serviço de marcenaria pautado nos entalhes, incrustações e imitações de estilos estrangeiros. Os acabamentos dos móveis os diferenciavam dos ditos modelos rústicos, e desse modo, a forma definia e caracterizava a função social das cadeiras, mesas de cabeceira, jogos de mobília, entre outros.

Os móveis austríacos, ingleses, franceses, italianos, americanos, aparecem nos mais variados lares das famílias abastadas em Belém, porém os primeiros com mais frequência nas casas até final da década de 1920²³⁰, talvez porque a sua filial nos Estados Unidos tenha barateado e facilitado a aquisição das mesas, mobílias, porta bibelô, cadeiras de

²²⁸ SCHAPOCHNIK, op cit., p. 496.

²²⁹ Idem ibidem p. 500-501.

²³⁰ Na residência de um advogado encontramos 20 peças austríacas na sala de visitas distribuídas entre: mobília, colunas revestidas de louça, estante para música. Jornal Folha do Norte 28 de janeiro de 1920 p.8

balanço, poltronas estofadas, cadeiras com espaldar²³¹ e cadeiras de palhinha que eram tão presentes²³². As poltronas individuais também se inserem na sala atrelando a individualidade ao privilégio de ter o isolamento do seu corpo, destacando-o dos demais sujeitos que dividiam este espaço, indicando valores como o de conforto.

As formas e os detalhes dos móveis reforçam a funcionalidade uma vez que os aperfeiçoamentos na forma tendem a suprir necessidades de descanso, repouso e conforto, palavras estas tão freqüentes nos anúncios dos leilões²³³. Estofamento, encostos, almofadas, são pistas das mudanças na forma de organizar a casa e nos valores da sociedade. Demonstram uma valorização da aparência sofisticada, harmoniosa aos olhares alheios, que acompanhavam o ecletismo na arrumação das residências, detalhes que caracterizavam o proprietário a partir da sua moradia.

O conforto percebido nos exemplos aqui citados pode ser compreendido como um indício de que as famílias abastadas buscavam incluir e atrelar três princípios: encanto visual, bem-estar físico e a utilidade dos objetos²³⁴

Percebemos a partir das fontes aqui citadas que as famílias abastadas buscavam a eficiência funcional dos móveis, indicando talvez uma forma de representar a busca pelo conforto, comodidade, privacidade e individualidade. Objetos com a intenção de tornar agradável seu uso como cadeiras estofadas ou com espaldar reforçam a necessidade de unir utilidade, conforto e prestígio social.

O conjunto integrado da sala de visita envolve práticas sociais e culturais que interagem com aqueles que percorriam as residências, entre cadeiras, mesas, pianos, vitrolas, um emaranhado de valores estavam atrelados aos móveis, sendo que o uso social desses objetos expressavam representações sociais de sujeitos que apresentavam sua família tendo a casa como cartão de visita.

²³¹ Cadeiras com encosto para as costas e o ombro.

²³² Ver anexo imagem de um conjunto de sala de palhinha tipo austríaco.

²³³ O leilão dos bens da casa do Sr. Silverio Ferreira Lopes tinha como título: “Leilão de Confortáveis Móveis”. Jornal folha do Norte 02 de Fevereiro de 1930.

²³⁴ “Conforto” é uma palavra originária do francês antigo (confort), mas que adquiriu seu significado moderno e doméstico na Inglaterra. Dali, no final do século XVIII, ela foi importada de volta pela França. Ver: RYBCZYNSKI, Witold. Casa: Pequena História de uma idéia. Rio de Janeiro: Record, 1999, p.129.

O Piano

No romance *Belém do Grão Pará* Dalcídio Jurandir nos apresenta personagens como o de Alfredo, que retornava a Belém para visitar a casa de seu padrinho, com quem sempre sonhou morar, e de acordo com suas impressões Belém era uma cidade inebriante com suas promessas de riqueza, beleza, esplendor. Ao entrar na casa da família Alcântara enxerga no canto escuro da sala de visita um piano, que, há anos silenciado, não fazia vibrar seu som. O piano, do qual não se sabia a origem, ou como chegou à casa dos Alcântaras, desconfiava-se que teria vindo de um leilão qualquer. O senhor Alcântara nunca revelou à filha Isaura a origem daquele instrumento, que caíra na solidão tal como Isaura.²³⁵

Trechos da obra de Dalcídio Jurandir apresentam Belém talvez entre no período nas primeiras décadas do século XX, quando a família Alcântara antes próspera e no então presente em ruínas, vivencia as lembranças de um passado de prestígio social e que com a queda de Antônio Lemos colheu as amargas conseqüências da falência. Porém, na casa é possível visualizar vestígios da prosperidade passada que se prolongaram e acompanharam a família do senhor Alcântara, como um piano mesmo isolado num canto da sala de visita.²³⁶

Dalcídio, ao abordar essa situação vivida pela família dos Alcântara envolvendo esse imponente instrumento, em seu romance descreve uma realidade frequente na vida belenense nas primeiras décadas do século passado. Entre cômodos e objetos, o piano ocupou dentro das residências um espaço singular na sala de visitas, e nos anúncios dos leilões estes aparecem freqüentemente neste ambiente. Senhores e senhoras ao recepcionarem seus convidados ou ao promoverem eventos familiares, faziam uso deste instrumento com suas melodias para que a audição dos seus convidados apreciasse as qualidades musicais proporcionadas pelo toque dos dedos nas teclas de marfim do piano.

Os leilões solidificaram a presença do piano nas residências quando nos deparamos com uma quantidade e diversidade deste instrumento no conteúdo dos produtos postos a arremate, pois a origem do instrumento acompanhado de sua “marca”, ou do fabricante elevava a qualidade e a oferta do piano no comércio dos leilões. Na capital paraense a maior parte dos pianos era de origem alemã, com três principais fabricantes:

²³⁵ JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará**. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004. (Coleção Ciclo do Extremo Norte). p.141-142.

²³⁶ Marlí Furtado Diz que os Alcântaras representam as ruínas do ciclo decaído da borracha e do período em que, segundo se depreende se casava o fausto com a pompa de Belém regida por José Lemos. São os Alcântaras exlemistas decaídos. Porém sua narrativa delimita o tempo histórico mais de dez anos após a queda do Senador Lemos o que nos leva ao ano de 1921/22, uma vez que o senador renunciou em 02 de Junho de 1911. Ver: FURTADO, MarlíTereza. Dalcídio Jurandir : entre o histórico e o fictício em Belém do Grão Pará. In: **Diálogos entre história, literatura & memória**. Belém: Paka-Tatu, 2007, p.51-2.

Bluther²³⁷, Dorner, Steinmay&sons, Bomhildt Weimar, os alemães já fabricavam pianos desde 1794 e a fábrica Bluther, próxima a Leipzig, exerceu uma enorme influência entre os apreciadores de piano em Belém.²³⁸

A casa dos pianos administrada pelo senhor José Pinhakov, localizada à travessa Treze de maio nº 44 vendia, consertava, afinava, comprava e trocava pianos para a clientela que necessitasse de seus serviços. A experiência do senhor Pinhakov era reconhecida neste ramo do comércio belenense. Logo, além dos leilões tal loja poderia ser uma possibilidade para adquirir um piano, trocar “antigos” modelos por “modernos” ou fazer reparos para aqueles que já possuíam uma longa trajetória.²³⁹

No conteúdo dos leilões o piano ganhava um destaque especial. Ele assume, inclusive, destaque na nota de chamada do leilão pertencente aos bens do Sr. Silvério Ferreira Lopes: “Sólido e harmonioso piano Bomhildt Weimar em cor de noqueira”²⁴⁰ A abertura do leilão com essa oferta demonstra o valor que era dado a tal instrumento. Apresentava-se a casa a partir do piano, considerado intermediador nas relações com as visitas e a família, uma vez que as notas musicais poderiam romper com o silêncio e a seriedade de encontros impressos por tensões políticas e familiares.

O pulsar do som do opulento instrumento musical envolvia seus ouvintes e os incitava a viverem momentos de descontração, estimulando os presentes a dançarem as valsas, polkas e mazurcas ou simplesmente a ouvir poesias acompanhadas das notas musicais, com as declamações. As tendências musicais européias faziam-se presentes nas residências com a contribuição do piano, o qual sensibilizava os sentidos de um grupo que acompanhava os novos estilos importados no âmbito da música e da dança.²⁴¹

A função do piano na visão de Lemos é o de ser o centro de convivência dos membros da família, em especial aos domingos à noite. Nesse horário ficava reservada a diversão, pois, na espreita das visitas, namoros iniciavam ao som dos músicos. Essa prática durante a semana era restrita a datas comemorativas, o que estimulava as mulheres a aprenderem a tocar as partituras e declamar poesias para usufruírem das sutilezas musicais.

²³⁷ A fábrica Bluther foi destruída num ataque aéreo em 1943, mas as forças ocupantes soviéticas permitiram que família reconstruísse a fábrica após a Segunda Guerra Mundial e mantiveram até 1972. Disponível em: <<http://pianocrs.blogspot.com/2007/02/construtores-de-pianos.html>>. Acessado em Fevereiro de 2008.

²³⁸ Disponível em: <<http://diversae.blogspot.com/2007/11/industria-do-piano.html>>. Acessado em Fevereiro de 2008.

²³⁹ Jornal Folha Vespertina 24 de maio de 1945 p.03 Biblioteca Artur Viana (Centur).

²⁴⁰ Jornal Folha do Norte 02 de fevereiro de 1930 p. 08 Biblioteca Artur Viana (Centur).

²⁴¹ SALLES, Vicente. **Épocas de Teatro no Grão Pará ou apresentação do teatro de época tomo 1**. Belém, Universidade Federal do Pará, 1994. p. 281.

Entre melodias e poesias, decisões políticas eram debatidas, flertes e diversão se aproximavam no campo de tensão das relações sociais.²⁴²

Os eventos culturais que envolviam a participação do piano se intensificaram e eram materializadas em operetas, bailes, nas companhias de teatro ou na apresentação das orquestras que faziam a programação dos eventos particulares das autoridades públicas, em seus respectivos palacetes. Entre o espaço público e o privado, este instrumento acompanhou a carreira de pianistas e conquistou um público ávido a conhecer e desfrutar do talento de maestros como Henrique Eulálio Gurjão, professor do Liceu Paraense.²⁴³

A presença do piano na sala de visitas possibilita pensarmos este espaço pelo viés da descontração da música, representando uma forma de lazer e de interação social, atuando dentro de um espaço de sociabilidade, pois entre risos, conversas e descontração compartilhava-se valores que estavam relacionados à aparência através da vestimenta dos sujeitos e do ambiente que os rodeava, eram situações, gestos, hábitos que traziam significados de condição social, poder e identidade de grupo. Nas salas de visitas durante jantares ou outros eventos este espaço configurava-se como verdadeiro ambiente de debates políticos ou econômicos, espaço usado por muitos como estratégia para realizar conquistas e negociações.

Os momentos de diversão e negociação acompanhados do piano traziam à tona o papel feminino. As mulheres demonstravam seus valores culturais ao dominar a técnica de tocar o piano e conhecer os principais artistas da música clássica. A família como um todo desempenhava papéis sociais delimitados por sua condição social. A maioria dos pianos em Belém de origem alemã era constituída de teclas de marfim e madeira clara. Este instrumento musical na sala de visita expressava um sentido de admiração e bom gosto do proprietário da residência, por isso muitas mulheres tocavam piano para recepcionar os convidados.

Seja como um instrumento ativo nas residências de certas famílias ou em estado de solidão como na fictícia família Alcântara retratado no romance de Dalcídio, a impressão que temos é que o piano simbolizou para as famílias abastadas, - ou as que um dia esteve nesta condição - um elemento de status social, prestígio e bom gosto no âmbito das práticas culturais almeçadas para uma sociedade com parâmetros civilizatórios.

²⁴² LEMOS, C. A. C. op cit., p.70.

²⁴³ SALLES, Vicente. In: **A Música e o Tempo no Grão Pará**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1980. p. 236.

Em situação de penúria em meio ao desabamento de sua morada, a família Alcântara apresentada por Dalcídio Jurandir mantém o piano entre suas poucas posses e em diálogo durante o desespero de retirar a bagagem para a calçada, a personagem Libânia expressa a representação do piano para a família:

Libânia correu até ao Largo da Pólvora em busca dos portugueses, desceu pela General Gurjão, encontrou um, que convocou os demais e carregaram o piano até a porta. Aí perguntaram: “aqui na calçada ou no leiloeiro?” Libânia franziu a testa, indicando-lhes ao pé da mangueira o lugar do piano. Manda-os trazer a mesa de jantar, o guarda-roupa...²⁴⁴

A posse de um piano podia representar para a família Alcântara um rastro do recente passado de privilégios. Esse precioso ainda que silencioso instrumento acompanhou a trajetória dos seus proprietários e que antes de ocupar o estado de solidão e ociosidade foi promissor nos jantares oferecidos pelo Sr. Alcântara, simbolizando poder e status social ao recepcionarem seus convidados com as suaves notas musicais que sua filha Isaura fazia vibrar nas teclas de marfim.

A condição de penúria absoluta dos Alcântaras e sua recusa em desfazer-se do piano expressa o valor simbólico de um bem de família, que para época indicava privilégio. Mesmo sem ter onde guardar o piano, a família Alcântara se recusava a desfazer-se de um símbolo que no passado representou a prosperidade dos seus membros.

Vitrola

Na década de 1930 nos deparamos na sala também com as vitrolas, que para a época foram consideradas uma perfeição da fonografia moderna. A propaganda, por sua vez, destacava a facilidade para adquiri-las, oferecendo até mesmo a permuta de vitrolas antigas pelas mais modernas do mercado, que custavam em 1930 1:100 \$000 na “Casa de Discos” em Belém²⁴⁵. Os Discos geralmente eram óperas ou operetas como Barbeiro de Sevilla, Madame Butterfly, ou mesmo produções de Wagner ou Chopin, nos quais seus ouvintes acompanhavam dramas encenados com música, comandada na maior parte por uma orquestra sinfônica.²⁴⁶

²⁴⁴ JURANDIR, Dalcídio. Belém do Grão-Pará. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004. (Coleção Ciclo do Extremo Norte). p.141-142.

²⁴⁵ Jornal Folha do Norte 09 de Março de 1930 p. 8. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

²⁴⁶ Jornal Folha do Norte 26 de Março de 1940 p. 6. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

O som na sala de visita apresentava um significativo papel à medida que denotava descontração e o reconhecimento de bom gosto através de renomados artistas estrangeiros. A chegada do rádio nas residências por volta de 1930²⁴⁷ em Belém influenciou as relações sociais quando notamos que este meio de comunicação introduziu as novelas, os anúncios e festivais na Rádio Nacional que divulgava as novidades referentes aos utensílios domésticos oferecidos por fabricantes como a General Eletric, já citados no capítulo anterior. O hábito de ouvir o rádio mostra-se como uma atividade cultural que alterou significativamente os modos de sociabilidade e de consumo na casa, estando em certas casas na sala de visitas, permitindo a construção de valores que denotavam práticas de consumo com descontração, unindo a propaganda através das ofertas e paralelamente a euforia ao promover os festivais de música: “Ouça os “festivais G.E, às segundas-feiras na Rádio Nacional da 22,05. Em ondas médias e curtas. Um programa musical, com atrações para todos os gostos.”²⁴⁸

Os rádios encontram-se muito presente nos leilões a partir da década de 30 e as principais marcas eram Philco, Philips e RCA Victor²⁴⁹, os quais se inseriram no cotidiano como elementos articuladores de consumo, e irradiadores de valores morais da sociedade da época, presentes nas tramas e personagens das novelas de rádio que eram fontes de construção do imaginário, especialmente o feminino. Esse aparelho inaugurou valores culturais que unia a família para compartilhar diante desse objeto as euforias dos programas matinais e vespertinos.

Figura 8- Rádio RCA Victor



Fonte: Jornal Folha Vespertina 30 de junho de 1941 p.03

²⁴⁷ Jornal Folha do Norte 01 de Julho de 1945 p. 8 Biblioteca Arthur Viana (Centur).

²⁴⁸ Jornal Folha do Norte 01 de Julho de 1945 p. 4 Biblioteca Arthur Viana (Centur).

²⁴⁹ Jornal Folha do Norte 18 de Julho de 1939 p. 8 Biblioteca Arthur Viana (Centur).

A propaganda articulava a compra do rádio aos privilégios para participar do concurso ofertado pela distribuidora, que estava espalhada em vários estados. Além de oferecer vários modelos, com ondas mais curtas na transmissão e sintonização.

O rádio, porém, apesar de seus benefícios, trouxe para outras pessoas alguns incômodos, como quando seus ouvintes escutavam com o volume elevado músicas em horários tidos pela população como impróprios. Na coluna da Folha Vespertina um morador do quarteirão da Pariquis se queixava dos rádios que “berravam, dia e noite”. O morador exigia providências, que era de direito, e a situação segundo ele se agravou porque juntamente aos dois rádios que tocavam sem parar havia sido inaugurado um bar, que acabou com o sossego da população.²⁵⁰

Sevcenko diz que o rádio era uma forma também de remeter a um recôndito familiar das tradições e das memórias, pois estava atuante pela casa através de uma voz penetrante, responsável pela construção de sonhos e anseios. Bem como também foi um instrumento moderno de controle social, na medida em que, descoberto, consumido e ouvido já por uma grande parcela da população, se transformou num meio aliciador de aproximar os políticos das massas, como bem assegurou Getúlio Vargas com a Rádio Nacional ao se pronunciar para a população.²⁵¹

O consumo mais acentuado do rádio parece estar na década de 1940, uma vez que neste período há uma intensificação de ofertas nos leilões e na superação de rádios com tecnologia cada vez mais avançada. A publicidade dos rádios sempre referenda a facilidade da sintonização, deixando indícios de que talvez sua adaptação não tenha sido tão fácil como enaltecia a propaganda, que ideologicamente através de palavras buscava convencer o consumidor.

Os objetos inseriram formas e materiais restritos a certos grupos, e principalmente novos signos culturais. Presume -se que os objetos que ocupavam a sala de visita ganharam uma circularidade capaz de interagir com o meio material, através de valores como consumo e conforto enveredando comportamentos padronizados a uma elite que se identificava pela posse de bens materiais voltados para um conceito de moradia que estava atrelado ao bem estar familiar, tal como também a uma construção social de sua imagem diante da sociedade.

²⁵⁰ Jornal Folha Vespertina 05 de Fevereiro de 1941 p. 02.

²⁵¹ SEVCENKO, Nicolau. A Capital irradiante: técnica, ritmos e ritos no Rio. In: **História da Vida Privada: República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p 586-7.

O universo material constitui-se na relação social à medida que traz consigo elementos dessa relação, colocando-se como mediadora de relações que superam o caráter físico da dinâmica social, mostrando-se como reflexo do universo mental que buscou atender a imaterialidade, internalizada em transformações nas funções e formas materiais dos objetos.²⁵² As disposições dos móveis da sala de visita estabelecem um caráter cultural de condutas corporais, ao percebermos na Belém da primeira metade do século XX uma preocupação com a organização dos espaços, indicando reveladoras alterações comportamentais de caráter individual e de grupo.

Os detalhes através de objetos como mesa de centro, espelhos biselados, relógios de mesa, tapetes, biscuits, colunas, quadros, relegavam a sala de visita a sua função social de receber e apresentar aos convidados a imagem da família. Ao acolher esses objetos tal ambiente ganhava uma importância se comparado aos demais cômodos, pois as famílias deveriam estar preparadas para de certo modo compartilhar, através da ostentação dos utensílios presentes nesse compartimento da casa, a intimidade da sua residência, numa forma de amalgamento entre o público e o privado.

O acúmulo de objetos que se concentravam na sala é ratificado pelos leilões haja vista que, dos compartimentos da casa, esse espaço era o que continha nas residências a maior parte de uma enorme variedade de utensílios. Um leilão realizado na casa de um corretor da praça constavam cinquenta e cinco itens apenas na sala de visita, entre estes, quadros do século passado, cortinas, abajour, cinzeiros, camafeu de marfim, estantes, mesinha de canto, biombo, cabides, bengaleiros e vários móveis de assento.²⁵³

Relógios e despertadores

Os relógios e despertadores simbolizam rastros das práticas culturais dos moradores da cidade de Belém, que constrói ao seu redor mecanismos de controle social através de registros matemáticos do tempo. Segundo Macêdo os relógios foram trivializados pelo largo uso, pois são instrumentos fundamentais à rotina do cotidiano, uma vez que apontam para um modo historicamente construído de lidar com o tempo. O tempo do relógio não é um dado natural, mas uma construção da cultura racionalista, da qual somos herdeiros.

²⁵² Marcelo Rede destaca o significado e os limites da cultura material ao observá-la a partir da dinâmica da sociedade. REDE, Marcelo. **História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material**. Anais do Museu Paulista, nova série v.4, 1996, pp.82-265.

²⁵³ Jornal Folha do Norte 04 de Janeiro de 1945 p. 6 Biblioteca Arthur Viana (Centur).

A padronização das unidades fixas dos ponteiros em horas, minutos e segundos demonstra o indício de uma cultura caracterizada pela necessidade do cálculo.²⁵⁴

Na Belém das primeiras décadas do século passado, o relógio e o despertador foram parte dos objetos que ornamentavam as residências, seja nas paredes, nas mesas, nas cabeceiras das camas ou no pulso. A sua função era acima de tudo transmitir uma mensagem que regulava o comportamento dos indivíduos, determinando as ações a partir do movimento dos ponteiros. A sincronia e a eficiência na realização das tarefas são relegadas ao relógio, assegurando pontualidade nas ações sejam de lazer, trabalho ou descanso.

Na visão de Macêdo apesar da rigidez do relógio, as sociedades humanas estabelecem relações variadas com o relógio: estes podem sinalizar pontualidade, adorno, objeto de coleção ou instrumento de status social. Neste sentido as múltiplas funções dadas ao relógio partem de uma construção cultural que destina significados variados a um mesmo objeto.²⁵⁵

Em Belém notamos que os relógios e despertadores se fizeram presentes principalmente através da empresa Western Clock Co.. Essa empresa americana difundiu a sua imagem usando o discurso da “marca”, ao grafar em todos os seus produtos o rótulo Westclox, a sua identificação já exibia os elementos da qualidade e da sofisticação da tecnologia norte americana. Logo o capital americano no âmbito deste comércio teve uma importante atuação á medida ofertava na marca do produto a origem (Estados Unidos) e seus benefícios.

A função de despertar e controlar as ações dos moradores através da contagem do tempo é atrelada também a uma necessidade de ostentar e fazer uso daquilo que garantia qualidade e reconhecimento no comércio e que possuía valor de uso e status. O objeto adquire desta forma uma função física e um valor simbólico nos bens do proprietário.²⁵⁶ O uso e a organização dos objetos, nesse caso dos relógios, transmitem significados dentro dos ambientes onde se dão as interações sociais. Assim, a dimensão da cultura material

²⁵⁴ SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo. Fortaleza: imagens da cidade. 2. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004. p. 72.

²⁵⁵ Idem Ibidem p. 77.

²⁵⁶ ROCHE, Daniel. **História das Coisas Banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 27

representada pelo uso e ostentação dos relógios e despertadores ganha uma unidade de significado a partir de sons e toques emitidos por esses objetos.²⁵⁷

O crescimento urbano e populacional difundiu em Belém o aparecimento de estabelecimentos que rompiam com a informalidade dos comércios que recebiam a qualquer hora a clientela; logo, se criaram horários para o funcionamento de estabelecimentos públicos (repartições) e privados (grandes lojas ou magazines), criando nos habitantes do centro urbano uma autodisciplina, em que são agendados horários especializados para a execução de certas tarefas.

A alimentação também se inseriu na ditadura do relógio, já que eram destinados horários ao almoço, ao chá e o jantar. O relógio estabeleceu na cidade uma coesão social ao integrar as ações e integrar a mente nos turnos de trabalho, diversão, alimentação e descanso, o relógio disciplinava os indivíduos a viverem um tempo sincronizado.

O horário passa a ser uma garantia da eficiência da sociedade e da sincronia necessária aos seus habitantes. O relógio, através de valores culturais, passa a ser o centro de uma unidade em que a cidade caminhe lado a lado com o comportamento dos seus habitantes e ambos tenham uma integração capaz de assegurar o desenvolvimento e a prosperidade.

Com o crescimento do capitalismo, o controle sobre o relógio ganhou uma grande dimensão, internalizada principalmente no ambiente de trabalho, onde é usado como forma controle pelos patrões. Assim, o relógio é difundido nos recônditos da privacidade, nos interiores das casas e nos espaços de trabalho, contando através do vaivém dos ponteiros a tarefa reservada para cada hora do dia.

Em Belém por volta de 1930 é construída a Praça Siqueira Campos²⁵⁸, conhecida como Praça do Relógio por ostentar ao centro deste espaço um enorme relógio, localizado exatamente no centro do comércio belenense. O relógio passava a compartilhar com seus transeuntes o significado matemático do tempo no cotidiano do comércio e da intensa dinâmica da vida nas feiras, na mudança da maré ou no melhor horário para comprar, a hora de ir embora e retornar em um tempo ainda escuro, talvez na madrugada, para recomençar o trabalho.

No relatório do governador do Estado Eurico Dutra, este apresenta a instalação de um relógio no Ver-o-Peso como uma das melhorias do poder público na década de 30. Este

²⁵⁷ ANDRADE, Marta Mega de. In: **Práticas do espaço, experiência do corpo: Sennett e a cidade**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. Série Volume 4 p. 291-308. p. 304-305.

²⁵⁸ Localizada na Avenida Castilho França

relógio foi comprado da firma inglesa Walters Macfarlane Comp. e possuía uma sirene elétrica para regular o movimento da cidade, ou seja, para regular e controlar os horários das atividades neste espaço de intensa movimentação.²⁵⁹

Figura 9- Praça Siqueira Campos



Fonte: http://farm4.static.flickr.com/3336/3491779405_d4336c4e64.jpg

Segundo Sevcenko a moderna sociedade de massas só se tornou possível devido aos recursos das novas tecnologias. Dentre estas, ele cita o relógio, que passou a ser então um apetrecho fundamental ao homem moderno, tanto para o controle de sua rotina quanto para a caracterização de sua individualidade. O relógio passou a ser considerado no século XX a bússola para orientar os habitantes da cidade.²⁶⁰

Em 21 de Janeiro de 1921 é anunciado em Belém o leilão de liquidação da Relojoaria Alemã, situada a Rua Gaspar Vianna, nº 12. E no conteúdo notamos vários relógios de algibeira em ouro, prata e nickel, coleção de relógios de parede e marítimos, despertadores, cronômetros, bússola e móveis com relógios acondicionados.

Nos inventários os relógios aparecem com frequência na descrição dos bens e constituídos de ouro acompanhados de corrente de ouro. Esses relógios eram geralmente usados pelos homens no bolso do paletó ou da casaca, acompanhavam assim seus donos no dia-a-dia da vida corrida nas cidades.

²⁵⁹ Mensagem ao Congresso legislativo do Pará em sessão solene de abertura de reunião de sua 14ª legislatura a 07 de Setembro de 1930 pelo Governador do Estado Eurico de Freitas Valle. (Biblioteca Pública Arthur Viana-microfilmagem).

²⁶⁰ SEVCENKO, Nicolau. A Capital Irradiante: Técnica, Ritmos e Ritos do Rio. In: História da Vida Privada V.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.582.

O inventariado Manoel Lopes de Sá²⁶¹, na descrição de seus bens por volta de 1935, apontou apenas um anel de ouro com diversos brilhantes e um relógio de ouro com corrente de ouro como o montante de sua herança, sendo que o relógio foi avaliado em quinhentos mil réis (500.000 réis). Com esse valor na época era possível adquirir um terreno edificado com uma casa de madeira na Rua Pariquis de cobertura de telhas com quatro compartimentos assoalhados, quintal ao fundo e ao lado, medindo vinte dois metros de frente por sessenta e seis ditos de fundo e mais um terreno confinado com a Travessa Apinagés. A inserção do relógio pelo inventariado Manoel Lopes deixa indícios do valor deste objeto, uma vez que poderia ser usado como intermédio, ou com penhora ou através da troca para adquirir outros bens materiais como um imóvel.²⁶²

No testamento de Francisco Bolonha²⁶³ é mencionado um relógio de algibeira do fabricante Waltham como um dos bens legados a seu amigo Jarbas de Castro, e em seu inventário constava um relógio de parede avaliado em 200\$00 réis e mais três despertadores que totalizavam 100\$00 réis. Os relógios de algibeira inventariados por Francisco Bolonha tratavam-se de relógios de bolso, usados principalmente por homens de negócio que precisavam agendar seu dia em torno dos horários do capitalismo, ou seja, das atividades comerciais.

A presença dos relógios de parede demonstra a preocupação da família em administrar o cotidiano, uma vez que as horas direcionavam as ações dos cidadãos, horários para recolhimento, para visitas, para o asseio. As práticas do cotidiano construíram aos poucos padrões de comportamentos influenciados por valores culturais que alteraram a noção de tempo e espaço entre os habitantes da cidade.

Macêdo afirma que o tempo, apesar de buscar disciplinar o cotidiano, não consegue homogeneizar-se entre seus moradores, pois apesar da organização formal em horas, minutos e segundos, os sujeitos sociais criam e percebem diferenças na duração dos fatos que vivenciavam em certas situações, logo, se percebe que o tempo pode ser sentido e apreendido de múltiplas formas, imprimindo diversos ritmos na vida do cotidiano. Por isso as lacunas podiam estar presentes no dia-a-dia na medida em que o ambiente de trabalho possuía

²⁶¹ Autos de Inventário de Manoel Lopes de Sá 1935. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, (Centro de Memória da Amazônia/ UFPA).

²⁶² Autos de Inventário de João Pires Teixeira 1935. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, (Centro de Memória da Amazônia/ UFPA).

²⁶³ Já apresentado no primeiro capítulo.

vínculos com a rotina familiar, e sempre havia um comerciante que atendia o cliente sem horário prescrito.²⁶⁴

A percepção do tempo passou a ganhar novos significados dentro da solidificação do capitalismo e apesar da prática de autocontrole dos sujeitos, principalmente no universo do trabalho, a sociedade teve formas múltiplas de assimilar e vivenciar o tempo nos espaços urbanos. Paulatinamente as horas passaram a gerenciar o cotidiano, o comércio e os afazeres domésticos, interferindo diretamente no cotidiano seja no trabalho tal como na vida domésticas de seus moradores.

Adornando com objetos e cores

A sala de visita, apesar de ser uma exposição da casa aos convidados assumindo assimr uma função social, por outro lado pode ser observada como recinto de privacidade, uma vez que na Inglaterra as visitas eram planejadas, evitando nos lares a presença de possíveis visitas desavisadas. Na sala de visita inglesa encontrava-se um objeto chamado porta-cartões, que guardava um cartão com o nome do proprietário, o qual era oferecido às visitas e assim agendava-se a vinda destas pessoas selecionadas pelo dono da residência²⁶⁵

Nos leilões realizados em Belém, conforme registro de jornal, encontramos referência a porta-cartões entre os objetos colocados para serem arrematados, o que nos leva a acreditar que algumas famílias abastadas agendavam suas visitas oferecendo o cartão como um convite, com dia e hora marcada para a visita.²⁶⁶

A sala de visita também foi organizada partindo dos princípios da higiene, uma vez que encontramos já por volta de 1925 uma atenção para o uso de madeiras higiênicas e claras, ou simplesmente esmaltadas a branco, leilões realizados com o título de “móveis claros” ou em “cor clara”²⁶⁷. Os critérios de higiene refletiam-se na cor, uma vez que cores claras denunciavam a presença de sujeiras, móveis brancos e limpos na sala de visita reforçava o papel fundamental para assegurar uma boa impressão aos visitantes, preocupação esta que também persistiu em outros cômodos da casa.

²⁶⁴ SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo. Fortaleza: imagens da cidade. 2. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004. p. 86.

²⁶⁵ RYBCZNSKI, Witold. **Casa: pequena história de uma idéia**. Rio de Janeiro: Record, 1999.p. 117

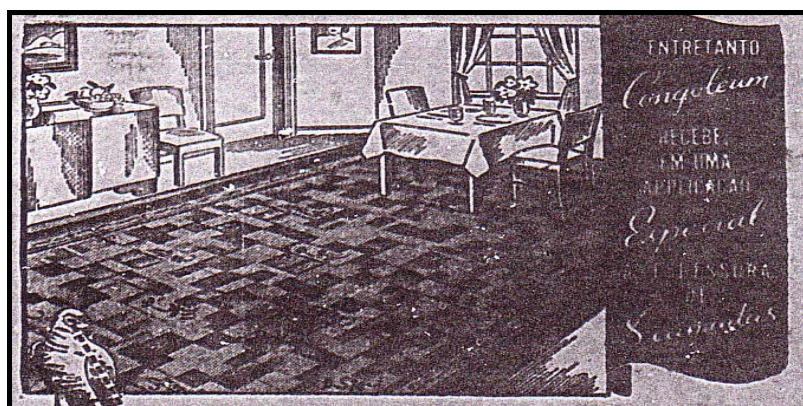
²⁶⁶ Jornal Folha do Norte 27de maio de 1921 p.6 Biblioteca Arthur Viana (Centur).

²⁶⁷ Jornal Folha do Norte 25 de Fevereiro de 1925 p. 6 Biblioteca Arthur Viana (Centur).

O tipo de madeira e a coloração da mesma influenciaram nas escolhas dos moradores, pois quanto mais clara a cor da madeira e seu odor, mais os aspectos da higiene se faziam presentes. A prática de esmaltar a branco a mobília da sala, ao se buscar o uso do esmalte para ocultar e retardar a ferrugem e envelhecimento do móvel, demonstra a necessidade de adornar e enaltecer a aparência duradoura de uma higiene na sala que recepcionava os convidados e era o espelho do lar.

A venda de tintas ofertadas pela Congoleum Company of Delaware, em Belém, contribuiu para atender o princípio da cor como um dos elementos necessários à casa higiênica, ao ofertar no mercado uma tinta que aplicada nas paredes poderia ser limpa apenas com um pano molhado:

Figura 10- Congoleum



Conserve sua beleza colorida annos e annos

Congoleum custa pouco e proporciona muito. Graças á sua pintura especial, aplicada por meio de uma camada de esmalte extra-resistente, oito vezes mais espessa, dura annos e annos-não perde o colorido e a beleza original. E para limpá-lo , basta passar um pano molhado.Examine a ampla série congoleum, dos variados, módicos e encantadores desenhos. Encontrará o padrão certamente adequado ao conforto do seu lar²⁶⁸

A empresa Congoleum associava em sua propaganda uma preocupação com a imagem e a beleza do lar e ao mesmo tempo com a higiene e o conforto do lar, expondo na propaganda uma sala de visita arrumada, com adornos, uma verdadeira demonstração do padrão de casa a ser seguido ou uma solução para alcançar os ditames da higiene no interior da casa.

²⁶⁸ Jornal Folha do Norte 24 de Dezembro de 1939, p.4. Biblioteca Arthur Viana (Centur)

A Casa apresentada pelo Congoleum na imagem da propaganda traz ao fundo uma janela acompanhada de uma cortina, mesa ao centro com toalha e talheres a espera de seus moradores para uma refeição, além de flores em cima, tapete ao centro da sala, quadros ornamentando as paredes e vasos de flores. A descrição da imagem busca criar uma harmonia decorativa que esteja atrelada aos valores da higiene e do bem estar familiar.

O jogo das cores, seja na decoração ou no critério das regras de higiene, expressava dentro da casa paraense das elites a busca por uma reformulação nos costumes, um ecletismo de adorno e uma necessidade de associar decoração com limpeza, já que a função deste cômodo poderia ser o espaço para a espera de banquetes ou chás das tarde, servindo como cartão de entrada, indicando o requinte e as práticas higiênicas dos moradores.

Os espaços paulatinamente são adornados com quadros, colunas, cachepots, molduras, bustos de madeira ou metal de figuras ilustres como Napoleão Bonaparte, estatuetas, pratos de parede, entre outros apetrechos que tentavam no ambiente da sala de visita demonstrar o bom gosto dos moradores e ao mesmo tempo propiciar aos convidados a sensação de conforto e ostentação.

Os quadros que são apontados nas fontes são pintados a óleo, de papel ou aquarela. Em inventário de Francisco Bolonha são avaliados dois quadros com a imagem de uma mulher nua, respectivamente em 11\$000 contos de réis e 35\$000 contos de réis,. Como para a época quadros expondo a nudez feminina não são mencionados em nenhum outro inventário, acreditamos que tais obras eram consideradas tabus, o que não descarta a possibilidade de outros sujeitos os terem adquirido, mas não terem mencionado no seu inventário.²⁶⁹

O conteúdo dos quadros é pouco citado, mas encontramos a presença de flores e aquarelas, cenas e personagens bíblicos ou paisagens européias na decoração das casas de famílias abastadas, as quais adquiriam tais obras principalmente em leilões. O leilão realizado no dia 13 de Maio de 1920 pertencente ao Sr. Walter White arrematava em seus bens um quadro pintado a óleo o inverno de Veneza de um renomado pintor.

A decoração através de objetos que adornavam a casa parece ter retratado figuras tidas como ilustres para época na história, ou temas como a velhice, profissões, e o ambiente natural representado por flores e animais. O ecletismo na construção da arrumação da casa

²⁶⁹ Autos de Inventário de Francisco Bolonha 1938. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, (Centro de Memória da Amazônia/ UFPA).

demonstrava as particularidades que cada morador destinava ao que ele considerava de “fino gosto”²⁷⁰ ou confortável para a sua família.

Dentre autores das obras de arte, de acordo com os leilões, incluíam-se célebres artistas brasileiros e estrangeiros, entre estes: Theodoro Braga (Scena da Inquisição), Antonio Parreiras, Aurélio Figueredo, Baptista da Costa, Luiz Graner e Bergamíni.²⁷¹ Porém como não são nomeados todos os títulos dos quadros dos referidos artistas, o reconhecimento diante dos artistas aqui apontados nos leva a concluir que se tratava de quadros tidos para época como raros e de alto valor, restringindo-se a residências de uma minoria pertencente a famílias abastadas.

Artistas como Luiz Graner e Aurélio Figueredo costumavam pintar quadros paisagistas, de natureza morta, o primeiro retratando locais como o Pão-de-Açúcar, a Baía de Guanabara, ou sujeitos sociais como mendigos, pescadores, bêbados, etc. Ambos tiveram passagem pela Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro, bem como Baptista da Costa e Antonio Parreiras.²⁷² A fama destes artistas ganha um destaque especial no leilão que arrematava suas obras, posicionando a condição social daqueles que compravam ou desfrutavam da arte nas residências.

Escarradeiras e cuspidadeiras

Em grande parte dos leilões registrados pelos jornais que circulavam em Belém há a menção às cuspidadeiras ou escarradeiras de metal ou porcelana que eram postas nos cantos das salas entre cadeiras, sofás e estantes na década de 20. A presença deste objeto permite inferir sobre os hábitos higiênicos de visitantes e moradores em um espaço aparentemente público. Em vista disso, acreditamos que práticas como escarrar ou cuspir eram regulares, o que sugere que os sujeitos tinham a liberdade de exercer suas funções corporais. Porém, a partir da década de 1930 esses objetos vão ficando escassos nos leilões, nos levando a inferir sobre mudanças relacionadas às necessidades corporais dos sujeitos que frequentavam tais espaços.

Nos séculos XVI, XVII e XVIII atos de excreção segundo Norbert Elias eram freqüentes nos manuais de etiqueta, e tratavam com liberalidade as necessidades naturais. Por

²⁷⁰ Termo da época usado pelo jornal para divulgar os leilões.

²⁷¹ Jornal Folha do Norte 06 de Junho de 1920 p.4 Biblioteca Arthur Viana (Centur)

²⁷² LEITE, José Roberto Teixeira. **Dicionário Crítico da pintura no Brasil**. Rio de Janeiro: Artlivre, 1988. p. 25.

isso o uso de escarradeiras nas salas de visita era um hábito regular á vida cotidiana, o ato de exercer funções corporais não era ofensivo a quem se exhibia, mas aqueles que eram obrigados a presenciá-la, como entre os reis e seus súditos na corte francesa.²⁷³

O desaparecimento ou irregularidade destas práticas, na concepção de Tania Andrade, reflete o processo de privatização e higienização dos espaços, na medida em que buscou confinar as práticas de excreção, levando-as para o interior dos aposentos. Assim, estes equipamentos viveram uma trajetória entre o público e o privado, sendo que inicialmente com uma exibição ostensiva até o confinamento total, quando os sujeitos passaram a realizar as atividades de forma discreta.²⁷⁴

As alterações nas práticas cotidianas também são visualizadas em Belém quando notamos a ausência das escarradeiras e cuspidadeiras nos cômodos da casa, pois a proliferação de doenças, as interferências médicas no interior do espaço doméstico provocaram redefinições comportamentais nos habitantes. Acreditamos também que o aparecimento dos W.C nas residências tenha contribuído para uma gradual substituição do lugar relegado a tais práticas, demonstrando como o universo material insere-se nas ações do cotidiano a partir de novas práticas culturais.²⁷⁵

Dos inventários pesquisados, apenas o pertencente a Francisco Bolonha menciona 12 escarradeiras, talvez para algumas famílias abastadas esses objetos não possuíssem um valor monetário que assegurasse sua presença na descrição dos bens. Na avaliação e descrição de Bolonha, estão seis escarradeiras de metal amarelo e seis de metal branco avaliados em 132\$000 contos de réis.

Nos séculos XVI, XVII e XVIII atos de excreção, segundo Norbert Elias, eram freqüentes nos manuais de etiqueta, e tratavam com liberalidade as necessidades naturais. Por isso o uso de escarradeiras nas salas de visita era um hábito regular na vida cotidiana, desse modo o ato de exercer funções corporais não era ofensivo a quem se exhibia, mas aqueles que eram obrigados a presenciá-la, como entre os reis e seus súditos na corte francesa.²⁷⁶

²⁷³ ELIAS, Norbert. O processo civilizador: uma história dos Costumes. Rio de Janeiro, Zahar. 1990.p. 136.

²⁷⁴ LIMA;Tania Andrade. **Humores e Odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX.** Rio de Janeiro. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, II(3): 44-96, Nov.1995.

²⁷⁵ No leilão realizado pelo Serviço de Navegação da Amazônia e de Administração do Porto do Pará (S.N.A.P.P.) em 1945 constava mais de 1000 itens e não encontramos cuspidadeiras ou escarradeiras na listagem dos produtos. Apenas urinóis foram identificados, os quais já tinham no século XX um lugar relegado ao espaço privado dos quartos ou alcovas. Ver Jornal Folha do Norte 04 de Abril de 1945 p.4 Biblioteca Arthur Viana (Centur)

²⁷⁶ ELIAS, op. cit., p. 136.

O fato das escarradeiras terem ocupado o âmbito dos atos da higiene corporal talvez contribua para entender sua parca presença nos inventários, pois no século XX objetos e a temática das necessidades naturais foram aos poucos sendo banidas dos livros e das casas. As novas regras de etiqueta, segundo Andrade, criaram um silêncio diante das rotinas do corpo, uma gradual privatização buscou atenuar essa exposição com a construção de espaços reservados para esses atos, reduzindo assim escarradeiras e urinóis nas casas das famílias mais favorecidas.

Nos leilões entre 1920-1945 não são mencionados escarradeiras, cuspidadeiras ou urinóis, indicando a individualidade que as necessidades corporais ganharam ao longo do século XX influenciando nos hábitos culturais de uma sociedade individualizada e reservada em relação ao corpo. Nas casas aparecem aos poucos espaços como sentina, banheiro, W.C e novos objetos que ocupavam esses espaços como bidês e caixa de louça para descarga.

Os bidês aparecem nos leilões em 1939²⁷⁷, os quais eram usados para a lavagem das partes íntimas e constituídos de metal ou esmaltados. Os bidês ficavam geralmente no W.C, separando dos quartos as atividades tidas como fétidas ou sujas, assim desloca-se o banho para as chamadas salas de banho, com banheira esmaltada destinada à higiene do corpo.

Tânia Andrade chama atenção para a raridade dos bidês no Brasil, destinando seu consumo apenas a famílias muito abastadas²⁷⁸. Em Belém, dos cento e cinquenta leilões pesquisados apenas quatro mencionam este objeto. Logo, é possível perceber como a cultura material dentro de uma dimensão social delimita práticas culturais e valores simbólicos aos objetos que circulam no cotidiano, tornando evidentes novas configurações sócio-econômicas no contexto das relações sociais.

3.3 A SALA DE JANTAR

Convidados e parentes por volta das seis horas reunidos ao redor da mesa faziam a última refeição²⁷⁹, na qual aparelhos de jantar ingleses, talheres de prata, copos de cristal, compartilhavam do cenário que envolvia o jantar. Ao fundo da mesa um quadro,

²⁷⁷ Jornal Folha do Norte 24 de Maio de 1939 p.8 Biblioteca Arthur Viana (Centur)

²⁷⁸ LIMA;op. cit., p. 57.

²⁷⁹ MORAIS, Raymundo. In: **Meu Dicionário de cousas da Amazônia volume 2**. Rio de Janeiro: Albas, 1931. Biblioteca M. Andrade, p. 52.

simbolizando a fartura e a necessidade de todos compartilharem de forma igual a divisão dos víveres postos à mesa, uma troca simbólica de interação e fraternidade. O movimento dos empregados servindo a mesa, carregando os pratos dos aparadores de madeira em direção à mesa. Tal cena pode talvez representar o ambiente que a sala de jantar compartilhava com os seus freqüentadores.

A sala de jantar compreende um espaço da habitação riquíssimo à medida que seu papel requer cuidados fundamentais com a aparência e higiene, um universo de miudezas, circulavam neste cômodo, sendo possível inferir como este ambiente não pode ser pensado a partir de um modelo e sim de imagens variadas que são capazes de compartilhar com o leitor a variedade e a riqueza das estruturas domiciliares em Belém.

Era nas salas de jantar que os sujeitos proprietários de algumas residências recepcionavam os convidados, envolvendo-os por um caráter simbólico e sagrado concomitantemente ao exporem na parede o quadro da “Santa Ceia de Cristo”, definindo o papel sagrado da refeição e dos valores religiosos que perpassavam por certos grupos familiares. A presença desta obra de arte na sala de refeições é comumente encontrada, probabilidade confirmada nos leilões entre 1920-1945. O jantar pode ser concebido a partir deste quadro como um momento de interação e sociabilidade da refeição, destinando a tal ritual um caráter sagrado.

O senador José Alves da Cunha ao retirar-se para a capital em 1923 colocou a venda seus móveis, e entre estes, a sala jantar. Esta era formada por uma guarnição em imbuia do Paraná da marcenaria Red-Star fabricada no Rio de Janeiro com 16 peças, adornada com lâminas de cristal biselado e raríssimo mármore esmeralda, mesa elástica, buffet, mimosa cristaleira com fundo e prateleira de cristal e 12 cadeiras com assento de palhinha e encosto de couro, alta e espaldar, panos de mesa adamascado²⁸⁰, filtro inglês com mesa para o mesmo, quatro colunas, doze quadros, duas cadeiras de embalo, um grupo em peroba com cinco peças, dois tapetes, sendo um oriental, uma bengaleira em pau cetim com espelho, aparelhos de jantar, chá e café em porcelana, louças de limoges dourados a fogo, centros, copos, cálices, taças, garrafas e fino serviço de doces tudo em cristal, talheres e colheres em prata de lei, faqueiro em prata com 53 peças e um relógio francês.

A suntuosidade da sala de jantar descrita acima nos dá a ideia da importância que essas salas tinham para os sujeitos em Belém no período aqui estudado. Os adornos,

²⁸⁰ Tecido de seda com flores ou desenhos em relevo fabricado em Damasco na Síria.

acessórios, os detalhes, a disposição dos móveis, enfim, demonstravam a comodidade, a beleza, o conforto do ambiente, mas mais importante ainda, serviam como amostra do poder aquisitivo da família como também dos valores morais desta.

Louças à mesa

A descrição dos objetos pertencentes ao senador José Alves da Cunha nos permite notar os mínimos detalhes de cada objeto. A origem ou a marca do móvel denota em parte a sua suntuosidade para a época, a cristaleira expondo as louças de cristais e prata reforça o papel deste móvel, tal como também louças que necessitavam do trabalho manual como aquelas douradas a fogo. O aparelho de jantar deixa evidente sua variedade e a especialização de cada objeto de acordo com os pratos que iam à mesa, entre estes açucareiros, farinheiras, púcaros, manteigueiras, bomboniers, depósito para ponche, serviço para aspargo²⁸¹, chaleiras, conchas, xícaras, biscoiteiras, terrinas para sopa, bandejas.²⁸²

Durante o uso deste novo aparato de objetos, não descartamos as dificuldades que foram enfrentadas pelos serviçais que trabalhavam em tais residências, os gestos no ato de servir a mesa são muito valorizadas dentro das regras de etiquetas. Assim, a intervenção das donas de casa representou o instrumento de intermediação entre o universo das etiquetas de civilidade e a aprendizagem dos seus empregados para garantirem o sucesso nos jantares oferecidos a um grupo de indivíduos que tinham filiações sócio-culturais em comum.

A quantidade e a qualidade dos objetos da sala de jantar talvez induzam a uma precipitada conclusão de que todos os indivíduos consumiam ou possuíam nos seus domicílios todos os apetrechos demonstrados aqui, porém tal posse acerca destes bens até o presente momento só foram encontrados em residências de pessoas que são nomeadas de “tratamento”, uma vez que correspondem a pessoas públicas ou possuidoras de uma renda que proporcionava o uso destes objetos domésticos.

A fronteira entre as especificidades e suntuosidade de louças japonesas, francesas, inglesas, aponta que estas agiram como demarcadores sociais, pois a manipulação das louças exigia conhecimentos de etiqueta à mesa. Informações que ficavam restritas na maior parte

²⁸¹ Planta comestível com propriedades diuréticas.

²⁸² Na visão de Tânia Andrade nas décadas finais do século XIX os rituais e cerimoniais de como servir a mesa tornou-se uma preocupação dos livros de etiqueta e civilidade ao orientarem sobre o adestramento dos criados para aprenderem a servir a mesa diante da infinidade de talheres, e louças que passam a fazer parte dos chás. In: **Chá e Simpatia: Uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista**. Anais do Museu Paulista, nova série v.5, 1997, p.93-123 p. 99.

das vezes aos sujeitos das classes abastadas através dos códigos de etiquetas e de aulas com professores destinados a ensinar as regras da civilidade européia.

Os convidados do Sr. D'Avila apreciavam um jantar na sua residência numa mesa elástica grande ao centro com cadeiras ao seu redor, um espaço cercado por aparador, cristaleira com fundo espelhado ocupada com louças de cristais, *psyché*²⁸³, quadros, um conjunto de móveis de imbuia, espelho e geladeira, eram os traços domésticos da residência deste comerciante. A exibição das louças, a disposição da geladeira na sala de jantar acena para possibilidades de leituras do significado da vida material para os integrantes desta elite, uma vez que os jantares constituíam verdadeiras exposições dos bens do proprietário.²⁸⁴

Para Carneiro o valor do móvel com suas prateleiras envidraçadas, deixando a vista os jogos de porcelana fina, em alguns casos fruto de herança, expressavam que a perpetuidade, a riqueza e a funcionalidade são valores a serem exibidos. O significado de tradição e ancestralidade que o mobiliário representava legitimava a família através de ícones de riqueza ostentados que fazem referência a um passado e projetam um futuro de segurança para a família.²⁸⁵

Geladeira

As geladeiras também faziam parte da sala de jantar em algumas residências, enquanto em outras estavam dispostas na cozinha, a qual será analisada nos itens posteriores. Na Década 20 as geladeiras se faziam mais presentes nas cozinhas, porém na década de 1930 e 1940 elas aparecem mais na sala de jantar.

Na casa do Sr. Luiz Teixeira o refrigerador foi alocado na sala de jantar²⁸⁶. Talvez essa alteração quanto ao espaço relegado à geladeira tenha imbricações com o aperfeiçoamento das geladeiras que nas décadas de vinte liberavam fumaça e faziam excessivos ruídos, problemas esses que foram sendo superados gradualmente nas décadas posteriores.

A conservação dos alimentos consistia em um dos problemas do cotidiano doméstico, uma vez que frutas, carnes, peixes, leite, entre vários alimentos, poderiam perecer

²⁸³ Ver Anexo 3

²⁸⁴ Folha do Norte 07 de Julho de 1940 p. 7 Biblioteca Arthur Viana (Centur).

²⁸⁵ CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e Artefato: O Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp. 2008, p. 118.

²⁸⁶ Folha do Norte 26 de Março de 1940 p. 6 Biblioteca Arthur Viana (Centur)

e não resistir a temperatura elevada, assim a geladeira passa a ser vista como uma solução para a dona de casa conservar a qualidade dos alimentos. As geladeiras que aparecem nos jornais apresentam muito bem os modelos que surgiram entre 1920-1945.

A grande maioria das geladeiras que chegavam à Belém no início do século 20 eram de origem americana, pertencentes à marca Frigidaire, considerada neste período como um dos melhores presentes para as donas de casa, uma vez que proporcionaria refrescos e frutas geladas, além de sorvetes. Ao final do ano no período de festas de Natal e Ano Novo as propagandas intensificavam-se e ilustrava-se a família feliz ao comprar uma geladeira, e em tal imagem se destaca a cor da geladeira, que era branca, combinando com as paredes azulejadas da cozinha, com a família com sorrisos exacerbados admirando o aparelho, que nas décadas de 20 a 30 era movido principalmente a base de querosene.

Os avanços na engenharia doméstica interferiam na arrumação ou organização dos objetos nos compartimentos das residências, os utensílios passam a ter nesta perspectiva uma dimensão pública e outra restrita. As geladeiras e fogões que provocavam desconforto predominavam na cozinha, ao apresentarem sinais de sujeira para os moradores.

O desconforto aqui mencionado está direcionado para a produção de fumaça que certas geladeiras na década de 20 provocavam, pois a engenharia doméstica ao longo do tempo foi superando as dificuldades e lançando no mercado refrigeradores que asseguravam para a dona de casa conforto, segurança e economia. E assim anunciava a empresa Norge em 28 de fevereiro de 1941 aos seus clientes os refrigeradores elétricos fabricado nos Estados Unidos e que seriam expostas em Belém na Avenida Castilho França nº68, para a população certificar-se das regalias e privilégios ao adquirir um produto da Norge.²⁸⁷

3.4 ENTRANDO NA ALCOVA

Este espaço da morada foi, ao longo dos anos, timidamente conhecido, ou totalmente desconhecido, afinal era, e ainda é, lugar de máxima privacidade dos seus donos e reservado a guardar as mais íntimas ações. O espaço relegado ao descanso, ao sono, à higiene pessoal, distanciou-se dos olhares alheios e definiu o papel extremo que lhe deveria ser atribuído, cercado por tabus e limites.

²⁸⁷ Jornal Folha Vespertina 28 de Fevereiro de 1941. p. 2. Biblioteca Arthur Viana (Centur)

A organização das alcovas e quartos parece não seguir um padrão, oscilando e diversificando os seus móveis. Um comerciante não identificado ofereceu em leilão os objetos de sua alcova, que se constituíam em: completo composto de guarda-casacas com lâmina de espelho de cristal com mármore, toilette-comoda com espelho de cristal, cama com tela e colchão, mesinhas de noite e aparelho lavatório em porcelana. Os objetos deixaram rastros das necessidades e práticas dos moradores ao toque de recolher e sua estadia no quarto, móveis de dormir, espelhos excessivos e objetos de higiene para garantir principalmente a higiene matinal. O culto a boa aparência fazia uso do espelho para assegurar a valorização do indivíduo bem vestido e dentro dos padrões sociais.²⁸⁸

A separação entre o termo alcova e quarto estão presentes nos jornais e inventários. Nos primeiros, as alcovas sempre estão acompanhadas de camas de casal, sendo uma possibilidade de definição, porém entre meados de 1930 o termo alcova reduz nas fontes pesquisadas, sendo substituído por quartos e dormitórios.

Os móveis da alcova do advogado Sá Souza em 1920 eram formados por um sofá e duas poltronas douradas, mobília estofada a pelúcia de seda com seis peças, um guarda-casaca, três guarda-vestidos em cedro do Amazonas, uma escrivaninha para senhora estilo Luiz XV, biombos e quadros. A mobília do advogado²⁸⁹, reservada a alcova, reflete ações que não eram restritas apenas ao recolhimento noturno, quando se observa objetos tais como as poltronas e sofá, assim como a escrivaninha, indicando mudanças nas funções anteriormente relegadas à alcova.

A influência do estilo Luiz XV demarca os excessos na forma com madeira pintada em dourado e estofamentos de tons claros. Essa influência vem desde o século XVIII com o rei francês, quando os móveis conviveram com uma agitada vida social, caracterizada por ornamentos demasiados, com flores e florões em talha. A arrumação da alcova passa por alterações voltadas para a decoração, partindo do uso de madeiras claras e quadros, causando um ambiente de bem-estar e suavidade de acordo com os padrões dos estilos da arquitetura e decoração.²⁹⁰

Os quartos identificados nos leilões de palacetes e móveis alcançavam uma média de dois a oito cômodos, distribuídos numa seqüência. Na residência do tenente João da

²⁸⁸ Jornal Folha do Norte 10 de Janeiro de 1920. p. 6. Biblioteca Arthur Viana (Centur)

²⁸⁹ Folha do Norte 28 de Julho de 1920 p. 6. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

²⁹⁰ Disponível em: <http://www.casaecia.arq.br/luis_xv.htm 13-12-2007>. Acessado dia 05.12.2007.

Palmeira²⁹¹, no primeiro quarto encontra-se uma cama de ferro para solteiro, duas colunas, máquina de costurar Singer, cabide de centro. Enquanto no segundo uma cama de ferro de solteiro com gaveta, santuário, sapateira, duas espreguiçadeiras, cabide de parede. Se compararmos os móveis dos quartos da residência do comerciante com os do advogado, percebemos diferenças direcionadas ao requinte dos objetos e a quantidade, possibilitando inferir que a aquisição destes bens materiais perpassava pelo critério do poder de consumo, demarcando as relações de classe social.

A especialização do quarto enquanto lugar de recolhimento noturno é redimensionado com a presença de ações como ler, costurar, escrever, o asseio, para o momento de intimidade do casal, comportamentos que estimularam novas representações do quarto. A atenção com a decoração, além do tom de harmonia e organização, ajuda a inferir a entrada de terceiros nos recônditos dos quartos, pessoas que deviam ter certa intimidade com seus proprietários. Assim, o quarto, como afirma Vieira, se expressa de forma esparsa, mas dentro de uma tensão entre a especialização e seu uso para outros fins, acompanhando o limite entre um espaço de intimidade familiar e o usufruto de terceiros no interior dos domicílios.²⁹²

O âmbito da intimidade parece imprimir uma fluidez nas relações íntimas, a privacidade reforçava o confinamento de certas ações e por outro abria uma lacuna para compartilhar com terceiros os elementos de sua intimidade materializada nos objetos que ocupava este espaço. A privacidade configura-se como uma linha tênue em momentos específicos e definidos em outros, revelando a coexistência de formas conflituosas nas práticas do cotidiano.²⁹³

As relações sociais são experimentadas a partir do crescimento urbano e principalmente pela fragmentação social do consumo, na qual este visava atender não apenas as necessidades econômicas, mas a convivência com o luxo, notado na materialidade dos objetos. Há, a partir disso, uma diferenciação social de consumo, onde o indivíduo controlava a sua capacidade de escolha, remodelando reciprocamente a relação entre consumo e

²⁹¹ Jornal Folha do Norte 21 de Outubro de 1924 p. 7.

²⁹² VIEIRA JÚNIOR, Antonio Otaviano. **Entre paredes e bacamartes: história da família no sertão (1780-1850)**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha; Hucitec, 2004. p. 101.

²⁹³ NOVAIS, Fernando. **História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. Organização Laura de Mello e Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (História da Vida Privada no Brasil; 1) p. 13-39.

produção, na qual os elementos da vida privada e pública constroem normas que influenciaram nas escolhas dos objetos.²⁹⁴

As normas associadas a um conceito de moradia saudável e higiênica também contribuem para compreendermos certas escolhas quanto a materialidade dos objetos. As camas de ferro na década de 20 eram consideradas higiênicas quando comparadas a certas madeiras, pois algumas madeiras escureciam muito ao longo do uso, provocando um aspecto e odor que talvez tenha aproximado seus usuários do ferro e de madeiras como o cedro²⁹⁵, tida como higiênica pela claridade e o cheiro aromático. Nos jornais eram comuns notas com termos tais como: “higiênica camas para casal em cedro com tela de arame”²⁹⁶; “higiênica e boa cama de ferro com tela para casal”²⁹⁷ Essa preocupação com a limpeza acompanhou a organização do quarto e a necessidade de fiscalização dos ditames da higiene nos interiores domésticos, com isso os códigos de higiene inserem-se almejando um controle dos moradores e suas casas.

Além dos objetos que ocupam a casa, os espaços também serão repensados com a construção de banheiros nos quartos e janelas voltadas para o quintal como anunciava o leilão de um prédio na Travessa Padre Eutíquio: “1 magnífico dormitório com 2 janelas para os fundos; 1 saleta pequena e W.C. com janela para o quintal”²⁹⁸ Uma atenção destacada foi dada aos espaços em que eram realizadas as práticas de higiene corporal, ao notarmos azulejos nas paredes e chão assoalhado. É interessante que o banheiro estava freqüentemente separado do W.C, distinguindo o banho das necessidades fisiológicas.

Os dormitórios receberam uma enorme quantidade de objetos que buscavam atender as necessidades de seus proprietários, que primavam também pela estética e o conforto. O comerciante Sr. Alexandre Tavares leiloou seus móveis e os dois dormitórios foram descritos da seguinte forma:

²⁹⁴ ROCHE, Daniel. **História das Coisas Banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 32.

²⁹⁵ O cedro é a madeira mais comum na Amazônia e tem uma variação de cor entre o rosa acastanhado, o amarelo escuro e canela, sendo considerado de bom uso para os interiores domésticos e de cheiro aromático. In: Ferreira, Victor Manuel Duarte. A Utilização da madeira na manufatura do mobiliário Trabalho final do Curso Conservação e Restauro de mobiliário. Instituto de Artes e Ofícios da Universidade Autônoma de Lisboa. Lisboa, 2001. p. 52-72.

²⁹⁶ Jornal Folha do Norte 18 de Janeiro de 1920 p. 6. Biblioteca Arthur Viana (Centur).

²⁹⁷ Jornal Folha do Norte 04 de Janeiro de 1920 p. 8.

²⁹⁸ Jornal Folha do Norte 18 de Julho de 1939 p. 8.

Nos altos: Guarnição de imbuia para dormitório de casal, caprichosa fabricação paulista, com um mês de uso apenas, 10 peças: delicada penteadeira, banqueta estofada, roupeiro, 2 guarda-roupas, confortável cama com tela de arame, 2 mesinhas de cabeceira e 2 cadeiras estofadas. Finos adornos, perfumes, almofadas de seda, boneca vestida de seda róseo, cortina e colcha de filó. Segundo dormitório-cama com tela de arame, guarda-roupa com espelho biselado, mesinha de cabeceira, sapateira, colunas, cortinas, jarras, solitários, almofadas, colcha e enfeites de parede²⁹⁹

Os cômodos de recolhimento como os quartos despertaram atenções maiores quanto à arrumação, adornando e criando um ambiente que não estava mais restrito a seu proprietário, mas que também passou a ser vigiado pelos padrões da sociedade que primava pela ostentação da aparência e ao mesmo tempo guardando em si os silêncios da domesticidade. As fontes indicam uma necessidade de domesticar o cotidiano e os comportamentos frente aos conceitos de moradia ou de casa higiênica, abrindo gradualmente as portas da casa aos olhares do poder público.

O quarto pode ser considerado uma dependência da casa que muitas vezes simbolizava uma forma de fuga, lugar para descansar, dormir, afastar-se de barulhos e buscar recolhimento. Talvez, segundo Schapocochnik, o triunfo do culto da individualidade e privacidade que marcava sob cada objeto os traços da personalidade de seu dono, o guarda-roupa, a penteadeira, a cômoda, o biombo, a cama, a escrivaninha, materializavam a identificação de um espaço privativo.³⁰⁰

As paredes do quarto resguardavam a intimidade e os sentimentos de solidão e lembrança à medida que seus ocupantes o transformavam em um baú de lembranças, seja através de objetos como jóias, roupas ou como espaço de intimidade do casal, que com todos os cuidados evitavam barulhos que parecessem estranhos a um espaço de tranqüilidade e silêncio.

O olhar detalhista diante das fontes indica uma especialização dos espaços da casa, porém o quarto apresenta limites muito tênues com ações como costurar, ler, ouvir música. Outras ações dentro deste compartimento apontam representações variadas ao íntimo dos dormitórios que superam a função de resguardar o sono ou a intimidade do casal.

²⁹⁹ Jornal Folha do Norte 03 de Agosto de 1939 p. 12.

³⁰⁰ SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: História da Vida Privada no Brasil/coordenador-geral da coleção Fernando A. Novais; organizador do volume Nicolau Sevcenko. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (História da Vida Privada no Brasil;3) p. 509-510.

3.5 A VARANDA: CONVERSANDO.... COMENDO.... TRABALHANDO

Entre conversas, movimentações e serviços, a varanda encontrava-se na descrição do arrolamento dos inventários sempre muito próxima da alcova no pavimento superior e assoalhada de acapú³⁰¹, porém nos anúncios de leilões as varandas apareceram timidamente, deixando certos silêncios. Nos anúncios a disposição dos móveis da varanda assemelhava-se a sala de jantar, abrigando geladeiras, aparadores, guarda-louça, mesa elástica, louças, cadeiras, quadros.

A varanda, ao agregar objetos que também ocupavam a sala de jantar, aproximava-se das funções voltadas para a sociabilidade das refeições, para o café da tarde, um ambiente familiar ao reunir os seus membros para diálogos ou apenas para degustar as guloseimas. As presenças de objetos de descanso como cadeiras de balanço demonstram como esse espaço também pode ter servido como lugar de convivência e de circulação para várias pessoas.

Na visão de Carlos Lemos a varanda era um lugar de estar, reunião, comer, de trabalho, confundindo-se em alguns momentos com a sala de jantar. Para o autor tal cômodo é uma persistência cultural ao ser o ambiente de uma diversidade de atitudes que não podem ser definidas como únicas ou apenas sob a um aspecto do cotidiano.³⁰²

A coabitação de objetos com variadas funções, seja decorativos, para descanso, higiene, ou para alimentar, concede uma abertura para olharmos para a varanda não como um cômodo específico ou delimitando a certas atividades, mas que de acordo com o proprietário ela poderia assumir vários papéis. É relevante perceber que a habitação já ao longo do século XIX sofreu uma gradual especialização dos seus espaços, contudo essa delimitação poderia ser burlada pelos seus moradores.

A varanda e a sala de jantar, de acordo com o seu mobiliário, apresentavam linhas muito tênues. Em algumas casas notamos inclusive que a primeira às vezes assumia a função da segunda. Um leilão realizado em 1920 apresenta a varanda com a seguinte mobília:

³⁰¹ Inventário Ana Francisca de Carvalho Mesquita. Ano: 1920. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia). Caixa 192.

³⁰² LEMOS, Carlos A. C. **A República Ensina a Morar (Melhor)**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 24-28.

1 guarda-louça, aparador com mármore, espelho de cristal, 1 mesa elástica, guarda-comidas, 2 perfeitas geladeiras americanas, 1 máquina Singer, 10 cadeiras austríacas, 2 cadeiras de balanço americana, 1 pano de mesa, 1 relógio de parede, 4 quadros a óleo, um lavatório centro de mesa, taças, chavenas de porcelana japonesa, aparelho de meia porcelana de jantar, saladeira, paliteiro de prata, garrafas de cristal e talheres³⁰³

Os objetos de acordo com as suas funções aproximam a varanda em algumas moradias da sala de jantar³⁰⁴. Tal aspecto da varanda a distancia do estilo arquitetônico do período colonial, uma vez que nas cidades este espaço volta-se para os fundos, distanciando-se dos olhares e ganhando um ambiente reservado a família. O burguês urbano que habita na cidade impõe discrição e intimidade aos momentos de descontração vividos na varanda de sua residência.³⁰⁵

A varanda, semelhante à sala de jantar, com os aparadores e cristaleiras, ostentava as louças inglesas, as pratarias, a presença do vidro para exibir o conteúdo das estantes ou guarda-louças. A origem e a função destes objetos inseriam valores europeus ligados á etiqueta nos jantares, chás e almoços. Os detalhes dos talheres, com cabos de marfim ou de prata com 196 peças, nos indicam a ostentação relegada a estes objetos, e a entendermos as nuances de valores culturais e econômicas das classes abastadas.

Apesar da especialização dos compartimentos da casa, nem sempre sua função desempenhada de forma padrão pelos moradores, ampliando desta maneira que cada morador de acordo com suas especificidades irá fazer uso deste ambiente de forma diferenciada. Os móveis deixam pistas das ações de quem circula pela varanda, seja para refeições, conversas, preparo de algumas comidas ou arrumação dos pratos que iam ser servido, por outros poderia ser um lugar destinado ao descanso, com as cadeiras de balanços após as refeições.

A multiplicidade de funções ultrapassa a determinação e consegue envolver nos espaços a diversidade e até mesmo levar alguns a burlarem os elementos do público e do privado. A varanda parece expressar esse emaranhado de comportamentos indefinidos, seja como área de descanso, de refeição, de trabalho, de descontração, diálogo, ou todas essas ações concomitantemente.

³⁰³ Jornal Folha do Norte 06 de Junho de 1920 p. 8

³⁰⁴ Ver anexo quadros com os objetos da sala de jantar e da varanda na década de 20.

³⁰⁵ VERÍSSIMO, Francisco Salvador & BITTAR, William Seba Mallmann. In: **500 anos da casa no Brasil: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. p. 34.

3.6 A COZINHA

Ao tentarmos conhecer os ambientes de uma casa percebemos que caminhamos pela sala de visita, passamos por um corredor que divide muitas vezes a sala de jantar dos quartos distribuídos lado a lado, ao final destes uma varanda e indo mais adentro encontramos uma puxada ou extensão à parte da casa na qual avistamos a cozinha. Talvez o espaço físico destinado a cozinha tenha sido durante um longo período um cômodo que não fazia parte da casa, e o tratamento oferecido a cozinha muitas vezes fugia da rigidez transferida, por exemplo, a sala de jantar. Tido como um lugar de poucas pessoas, este espaço não oferecia comodidade ou conforto.

Para Maluf, a cozinha permaneceu até meados do século XX como uma extensão da casa, uma puxada mais próxima do quintal do que do interior da residência. Era um lugar quente, enfumaçado, engordurado pela carne seca, lingüiça, toucinho, em que os tijolos do chão desgastados pelas pancadas do machado na lenha, e ao mesmo tempo tinham que matar os insetos que rondavam um espaço com poucas características higiênicas.³⁰⁶

A cozinha paraense foi um espaço privilegiado para acompanharmos as permanências e rupturas em relação à vida material, uma vez que esse compartimento foi um dos principais alvos da engenharia doméstica, afinal moldar a casa, higienizar o cotidiano, são temas freqüentes na escolha dos objetos da casa. As informações sobre a cozinha foram esparsas, mas o cruzamento das falas da imprensa e dos inventários apresenta em parte o dia-dia vivenciado pelas famílias.

As notícias transmitidas através das fontes sobre a cozinha dão indícios de que este espaço não apresentava um valor significativo para os seus moradores entre o final do século XIX e início do XX, sendo considerado um espaço desorganizado e sujo. E tornou-se o foco central das autoridades ao tentar domesticar, higienizar e arrumar as residências.

Os documentos cartorários contribuíram para conhecer um pouco mais a cozinha, uma vez que são descritas no arrolamento do inventário os imóveis, sua estrutura arquitetônica e constituição material. Deixando fragmentos do lugar relegado a cozinha na moradia e a aparência física da mesma. Nos inventários post-mortem a cozinha é sempre descrita como parte de uma puxada da casa e como último compartimento, às vezes externo a

³⁰⁶ MALUF, Marina & MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do Mundo Feminino. In: História da Vida Privada no Brasil/coordenador-geral da coleção Fernando A. Novais; Organizador do volume Nicolau Sevcenko-São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (História da Vida Privada no Brasil; 3) p. 412.

casa. Algumas cozinhas apresentavam piso cimentado ou assoalhado de pau amarelo e acapú, em outros inventários a cozinha é simplesmente um compartimento oculto. Os silêncios mediante este espaço nos indicam seu significado para a sociedade da época.

O sobrado arrolado de um inventariado de nome Thomaz Areias³⁰⁷ foi avaliado em quarenta contos de réis e sua descrição afirma que o imóvel era constituído dos seguintes compartimentos: salão ladrilhado de mosaicos, sacada de ferro, gabinete de visitas, sala de refeições, oito quartos, dois compartimentos internos para despejos, terraço cimentado, banheiro e sentina inglesa. A cozinha não é mencionada em um prédio de alto valor. Essa lacuna permite inquirirmos que a cozinha por não simbolizar um espaço de valor perde-se diante da suntuosidade dos outros cômodos do sobrado, construindo assim uma idéia de hierarquia dos espaços no interior doméstico.

Na perspectiva de Nestor Goulart, construiu-se um tratamento arquitetônico e paisagístico atrelados a níveis de valorização social. A organização da casa, a quantidade e o tipo de decoração foram pensados em sentido decrescente das salas às cozinhas, onde principalmente o banheiro e cozinha sofreram restrições e tabus.³⁰⁸ Essa análise passou a ser repensada principalmente no início do século XX, pois o aperfeiçoamento dos alimentos facilitou o trabalho doméstico na cozinha, eliminando tarefas que foram sendo substituídas pelos enlatados.³⁰⁹

O cenário que faz parte da cozinha buscou clarear os objetos e a sua constituição material, atitudes estas materializadas através do uso de louças e panos claros, e materiais como o alumínio. Uma relação de bivalência entre material e limpeza foi construída para reformular os critérios de desinfecção da cozinha, na difusão dos elementos essenciais a manutenção da saúde da família nos domicílios.³¹⁰

A condenação do uso de materiais como o carvão era uma das recomendações defendidas para sanar a sujeira nas paredes e o excesso de fumaça. Assim, a organização da cozinha almejava repensar as práticas deste ambiente, tal como inseri-lo no conjunto da

³⁰⁷ Inventário de Thomaz Ferreira Areias ano: 1922. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória).

³⁰⁸ REIS, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2006 p.72.

³⁰⁹ SILVA, João. **O Impacto do Gás e da Eletricidade na casa paulista (1870-1930)**. Dissertação de Mestrado, FFLCH, História Social, 2002, p. 97.

³¹⁰ A lei nº 732 de 27 de Abril de 1872 já demonstrava uma preocupação sobre os fogões e chaminés das cozinhas, no projeto de estudo e aconselhamento da salubridade pública. Coleção de Leis do Estado (APEP). Apesar de o século XIX não ser o foco deste trabalho o uso da lei implantada em 1872 se fez importante, a medida que este artigo reiterava que a lei teria uma média de trinta anos para ser rigorosamente cumprida, logo significa afirmar que seus resquícios estavam nas práticas sanitárias do século XX e como sua implantação era um longo processo para alterar os “maus hábitos” apontados pelas autoridades públicas.

residência, em harmonia com arrumação e a ordem familiar presente nos demais espaços da casa.

Fogões

Os objetos dispostos na cozinha geralmente eram formados por fogão de ferro a querosene, carvão ou lenha, panelas, caçarolas de ferro, mesa, e em alguns momentos a presença da geladeira. Nos anúncios e leilões sempre se referem aos objetos da cozinha como “trens de cozinha” ou “bateria de cozinha”. Talvez o fato de serem utensílios comuns e ocuparem um espaço pouco valorizado explique a falta de detalhes acerca dos instrumentos no manuseio dos alimentos.

Os fogões assumiam nas cozinhas o papel central do cozimento das comidas, porém o que nos interessa é a estrutura deste fogão e os atropelos vivenciados por quem circulava neste cenário, uma vez que os fogões até o final da década de vinte eram em sua maioria a base de carvão ou lenha, exalando uma enorme quantidade de fumaça que sujava as paredes e panelas criando um aspecto sujo a este espaço. Até mesmo nos leilões dos sobrados e palacetes encontramos fogões a base de querosene ou carvão, demonstrando como tal característica não estava restrita as pessoas despossuídas de riqueza³¹¹.

O uso de fogões a gás já se faz presente por volta 1922. nos anúncios este fogão tinha uma estrutura de ferro com uma grade em cima distribuindo as bocas com capacidade para até três panelas e com forno na parte inferior³¹². A propaganda oferecia ou a instalação deste aparelho ou o aluguel. Os leilões até 1945 ainda traziam fogões a querosene e carvão paralelamente com fogões elétricos e a gás, essa permanência talvez se mostre presente em função do valor e do consumo que era necessário para mantê-lo.

Na visão de Maluf certas donas de casa que tinham o fogão a gás eram vistas como pessoas de bom gosto e prestígio, porém este fogão permanecia guardado, enquanto no dia-a-dia acendia-se o fogão a lenha ou a carvão, tido como mais econômico no preparo das refeições mais elaboradas. A cozinha higienizada, fornecida pela propaganda do jornal, baseada em panelas de alumínio, pia com água, fogão elétrico ou a gás, com avental impecável, simbolizava o modelo de cozinha higiênica.³¹³

³¹¹ No palacete da senhora Olívia Moema Lemos constava um fogo de ferro com chaminé. Jornal Folha do Norte 10 de Agosto de 1924 p. 8

³¹² Jornal Folha do Norte 20 de Fevereiro de 1922 p. 6

³¹³ MALUF & MOTT, op. cit., p. 413.

Apesar de oferecerem, segundo a propaganda, serviços a preços módicos na instalação dos fogões, a presença destes se dá de forma muito contida. Nas propagandas uma imagem de uma dona de casa vestida com avental e manuseando panelas formava o cenário da cozinha. Construindo uma idéia de cozinha ideal, o que nem sempre condizia com a prática

O papel propagador do jornal em certos momentos pode sugerir uma democratização no consumo de fogões a gás e elétrico, porém a Folha do Norte, jornal aqui citado, estava voltado para um público de famílias formadas em sua maioria por sujeitos com considerável poder aquisitivo, desta maneira uma possível generalização no uso pode provocar uma idéia de que todos absorveram a mudança por uma nova tecnologia, o que se contradiz com a permanência nos leilões de fogões a lenha ou carvão ainda em 1945.

A imprensa assumiu um papel importante de favorecimento às empresas e distribuidoras de objetos que ofertavam a superação dos hábitos sujos por uma forma prática e limpa de executar os serviços domésticos, não à toa que as sessões de venda no jornal reforçam os interesses de ambas as partes para estimular o consumo, usando o discurso da higiene e da manutenção da saúde familiar.

Embora pareça uma imagem harmoniosa aquela apresentada pelo anúncio, acreditamos que não era tão fácil as donas de casa lidarem com um novo sistema de botões e funções que os novos fogões traziam para os domicílios. As geladeiras também ocuparam a preocupação das donas de casas, quando notamos no discurso da propaganda a superação de problemas com o lançamento de outros modelos. Na visão de Vânia Carneiro, o fogão elétrico se firma através da condenação de velhos hábitos de cozinha, e o resultado disso foi o desprestígio da sabedoria das cozinheiras, que daria lugar a nova tecnologia, justificando em parte a negação das criadas às inovações, e o papel que foi dado a dona de casa de dominar os novos códigos e repassá-los a criadagem.³¹⁴

Ao longo das folhas dos jornais notamos que algumas geladeiras ficavam na cozinha justamente porque soltavam fumaça e faziam muitos ruídos, transpondo então para o espaço da cozinha esses “problemas” domésticos. O material e as formas da geladeira também se alteraram em prol do discurso baseado na higiene e no progresso da tecnologia da engenharia, introduzindo o esmalte como uma forma de evitar a ferrugem e o aspecto sujo ou de velho a este utensílio.³¹⁵

³¹⁴ CARVALHO, Vânia. **Gênero e Artefato**. Tese de Doutorado, FFLCH – USP, História Social, 2001, p. 209.

³¹⁵ Ver Anexo 6

As inovações apareciam, mas nem sempre isso significava a superação de um objeto pelo outro. As propagandas levam às vezes a precipitadas conclusões, pois em 1940 a marca General Electric já havia lançado um modelo de anos de pesquisa e inovador por permitir o fechamento do refrigerador de forma hermética, sem permitir o vazamento do ar. Além da G. Electric, marcas como a Philco e a Frigidaire já tinha lançado outros modelos. No entanto a permanência ou a convivência das geladeiras de madeira ou acapú ainda se faziam presentes nos domicílios respectivamente entre 1935 e 1939.³¹⁶

A paisagem da cozinha altera-se assim gradualmente com cores e materiais almejando controlar os serviços domésticos e seus usuários. A idéia de construir hábitos elegantes em substituição aos antigos hábitos, negligentes com a higiene, visava inserir uma prática doméstica com elementos revestidos de arrumação, regras, e limitações entre distinções sociais, quando associa sujeira a casas mais modesta.

Equipamentos elétricos

A racionalização espacial das casas e o aparecimento das cozinhas tendia a simplificar as atividades domésticas, ao percebermos uma infinidade de equipamentos em grande escala que agilizasse e contribuísse para novos comportamentos domésticos, a especificidade a cada ação podia ser visualizada nos aparelhos que as empresas estrangeiras inseriam no mercado dos utensílios domésticos:³¹⁷

Figura 11- Aparelhos Elétricos



Fonte: Jornal Folha do Norte 01 de Julho de 1945

³¹⁶Jornal Folha do Norte 17 de Março de 1939 p. 8

³¹⁷SILVA, João. **O Impacto do Gás e da Eletricidade na casa paulista (1870-1930)**. Dissertação de Mestrado, FFLCH, História Social, 2002, p. 79.

A General Eletric ao lançar a sua linha de aparelhos domésticos atrelava seu uso a práticas de economia doméstica e tempo para a realização dos serviços, torradeiras e cafeteiras para minimizar o preparo do café da manhã, ferros de engomar roupa sem a fumaça e o peso dos antigos ferros a carvão, misturadores de alimentos que não exigiam força física, aspiradores e enceradeiras para garantir a limpeza em tempo hábil. A característica física dos objetos, a praticidade e o conforto para executar o trabalho doméstico, afastou a idéia de trabalho com aspectos de desgastes físicos, assim, a dona de casa passa a desempenhar novos valores no interior do espaço doméstico.

Apesar de identificarmos uma inumerável quantidade de utensílios domésticos nas propagandas em Belém, não podemos deixar de destacar que a presença de antigos instrumentos e mecanismos domésticos que irão prosseguir, pois nos leilões encontramos uma enorme quantidade de fogões a carvão por volta de 1939, quando o fogão elétrico já era conhecido no mercado. Compreendemos que outras formas foram dadas ao uso do carvão e da lenha, fabricando fogões com tampas ou espaços que evitavam a proliferação da fumaça, o fabricante Dako em 1939 lança um modelo que atendia tais expectativas.³¹⁸

O custo e o fornecimento do gás e da energia elétrica é outro elemento que possibilita pensarmos o uso dos aparelhos elétricos ou a gás nas casas, as deficiências do sistema de energia elétrica apontados por Rocha Penteado nos permite questionar a proliferação de tais utensílios de forma tão acentuada como demonstram os jornais³¹⁹. Logo, o usufruto destes bens devia ser restrito àqueles que tinham privilégios econômicos e de moradia para fazer uso de tais objetos, não era só necessário comprar o aparelho, mas garantir condições para o seu uso.

O gás ganha um significado de superioridade em relação ao carvão, superando o uso dos hábitos atrasados do fogareiro, destacando através da propaganda a idéia de superação do atrasado em relação ao avançado. Porém a sua viabilização parece ter sido gradual à medida que o tempo perpassava e o carvão sobrevive como meio de preparação dos alimentos, demonstrando como as relações sociais estão inseridas nas rupturas e continuidades.

³¹⁸ Ver Anexo 4.

³¹⁹ PENTEADO, Antonio Rocha. In: **Belém-Estudos de Geografia Urbana 1º volume**. Belém: Universidade Federal do Pará p. 182.

A transformação dos espaços da casa, principalmente da cozinha, deve ser analisada a partir das singularidades econômicas e sociais, na perspectiva de que o progresso e o projeto modernizador não contemplaram toda a sociedade, mas aqueles que detinham elementos para absorver as inúmeras alterações em nome da higiene e do bem estar público. Isso permite então perceber que a elite paraense foi o segmento que buscou atender as exigências não apenas por motivos higiênicos, mas porque o sentido de limpo passou a denotar elegância, modernidade e sofisticação nas moradias.³²⁰

Na visão de Máximo a cozinha era considerada pelas autoridades médicas e públicas uma zona crítica que precisava de profundas transformações e que deveria ser moderna. E nesse no caminho para a modernização houve uma mobilização de engenheiros, arquitetos, médicos e autoridades públicas municipais e estaduais, o medo das epidemias e a falta de organização da cozinha passaram a ser alvo das preocupações, uma vez que as condições precárias pela falta de ventilação e de muita fumaça provocavam neste ambiente aterrorizava as autoridades.³²¹

A necessidade de mudar os “maus hábitos” dos moradores no que diz respeito às condições materiais adotadas nas cozinhas passou a ser a rotina das autoridades em conjunto com a propaganda. Em vista disso era urgente o aparelhamento deste espaço não só em sua constituição física, mas também nos utensílios usados no preparo dos alimentos. Logo o modelo de cozinha poderia ser seguido a partir do uso de fogões a gás ou elétricos, de painéis de alumínio, e uma excessiva presença da cor branca nos objetos para produzir ares de higiene e cuidados com a saúde da família.

Os objetos da cozinha ganharam um significativo papel e aos poucos moldaram o comportamento dos sujeitos, sua relação em conjunto com os valores culturais produziu seres sociais que serão personagens fundamentais na manutenção de um ambiente aconchegante e limpo. A dona de casa ocupou esse cenário e desempenhou funções indispensáveis na orientação e no uso destes aparelhos que aos poucos chegavam às residências, logo cabia a ela ensinar a empregada a conviver com as inovações tecnológicas capazes de tornar a vida doméstica mais eficaz e acima de tudo mais higiênica.

O objetivo deste capítulo foi apresentar os cômodos e objetos das moradias das famílias abastadas, identificando a função social e as práticas culturais vigentes entre os seus

³²⁰ João Maximo afirma que a falta de bens materiais nas moradias através do mobiliário era associado a pobreza em São Paulo nos primeiros anos do século XX. In: SILVA, João. **O Impacto do Gás e da Eletricidade na casa paulista (1870-1930)**. Dissertação de Mestrado, FFLCH, História Social, 2002, p. 88.

³²¹ Idem ibidem, 2008. p.151.

moradores. Apontando novas e antigas ações nos interiores domésticos no ato de receber visitas, de fazer as refeições, de dormir e cozinhar. Buscamos, enfim, no interior da residência, visualizar as mudanças e permanências de um modo de vida que estava imbricado por tensas relações entre valores culturais e a ampliação das práticas capitalistas do comércio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos ao longo da pesquisa compreender a vida material em Belém a partir do cotidiano das famílias abastadas e observar como os objetos chegavam até as residências ao ganharem significados atrelados a práticas culturais e de controle social. Assim analisamos a relação entre o poder público e o espaço privado da habitação para compreender o papel e o discurso do Estado na construção de uma sociedade “civilizada” e em direção ao progresso.

A tensão entre o poder público e as formas de morar apresentou mudanças na forma de “construir” e “arrumar” as casas, ao passo que o discurso da higiene permeou o planejamento de necessidades das casas. Porém tais relações estavam mais presentes nas casas das famílias abastadas, por serem possuidoras de condições econômicas para adotarem moldes de modernidade e progresso em suas residências.

As contradições da urbanização e o crescimento da cidade levaram a perceber como esse processo foi vivenciado de forma peculiar por vários setores do espaço urbano, bem como propiciou uma preocupação do Estado com a proliferação de moradias que fugiam as “regras” de higiene e salubridade no início do século XX. Por conta disso, as moradias apresentadas aqui buscaram inserir-se num padrão de moradia que para a época necessitava acima de tudo de bens materiais para seguir as normas impostas pelo Estado.

O conjunto das alterações econômicas em Belém por volta de 1920 contribuiu para notarmos a configuração e o fortalecimento de atividades atreladas à indústria, e como os novos rumos da economia fortaleceram o mercado interno das fábricas de móveis. Tais indícios permitiram concluir que os móveis tornaram-se mais frequentes no comércio e conviveu paralelamente com a produção externa que vinha principalmente de São Paulo e Rio de Janeiro.

A fabricação de móveis em Belém de estilos estrangeiros demonstrou como a sociedade construiu estratégias para acompanhar modelos de móveis de estilos europeus, e como tentou suplantar dificuldades de preço e acesso a tais objetos. Reforçando as peculiaridades regionais no caminho que almejava acompanhar o modelo de casa que estava dentro dos parâmetros da civilização européia.

Acompanhar a circulação e a origem dos objetos e utensílios domésticos foi um dos objetivos desta pesquisa, por conta da qual apontamos os lugares de venda, o ambiente de

divulgação através dos jornais com anúncios de leilões e propaganda. Tentamos visualizar as estratégias de uma sociedade capitalista que estimulava o cliente a sentir-se seduzido pelos benefícios da modernidade e da engenharia doméstica que usava como discurso a economia de tempo e dinheiro para as famílias que usufruíssem de tais tecnologias na época.

As notícias dos jornais auxiliaram a conhecer as formas de compra e venda de objetos que se davam principalmente através de exposições públicas, reforçando que a propaganda às vezes enaltecia a facilidade, quando o cliente teria que esperar um longo tempo para o seu pedido feito através de catálogo chegar até a sua residência. Acreditamos, assim, que tais exposições constituíram espaços de sociabilidade e de negócios, tendo como palco principalmente a Praça da República.

Compreendemos os leilões como espaços de consumo e sociabilidade em que seus freqüentadores, atraídos pela divulgação do jornal, podiam conferir cada detalhe dos objetos que seriam arrematados, mesmo que estes apreciadores, curiosos e eventuais compradores não adquirissem qualquer objeto posto à venda, o leilão por ser público era uma possibilidade de conhecer pessoalmente objetos que fugiam a realidade de alguns e fariam parte do cotidiano de outros.

A permanência de utensílios como o fogão a lenha e carvão na década de 1940, como é demonstrada pela leitura dos jornais da época, deixa lacunas para identificar as permanências e dificuldades dos consumidores de manusear as novas invenções da engenharia doméstica. O medo dos acidentes, de manusear os botões, de identificar o tempo de preparo das comidas evidencia as continuidades destes objetos por longos anos nas cozinhas convivendo lado a lado com o fogão mais moderno como o a gás e eletricidade, ou seja, as pessoas adquiriam estes últimos, mas usavam no dia-a-dia o fogão a lenha.

Ao mesmo tempo em que convivem paralelamente objetos recém criados pela engenharia e outros que já estavam no cotidiano dos moradores. Nesse contexto, percebemos que os primeiros expressavam sinais de privilégio, ostentação, pois os compradores, ao adquirirem os mesmos, estavam inserindo-se no caminho da modernidade. Além de que o espaço ocupado por este objeto na casa era muitas vezes não a cozinha, mas a sala de jantar para expor a posse de utensílios como a geladeira e o fogão.

A leitura e interpretação da propaganda dos jornais permitiu repensar a idéia de consumo excessivo dos produtos ofertados, uma vez que o discurso assumido pelos jornais com sua linguagem invocativa tenta divulgar a “facilidade” para adquirir os utensílios postos

a venda ou a arremate. Assim foi possível refletir sobre o papel que o jornal possuía como intermediário de uma sociedade capitalista em expansão, a qual se apoiava também na imprensa para construir através da imagem e de termos invocativos a adesão do cliente aos benefícios do capitalismo.

As novas formas de morar ampliaram os espaços da casa e legou funções aos espaços, criando preocupações com a organização e disposição dos objetos na casa. Os inventários foram fundamentais para perceber a diversificação dos espaços, a preocupação com os olhares das visitas, e com a impressão que a casa provocaria em seus visitantes.

A constituição material das casas, seu plano de necessidades, os móveis, a localização, indicam ícones demarcadores das famílias abastadas. A preocupação com a higiene, através das lajotas, do assoalho, da pintura e alvenaria evidencia formas de morar de uma minoria que dispunha de condições econômicas que permitia sua inserção nesta nova perspectiva de moradia.

As famílias abastadas foram aqui mencionadas a partir de indicadores como: ocupação e os bens que possuíam principalmente imóveis e objetos domésticos, logo os cargos que encontramos nos jornais das pessoas que leiloavam seus bens demonstra que estes eram sujeitos de prestígio social e ocupavam posições como: senador, funcionário do tesouro, cirurgião, engenheiro, tenente do exército, gerente de bancos estrangeiros, proprietária de cinema e comerciantes (nominados como do alto comércio).

O contexto econômico do chamado esforço de guerra mostrou-se importante para apontarmos as dificuldades de abastecimento, em que as empresas estrangeiras manifestavam os obstáculos não pelo bloqueio que a costa brasileira teria sofrido, mas principalmente porque representavam países como Estados Unidos e Inglaterra e no momento da guerra direcionaram sua produção para o conflito, porém atentavam que o mais rápido possível, os clientes iriam usufruir das novidades da modernidade.

Os cômodos e os objetos da casa das famílias abastadas foram analisados a partir de sua função e significado que possuía para o grupo, uma vez que as práticas culturais estão aqui imbricadas com a vida material, vistas não como resultado de necessidades biológicas, mas sim de valores e práticas culturais que interferem no modo de morar dos sujeitos que constroem ações e comportamentos no ato de morar.

Casa com amplos cômodos, de alvenaria, pintada, com lajotas na cozinha, no banheiro, passou a simbolizar conforto, higiene e comodidade. Tal conceito foi se

solidificando e ganhando significados peculiares pelos sujeitos que almejavam viver de acordo com os padrões de morar que seguiam o progresso da nação. Solidificando práticas como conforto e higiene para grupos formados por famílias abastadas.

O conforto foi mencionado aqui como uma busca constante das famílias abastadas, que interferiu diretamente na decoração das residências, nos objetos que adquiriam e principalmente na estrutura física da casa. Ao acompanharem novas perspectivas da arquitetura e da engenharia doméstica que usava o discurso da higiene.

O uso de objetos como cortinas, abajur, biscuits, bibelôs, quadros, sinalizava ares de conforto, prestígio e ostentação. Pois tais elementos eram uma forma autopromoção da família e do “bom gosto”, reforçando os laços de reconhecimento social do grupo ou da família.

Compreendemos que os objetos e a casa estiveram relacionados a práticas sociais que visaram moldar o comportamento de seus usuários e paulatinamente construir valores no ato de morar que se distanciavam das camadas mais pobres da sociedade, porém cabia a estes se adaptarem as mudanças. Os objetos expressaram, assim, formas de controle social, de organização do cotidiano e estratégias de identidade social entre as famílias abastadas de Belém.

A casa passou a ser o cartão de visita dos moradores. Nela, objetos como o relógio passaram a ser o responsável por controlar as ações e horários de visitas, limitando práticas e lugares específicos para os comportamentos dos moradores. Aos poucos estes objetos foram ocupando as moradias e refletindo a cultura dos grupos que as absorviam e levavam porta adentro tais práticas para o seu cotidiano, que às vezes por ser tão corriqueiro não permitia aos sujeitos perceberem a sua complexidade.

O significado social dos objetos passa a ser uma estratégia para compreender as tensas relações sociais que norteavam aqueles que no passado viveram de momentos prósperos convivendo com rastros deste passado através dos objetos que tinham um significado de privilégio social. Indicando desta maneira como objetos domésticos podiam expressar privilégios para uma família ao simbolizar status sociais.

Dentro do limite documental apresentado nesta dissertação, acreditamos que algumas lacunas ficaram evidentes principalmente na legislação do Estado e Município, uma vez que os decretos e leis aprovadas entre 1920-1945 que estão sob a guarda do Arquivo Público do Estado não trazem nenhuma referência direta sobre a construção de casas, porém a

documentação dos jornais mencionava a venda de casas que estavam de acordo com a lei. Os limites deixam indícios para a continuidade e o movimento constante para repensar e construir essa história.

A abordagem central desta pesquisa baseou-se na tentativa de destacar a vida material como elemento importante para analisar as relações sociais em Belém, ao possibilitarem enveredar pelo cotidiano dos sujeitos percebendo a interação entre estes e o significado dos objetos nas suas práticas culturais. Andando pelos cômodos e visualizando os objetos que ocupavam as casas tentamos traçar o modo de vida de seus usuários e o uso social destes utensílios nos interiores das residências.

Acreditamos que a perspectiva de um estudo baseado na vida material seja uma possibilidade de análise para repensarmos as permanências e continuidades vigentes na sociedade, os rastros do passado e sua constante mudança no presente podem ser observadas a partir do cotidiano, que às vezes por ser tão repetitivo parece simplório para quem o vive, representando um complexo movimento de tensões e relações sociais.

FONTES

Manuscritas

Testamento da Baroneza do Jaguarary 1875. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, (Centro de Memória da Amazônia/ UFPA).

Inventário de Thomasia Maria de Loureiro 1890. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, (Centro de Memória da Amazônia/ UFPA).

Inventário Ana Francisca de Carvalho Mesquita. Ano: 1920. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia). Caixa 192.

Inventário de Cássio Ronaldo dos Reis Junior ano: 1921. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Inventário de Thomaz Ferreira Areias ano: 1922. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Inventário de Claudina da Conceição Martins ano: 1922. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Inventário de Manoel Augusto Pinto do Souto ano: 1923. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Inventário de Paulina Mota Nogueira de Faria ano: 1924. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Inventário de Francisca Maria da Silva ano: 1925. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Inventário de Anna da Ponte Danin ano: 1925. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Inventário de Antonio José dos Santos Pinto ano: 1927. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Inventário de Luiz José Mendes Affonso. ano: 1928. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Inventário de Manoel Raymundo da Conceição. ano: 1928. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Inventário de José Fernandes de Brito. ano: 1928. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Inventário de Gracinda Pires Mourão. Ano: 1930. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia)

Inventário de Manoel Pinho de Campos Nogueira. Ano: 1932. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia)

Inventário de Juanita Goldblwm. Ano: 1932. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia)

Inventário de Simão José Benjó. ano: 1933. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Inventário de Atílio Galeazzi. Ano: 1933. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia)

Inventário de Manoel Lopes Sá . ano: 1935. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Inventário de Joaquim de Oliveira Campos. ano: 1935. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Inventário de Messody Sicré Benjó. ano: 1937. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Inventário de Francisco Romano Marques. ano: 1937. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Testamento e inventário de Francisco Bolonha ano: 1938. Acervo do Tribunal de Justiça do estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Inventário de Anna Serzedello de Faria Amorim. Ano: 1938. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Inventário de Anastácio Ferreira Monteiro. Ano: 1939. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia)

Inventário de João José de Freitas. Ano: 1940. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia)

Inventário de Otto Friedrich Heinrich Seggelk. Ano: 1942. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Inventário de Aline Vancoret. Ano: 1942. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Inventário de Militão Sanches Peres. Ano: 1943. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Inventário de Apolonia da Costa Teixeira Moreira. Ano: 1943. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Inventário de João Euclides da Silva. Ano: 1943. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Inventário de Domingos Rodrigues Novais. Ano: 1943. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, sob vigência da Universidade Federal do Pará (Centro de Memória da Amazônia).

Inventário de Arthur da Costa 1945. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, (Centro de Memória da Amazônia/ UFPA).

Inventário de Paulo Levinthal ano 1945. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, (Centro de Memória da Amazônia/ UFPA).

Inventário de Alexandre Augusto Pereira Gomes ano 1945. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará 11ª vara cível / Fabiliano Lobato, (Centro de Memória da Amazônia/ UFPA).

Impressas

Jornal Folha do Norte 07 de Abril de 1911 p. 8

Jornal Folha do Norte 07 de Janeiro de 1920 p. 06

Jornal Folha do Norte 04 de Janeiro de 1920 p. 08

Jornal Folha do Norte 21 de Janeiro de 1920 p. 06

Jornal Folha do Norte 25 de Janeiro de 1920 p. 08

Jornal Folha do Norte 10 de janeiro de 1920.p.6

Jornal Folha do Norte 18 de Janeiro de 1920 p. 6.

Jornal Folha do Norte 26 de Janeiro de 1920 p. 6.

Jornal Folha do Norte 02 de Fevereiro de 1920 p. 6.

Jornal Folha do Norte 18 de Fevereiro de 1920 p. 6.

Jornal Folha do Norte 15 de Março de 1920 p. 6.

Jornal Folha do Norte 01 de Abril de 1920 p. 3.

Jornal Folha do Norte 15 de Abril de 1920 p. 6.

Jornal Folha do Norte 13 de Maio de 1920 p. 6

Jornal Folha do Norte 30 de Maio de 1920 p. 6

Jornal Folha do Norte 06 de Junho de 1920 p. 8

Jornal Folha do Norte 14 de Junho de 1920 p.6
Jornal Folha do Norte 01 de julho de 1920 p.6
Jornal Folha do Norte 28 de julho de 1920 p.6
Jornal Folha do Norte 15 de julho de 1921 p.6
Jornal Folha do Norte 30 de janeiro de 1921 p.6
Jornal Folha do Norte 03 de janeiro de 1921 p.6
Jornal Folha do Norte 03 de julho de 1921 p.6
Jornal Folha do Norte 09 de Dezembro de 1921 p.6
Jornal Folha do Norte 03 de Janeiro de 1922 p. 6
Jornal Folha do Norte 20 de Fevereiro de 1922 p. 6
Jornal Folha do Norte 22 de fevereiro de 1922 p. 07
Jornal Folha do Norte 18 de Maio de 1922 p. 06
Jornal Folha do Norte 25 de Julho de 1922 p. 06
Jornal Folha do Norte 18 de Fevereiro de 1923 p. 8
Jornal Folha do Norte 25 de Julho de 1923 p. 8
Jornal Folha do Norte 03 de Agosto de 1923 p. 8
Jornal Folha do Norte 03 de Outubro de 1923 p. 2
Jornal Folha do Norte 25 de Janeiro de 1924 p. 6
Jornal Folha do Norte 24 de Fevereiro de 1924 p. 8
Jornal Folha do Norte 10 de Agosto de 1924 p. 8
Jornal Folha do Norte 21 de Setembro de 1924 p.2
Jornal Folha do Norte 21 de Outubro de 1924 p.7
Jornal Folha do Norte 16 de Setembro de 1924 p. 2.
Jornal Folha do Norte 12 de Novembro de 1924 p. 5
Jornal folha do Norte 25 de Maio de 1924 p. 4
Jornal Folha do Norte 25 de Fevereiro de 1925 p. 6
Jornal Folha do Norte 04 de Janeiro de 1928 p. 5.
Jornal Folha do Norte 08 de Janeiro de 1928 p. 4.
Jornal Folha do Norte 12 de fevereiro de 1928 p. 4.
Jornal Folha do Norte 07 de Janeiro de 1930 p. 4.
Jornal Folha do Norte 05 de Janeiro de 1930 p. 3.
Jornal folha do Norte 02 de Fevereiro de 1930.
Jornal Folha do Norte 07 de Janeiro de 1930 p. 4.
Jornal Folha do Norte 09 de Março de 1930 p. 8.
Jornal Folha do Norte 01 de janeiro de 1930 p.4.

Jornal Folha do Norte 13 de Abril de 1930 p.12.
Jornal Folha do Norte 06 de Maio de 1930 p.08.
Jornal Folha do Norte 13 de Maio de 1930 p.12.
Jornal Folha do Norte 15 de Julho de 1930 p.08.
Jornal Folha do Norte 05 de Agosto de 1930 p.08
Jornal Folha do Norte 08 de Janeiro de 1939 p. 13.
Jornal Folha do Norte 08 de Janeiro de 1939 p. 03.
Jornal Folha do Norte 09 de Janeiro de 1939 p. 13.
Jornal Folha do Norte 08 de Outubro de 1935 p. 09
Jornal Folha do Norte 18 de Outubro de 1935 p. 08
Jornal Folha do Norte 27 de Outubro de 1935 p. 09
Jornal Folha do Norte 07 de Novembro de 1935 p. 08
Jornal Folha do Norte 05 de Dezembro de 1935 p. 12
Jornal Folha do Norte 24 de Dezembro de 1939 p.4
Jornal Folha do Norte 08 de Janeiro de 1939 p. 03
Jornal Folha do Norte 17 de Março de 1939 p. 8
Jornal Folha do Norte 24 de Maio de 1939 p. 8
Jornal Folha do Norte 18 de Julho de 1939 p. 8
Jornal Folha do Norte 03 de Agosto de 1939 p. 12.
Jornal Folha do Norte de 27 de Agosto de 1939 p. 10
Jornal Folha do Norte 26 de Março de 1940 p. 06.
Jornal Folha do Norte 02 de Julho de 1940 p. 04.
Jornal Folha do Norte 07 de Julho de 1940 p. 7
Jornal Folha do Norte 07 de Janeiro de 1940 p. 3.
Jornal do Norte 26 de Março de 1940 p. 6
Jornal Folha do Norte 07 de Julho de 1940 p.6
Jornal Folha do Norte 01 de Janeiro de 1940 p. 2.
Jornal Folha do Norte 27 de Fevereiro de 1940 p. 08
Jornal Folha do Norte 01 de Julho de 1945 p.4.
Jornal Folha do Norte 09 de Janeiro de 1945 p. 6
Jornal Folha do Norte 03 de Março de 1945 p. 6
Jornal Folha do Norte 12 de Junho de 1945 p. 6
Jornal Folha do Norte 18 de Agosto de 1945 p. 8
Jornal Folha do Norte 04 de Janeiro de 1945 p. 6
Jornal Folha do Norte 04 de Abril de 1945 p. 2.

Jornal Folha do Norte 14 de Outubro de 1945 p. 03.
Jornal Folha Vespertina 05 de Fevereiro de 1941 p. 02
Jornal Folha Vespertina 07 de Fevereiro de 1941 p. 02
Jornal Folha Vespertina 13 de Fevereiro de 1941 p. 02
Jornal Folha Vespertina 28 de Fevereiro de 1941 p. 02
Jornal Folha Vespertina 03 de Março de 1941 p. 03
Jornal Folha Vespertina 10 de Março de 1941 p. 03
Jornal Folha Vespertina 19 de Junho de 1941 p. 03
Jornal Folha Vespertina 15 de Janeiro de 1945 p. 02
Jornal Folha Vespertina 16 de Abril de 1945 p. 03

Legislação:

Coleção de Leis do Estado do Pará 1920-1945 (Arquivo Público do Estado do Pará)

Coleção de Leis do Município de Belém 1920-1945 (Arquivo Público do Estado do Pará)

Mensagem dos Governadores (1925-1930) (Biblioteca Pública Arthur Viana –Centur)

Mensagem Apresentada ao Governo Legislativo do Estado em Sessão Solene (1920-1930) (disponível em site da Universidade da Colômbia –digitalizados na série de documentos do Brasil acessado em 28/06/2009.<http://catalog.crl.edu/search~S1?/tbrazil/tbrazil/1,69,70,B/1856~b1546339&FF=tbrasilian+govermm+ent+document+digitization+project+ministerial+reports+1821+1960&1,1,,2,0>).

REFERÊNCIAS

ALGRANTI, Leila Mezan. “Famílias e Vida doméstica”. In: SOUZA, Laura de Mello (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. S.P: Cia. Letras, 1997.

ANDRADE, Marta Mega de. In: **Práticas do espaço, experiência do corpo: Sennett e a cidade**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. Série Volume 4.

BAENA, Antônio Ladislau Monteiro. **Ensaio Corográfico sobre a província do Pará**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004

BARBUY, Heloisa. **A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914**. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2006.

BASSANEZI, Carla Pinsky (organizadora). 2. Ed.-São Paulo: Contexto, 2006

BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos Objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BELTRÃO, Jane Felipe. **Cólera, o flagelo da Belém do Grão Pará**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Universidade Federal do Pará, 2004

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

BRAUDEL, Fernand, 1902-1985. **Civilização material, economia e capitalismo séculos XV-XVIII**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BRUNO, Ernani Silva. **Equipamentos e Costumes da casa Brasileira**. Coordenadora-Geral da coleção Marlene Milan Acayaba; Organizadores do volume José Nilton Guerra, Renata da Silva Simões. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2001. V. 02. Construção e V.4. Objetos.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem**. Bauru, SP: Edusc, 2004.

_____. **Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do século XVII**. Brasiliense, São Paulo, 1991.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores**. Rio de Janeiro. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2001.

_____. **Cidade febril: cortiços na corte imperial.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CRUZ, Ernesto. **História da Associação Comercial do Pará.** Belém: Editora: Universitária. UFPA, 1996.

_____. **História do Pará.** Governo do Estado do Pará: Belém, ?

DIAS, Ednéia. **A Ilusão do Fausto.** Manaus: ed. Valer, 1999.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos Costumes.** Rio de Janeiro, Zahar. 1990.

FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **Desenvolvimento da Civilização material no Brasil.** Rio Janeiro: TOPBOOKS, 1ª ed: 1944; 2ª ed: 1971.

FREYRE, Gilberto. In: **Sobrados e Mucambos.** Rio de Janeiro: Record, 1998.

JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará.** Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004. (Coleção Ciclo do Extremo Norte).

LEMONS, Carlos A. C. **A República Ensina a Morar (Melhor).** São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **História da Casa Brasileira.** São Paulo: Contexto, 1989.

LIMA, Tânia Andrade. **Humores e Odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX.** Rio de Janeiro. Manguinhos, II p.44-96. 1996.

LORENZO, Helena Carvalho & COSTA, Wilma Pires da (orgs.). **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno.** São Paulo: UNESP, 1997.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. PINSKY, Carla Bassanezi (orgs). In: **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.

MARX, Karl. “Introdução [à crítica da economia política]. In: GIANOTI, J. (org). **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARINS, Paulo Garcez. “Habitação e Vizinhaça: Limites da Privacidade no surgimento das Metrópoles Brasileiras”. In: SEVCENKO, Nicolau (org.) **História da Vida Privada no Brasil: república da belle époque á era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MACHADO, Alcântara. **Vida e Morte do Bandeirante**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

MATOS, Maria Izilda. Cotidiano porta a dentro. In: **Cotidiano e Cultura**. Bauru - SP: dusc, 2002.

MENEZES, Ulpiano. **Memória e Cultura Material**. **Estudos Históricos**, vol. 11, 1998.

MOURÃO, Leila. Memória da Indústria Paraense. Federação das indústrias do Pará: Belém, 1989.

_____.O Museu da Casa Brasileira. São Paulo: Banco Safra, 2002.

NOVAIS, Fernando. **História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. Organização Laura de Mello e Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (História da Vida Privada no Brasil; 1)

PENTEADO, Antonio Rocha. In: **Belém-Estudos de Geografia Urbana 1º volume**. Belém: Universidade Federal do Pará.

PIRES, Mario Jorge. In: **Sobrados e barões da velha São Paulo**. Barueri, São Paulo: Manole, 2006.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó: Argos, 2004.

REDE, Marcelo. **História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material**. Anais do Museu Paulista, nova série, v.4, 1996.

_____.Estudos de Cultura material: uma vertente francesa. Anais do Museu Paulista, nova série v.08/09 v.09.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 11ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

RIBEIRO, De Campos. **Gostosa Belém de Outrora**. Belém: SECULT, 2005.

ROCHE, Roche. **História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

RYBCZNSKI, Witold. **Casa: pequena história de uma idéia**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SAMARA, Eni de Mesquita e TUPY, Ismênia Spínola Silveira Truzzi. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SAIA, Luís. **Morada Paulista**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SALLES, Vicente. **Épocas de Teatro no Grão Pará ou apresentação do teatro de época tomo 1**. Belém, Universidade Federal do Pará, 1994.

_____. In: **A Música e o Tempo no Grão Pará**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1980

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. **História econômica da Amazônia**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo. **Fortaleza: imagens da cidade**. 2. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: **História da Vida Privada no Brasil**. v.3/coordenador-geral da coleção Fernando A. Novais; organizador do volume Nicolau Sevcenko. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SARGES, Maria de Nazaré. **Riquezas Produzindo a Belle Époque**. Belém: Pakatatu, 2002.

_____. Memórias do “Velho Intendente” Antonio Lemos. Belém: Paka-Tatu, 2002.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SENNET, Richard. In: **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Sergio & SZMRECSÁNYI, Tamás (orgs). In: **História Econômica da Primeira República**. São Paulo: Hucitec, 2002.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo. **Fortaleza: imagens da cidade**. 2. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William S.M. **500 anos da casa no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

VIEIRA Jr. Antônio Otaviano. **Entre Paredes e Bacamartes. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha**. São Paulo: Hucitec, 2002.

VISSER, Margaret. **O Ritual do Jantar: as origens, evolução, excentricidade e significados das boas maneiras à mesa**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

VOLPI, Alexandre. **A História do Consumo no Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

WEISNSTEIN, Bárbara. **A Borracha Na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920**. São Paulo: Hucitec, 1993.

Artigos

ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros. Os interiores domésticos após a expansão da economia exportadora paulista. In: **Anais do Museu Paulista**. Vol. 12. jan./dez. 2004.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. Transformações do espaço habitacional ocorridas na arquitetura brasileira do século XIX. In: **Anais do Museu Paulista**. nº 1.1993. pp.95-129.

LIMA, Tânia Andrade. Chá e simpatia: Uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. In: **Anais do Museu Paulista**. Vol. 5, jan/dez. 1997. pp.93-123.

OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. Em casas térreas com alcovas. Formas de morar entre os setores médios em São Paulo, 1875 e 1900. In: **Anais do Museu Paulista**. Vol. 8/9. 2000-2001. pp.55 – 75.

REDE, Marcelo. Estudos de cultura material: uma vertente francesa. In: **Anais do Museu Paulista**. Vol.8/9, nº 9. 2003. pp.281-290.

ROCHA, Antônio Penalves. F. Braudel: tempo histórico e civilização material. Um ensaio bibliográfico. In: **Anais do Museu Paulista**. Vol. 3, jan. / dez. 1995. pp.239-249.

SYMANSKI, Luís Cláudio P. Grupos Domésticos, Comportamento de Consumo e Louças: O Caso do Solar Lopo Gonçalves. In: Revista de História Regional. Vol.2. nº 2 – Inverno 1997.

Dissertações e Teses

BATISTA, Luciana Marinho. **Muito Além dos seringais: elites, fortunas e hierarquias no Grão-Pará, 1850-1870**. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós Graduação em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

BUSSOLA, Diego. **A “modernização” dos lares lisboetas. Consumo de energia e electrodomésticos na Lisboa de após guerra (1947 – 1975)**. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Mestrado em História Social Contemporânea. Lisboa, 2004.

CARVALHO, Vânia. **Gênero e Artefato**. Tese de Doutorado, FFLCH – USP, História Social, 2001.

CANCELA, Cristina Donza. **Casamento e relações familiares na economia da borracha: Belém 1870-1920**. Tese apresentada ao Programa de Doutorado da Universidade de São Paulo (USP), 2006.

SOARES, Karol Gillet. **As formas de morar na Belém da Belle-Époque (1870-1910)** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2008.

SOUSA, Rosana de Fátima Padilha de. **Reduto de São José: história e memória de um bairro operário (1920- 1940)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2009.

GUIMARÃES, Luiz Antônio Valente. **As Casas & as Coisas: Um estudo sobre Vida Material e Domesticidade nas moradias de Belém-1800-1850**. Dissertação de mestrado: Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia. Belém, 2006.

LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes cearenses no Pará (1889-1916)**. Tese doutorado no Programa de Pós Graduação em História Social do Departamento de História, Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006

Sites

SILVA, João. **O Impacto do Gás e da Eletricidade na casa paulista (1870-1930)**. Dissertação de Mestrado, FFLCH, História Social, 2002.

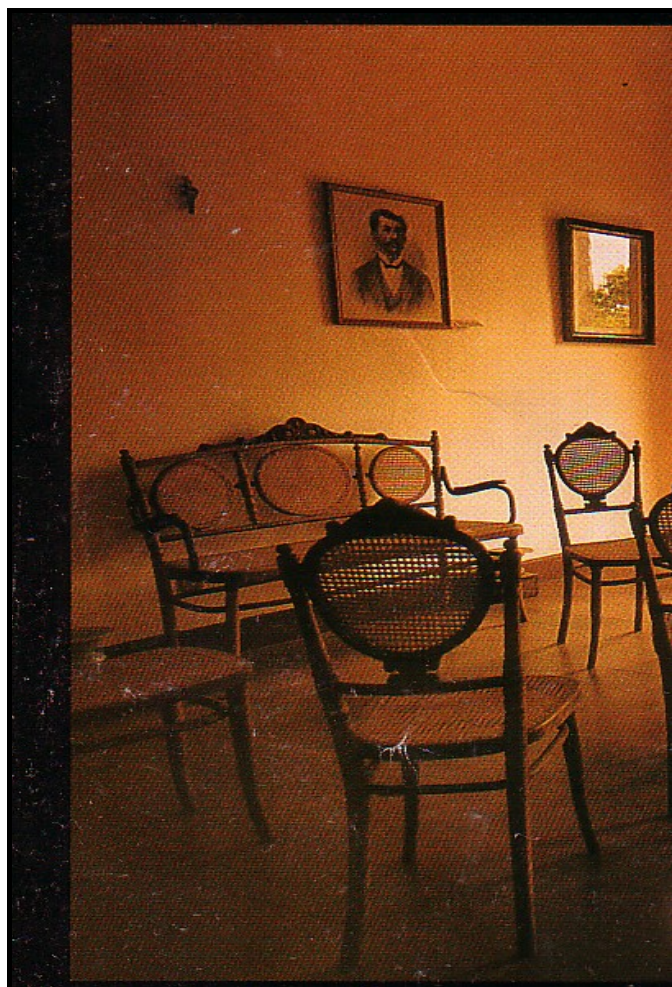
D'ANGELO, Martha. **A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin**. Estud. av. vol.20 no.56 São Paulo Jan./Apr. 2006,p.240.http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142006000100016&script=sci_arttext&tlng=ptAcessado em 08/11/2008.

DA COSTA, Viegas Fernandes. **O Livro e a leitura na modernidade**. p. 3 Disponível em: <http://www.espacodasophia.com.br/colaboradores/viegas_fernandes_da_costa_o_livro_e_a_leitura_na_modernidade.pdf>. Acessado em 15.01.2009.

ANEXOS

ANEXO 1

CONJUNTO DE PALHINHA



Encarte do Museu Casa Histórica de Alcântara (Maranhão)

ANEXO 2

PSYCHÉ



Fotografia do Museu Casa Histórica de Alcântara (Maranhão) Foto: Elane Gomes

ANEXO 3

Fogão DAKO



Jornal Folha do Norte de 27 de Agosto de 1939 p. 10

ANEXO 4

Quadro de Objetos da sala de jantar e Varanda

<p>Sala de Jantar</p> <p>Década de 20</p>	<p>Objetos : majestoso completo em canela em estilo inglês, esculpturados com trabalho de talha, mármore escuro e vidros bisotados, contendo um guarda louça com coluna, porta cristais, um trinchante, mesa elástica 24 talheres, 12 cadeiras couro repouse, pano aveludado para mesa, coluna de jacarandá, noqueira e ébano, cachepots em porcelana, faiança: medalhões com aves embalsamadas, perito regulador pendulo em caixa de noqueira, medalhões japoneses ditos em alto relevo, elegante completo vinhático, mármore cor de rosa, vidros gravados e espelhos de cristal, guarda-comidas, guarda pratos com fundo e prateleiras forrada, uma mesa elástica, louças de porcelana, chá e café, xícaras japonesas, compoteiras, fruteiras, garrafas e copos, tudo em cristal de baccarat, serviço de eletro plate para café, bandejas, centro de eletro-plate</p>
<p>Varanda</p> <p>Década de 20</p>	<p>Objetos: mesa elástica 40 talheres, louças, aparador, trinchante, relógio de parede, aparelho de porcelana para jantar, garrafas para vinho, lote de taças de cristal, talheres e colheres, gramophone, galheteiro, cadeiras avulsas 9 peças, escarradeiras, máquinas de costura, cadeiras de embalo, 1 filtro de mesa, 2 estatuetas, quadros, completo de varanda carvalho com enfeites de metal com portas e prateleiras de cristal, lavatório de mesa em metal, bandejas, saladeiras, cálices,</p>

ANEXO 5

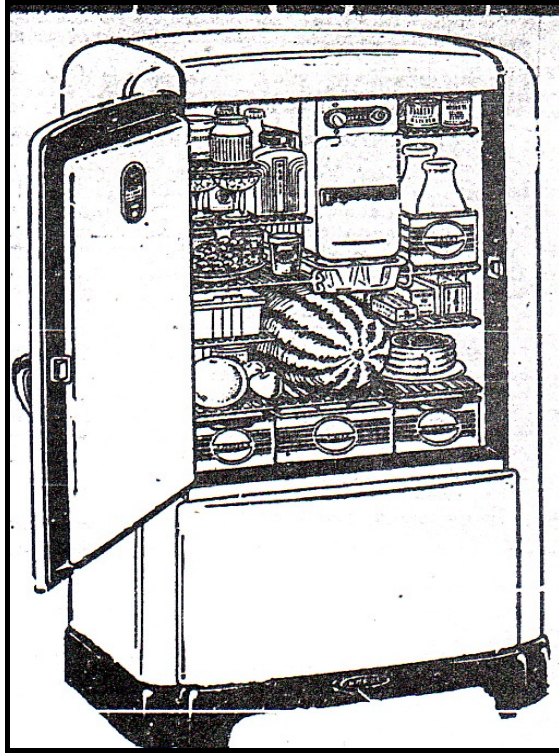
GELADEIRA AMERICANA DE ACAPÚ DA GENERAL ELETRIC ANO DE 1920



Antiquário: Disponível em: <<http://lista.mercadolivre.com.br/geladeiras-antigas>>. Acessado 12/2007

ANEXO 6

GELADEIRA DE MARCA ELETROLUX ANO 1935



GELADEIRA DE MARCA NORGE 1939

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA, Belém-PA)

Gomes, Elane Cristina Rodrigues

Vida material: entre casas e objetos, Belém 1920-1945 / Elane Cristina Rodrigues Gomes; orientador, Antonio Otaviano Vieira Junior. - 2009

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2009.

1. Belém (PA) - Usos e costumes. 2. Família - Belém (PA) - Condições sociais. 3. Belém (PA) - História, 1920-1945. I. Título.

CDD - 22. ed. 390.098115
